

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

JOUBERTH GANDHY MARANHÃO PIORSKI AIRES

**O BRINQUEDO E A IMAGINAÇÃO DA TERRA: UM ESTUDO DAS
BRINCADEIRAS DO CHÃO E SUAS INTERAÇÕES COM O ELEMENTO FOGO**

**JOÃO PESSOA
2013**

JOUBERTH GANDHY MARANHÃO PIORSKI AIRES

**O BRINQUEDO E A IMAGINAÇÃO DA TERRA: UM ESTUDO DAS
BRINCADEIRAS DO CHÃO E SUAS INTERAÇÕES COM O ELEMENTO FOGO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, para a obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Área de Concentração: Religião, Cultura e Produções Simbólicas.

Orientadora: Profa. Dra. Eunice Simões Lins Gomes

João Pessoa
2013

JOUBERTH GANDHY MARANHÃO PIORSKI AIRES

**O BRINQUEDO E A IMAGINAÇÃO DA TERRA: UM ESTUDO DAS
BRINCADEIRAS DO CHÃO E SUAS INTERAÇÕES COM O ELEMENTO FOGO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, para a obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Área de Concentração: Religião, Cultura e Produções Simbólicas.

Orientadora: Profa. Dra. Eunice Simões Lins Gomes

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Profa. Dra. Eunice Simões Lins Gomes
Instituição: UFPB



Co-orientador: Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos
Instituição : USP

Profa. Dra.: Dilaine Soares Sampaio
Instituição: UFPB

João Pessoa
2013

Dedico este trabalho à bisavó, Domingas, parteira desde sempre, de pés descalços, moradora de palafitas de palha da baixada ocidental maranhense. À sua filha, minha querida avó Martinha, de olhos azuis profundos, de pés descalços, branda de palavras, pobre de vestes e tesoureira das pedras preciosas da infância que vivi. E a seu filho, meu pai Josadá, que logo, na próxima aurora, fará 80 anos, por ter me permitido um acordar calmo e vida espiritual, herdada de minhas ancestras mães maiores.

Nesta linhagem das heranças, à minha mãe Maria, que há muito se foi, dedico esse estudo com vênica e agradecimento pelo seu carinho e senso profundo de ninho: espelho da maternidade de Deus.

Dedico ainda, toda esta jornada de pesquisa à presença silente, forte, amiga e encantadora de ‘minha’ Georgia Mastroianni.

AGRADECIMENTOS

Às crianças que contribuíram para a efetivação da pesquisa, que, na sua simplicidade mostraram o encanto do brincar livre.

A meu irmão Max Maranhão por sua perspicácia e ética como pesquisador, por tantas horas de convivência e frutuosas conversas antropológicas, que muito me orientaram em todos os anos desta pesquisa.

Renata Meirelles, amiga de infâncias, pesquisadora aguda das minúcias do brincar, foi quem primeiro, num sussurro amoroso me trouxe para ouvir mais. Um precioso encontro ela conspirou. Conheci meu querido professor e co-orientador Marcos Ferreira Santos, um guardião generoso de chaves, destrancador de portas, escafã de almas, que me levou, como um corisco, à Paraíba e depositou-me de um só fôlego nas diligentes mãos, dadas ao cuidado e ao servir, de minha orientadora Eunice Simões Lins Gomes.

Essas três pessoas me levaram a confluências inolvidáveis de conhecimento e aprendizado. Dentre tais quero destacar o breve, mas profícuo encontro com a professora Dilaine Soares Sampaio e suas preciosas considerações num momento crucial de meu estudo. Destaco também a professora Maria Lúcia Abaurre e sua forma aberta e propositiva de transmitir o conhecimento.

A essas pessoas agradeço como quem canta: quando todo canto é reza.

RESUMO

O presente trabalho investiga as matrizes simbólicas enunciadas nas práticas do brincar. O brinquedo construído pela criança propõe um ordenamento, uma tutoria energética inerente às camadas profundas do imaginário e dialoga com um amplo campo de experiências arcaicas do homem tradicional. Inscrevendo o brincar livre no território das grandes imagens, nas formulações numênicas da imaginação. Tendo como fundamentação a filosofia das imagens de Gaston Bachelard e a hermenêutica simbólica, abrimos esta proposição investigativa em torno da vida lúdica na infância. A partir da ideia bachelardiana dos quatro elementos, trabalharemos com o elemento terra na investigação das práticas da criança em comunidades tradicionais vinculadas ao mundo natural. Investigaremos em conjunto, as confluências e impressões imaginárias com o elemento fogo. Quando a imaginação do fogo ampara-se da terra para forjar nascimentos no centro da brincadeira. Aponta, assim, o nosso estudo, para o construto de uma terapêutica social germinada no brincar.

Palavras-chave: Criança. Imaginação. Brinquedo. Natureza. Brincar. Imaginário. Sertão.

ABSTRACT

This paper investigates the symbolic matrices listed in the practices of play. The toy built by the child proposes a planning, tutoring inherent energy to the deep layers of imagery and dialogue with a wide field of archaic experiences of the traditional man. Entering the free play in the territory of the great images in the formulations of the noumenal imagination. Having as foundation philosophy of pictures of Gaston Bachelard and symbolic hermeneutics, opened this proposition investigative around life playful childhood. From Bachelard's idea of the four elements, work with the earth element in the investigation of the practices of the child in traditional communities linked to the natural world. Investigate together the confluences and imaginary impressions with the fire element. When imagination sustains fire from the earth to forge births in the center of the game. Points, so our study to construct a social therapy germinated in play.

Keywords: Child. Imagination. Toy. Nature. Play. Imaginary. Hinterland.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Tabula Cebetis.....	32
Figura 2 - Boneca de sabugo de milho.....	56
Figura 3 Boi de cera de abelha.....	58
Figura 4 - Modelagem do boi de barro.....	58
Figura 5 - Queima do boi de barro no fogão a lenha.....	59
Figura 6 - Bola de papo de peru coberta com látex natural.....	60
Figura 7 - Boizinho de osso feito da vértebra da coluna do boi com cела de couro.....	61
Figura 8 - Caminhão de lata - o mundo interior das pequenas cabines.....	62
Figura 9 - Unhas postiças de pétalas de flores.....	63
Figura 10 - Adornos de pétalas.....	64
Figura 11 - Pintura corporal das crianças - Vale do Omo – Etiópia.....	65
Figura 12– Fazendinha do fruto da Oiticica.....	65
Figura 13 - Encaixes de sabugo de milho (Lego do Sertão)	66
Figura 14 - Galinhas d'Angola da vagem do Pereiro.....	66
Figura 15 - Fazendinha de Melão de São Caetano.....	67
Figura 16 - Boi da flor da bananeira.....	67
Figura 17 - Porco espinho de Melão de São Caetano.....	68
Figura 18 - Casinha de Folhas de Bananeira.....	69
Figura 19 - Casinha de sabugos de milho.....	70
Figura 20- Bolsinhas de guardar segredo.....	71
Figura 21 - Casinha de varas de marmeleiro.....	73
Figura 22- Gruta de brincar.....	74
Figura 23 - Sepultura para piabas.....	76
Figura 24 - Cemitério de piabas.....	77
Figura 25 - Brincadeiras de devoramentos e monstros de sombra.....	79
Figura 26 - Boi e vaqueiro de ossos de boi. Arreios e gibão de couro.....	86
Figura 27 - Casinhas de pequenas portas.....	89
Figura 28 - Redinha com mãe e filha - bonecas de pano em casinha de bambu.....	90
Figura 29 - Forças do afinco - toda concentração na feitura do carrinho de lata.....	91
Figura 30 - Construção do casco de um barquinho com enxó -ferramenta de carpinteiro.....	93
Figura 31 - Todo o corpo na luta material.....	94
Figura 32 - Construção do casco do barquinho - uso da goiva.....	95
Figura 33 - Estaleiro de brincar - construção coletiva de barquinhos - Peroba – CE.....	96
Figura 34 - Construção das rodas de um carro – borracha.....	98
Figura 35- Estruturas e casinhas de sabugo de milho.....	99
Figura 36 - Esforço muscular, combate com a matéria - construção de carro.....	100
Figura 37 - Menina de lama - lama de mangue.....	107
Figura 38 - Trocar a pele com cola branca.....	108
Figura 39 - A captura do vôo - Lajedo – CE.....	109
Figura 40 – O fogo da liberdade – Filosofar pelo fogo.....	109
Figura 41 - Construção e imagem do carro de joborna.....	115
Figura 42 - Brincadeira de guisado - casinha de bambu - Lajedo - CE.....	117
Figura 43 - Preparo das comidinhas com o fogo.....	118
Figura 44 - O fogão à lenha é o centro do brincar das casinhas.....	118
Figura 45 - Os dedos e a modelagem do barro.....	120
Figura 46 - Casal de mãos dadas - barro e adornos vegetais.....	120
Figura 47 - Panelinhas, pratos, pequenos animais-barro queimado nas fogueiras	121
Figura 48 - Panelinhas e sementes – barro esculpido e queimado nas brincadeiras.....	122

Figura 49 – Pratos, panelinhas, bules e bucha natural para lavar os utensílios.....	122
Figura 50 - Lampadadromia do brincar - palha de aço e fogo.....	127
Figura 51 - Chispas da forja do brincar.....	127
Figura 52 - Menino Vulcano.....	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. O ITINERÁRIO DA PESQUISA.....	22
1.1 A base elementar.....	23
1.2 Motivações de estudo.....	27
1.3 O percurso da pesquisa.....	36
1.4 A criança, o brinquedo e o sagrado.....	46
2 OS BRINQUEDOS DA TERRA E A IMAGINAÇÃO DA INTIMIDADE.....	51
2.1 Brinquedos da extroversão.....	55
2.2 A repercussão do brincar.....	68
3 BRINQUEDOS DA TERRA E A IMAGINAÇÃO DA RESISTÊNCIA.....	83
3.1 Brinquedos da vontade.....	83
3.2 O fogo da terra no brincar.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS.....	135

1 INTRODUÇÃO

Queremos, com este trabalho, encontrar rastros, evidências no brincar, da alma da criança. Para tanto, devemos investigar os tantos ramos e cachos de imagens nascentes nesta laboração lúdica. Quem nos fala dos cachos de imagens poéticas é Bachelard. Pelo novelo deste epistemólogo das imagens, buscamos desvelar uma semântica diferente da sua, que não é propriamente, a imaginação poética dos poetas. Vamos ao encontro, certamente, de uma imaginação da esfera poética, porém na infância. Nosso tema, há tempos, soterrado pela prerrogativa do culturalismo, tem o caráter do gesto no brincar. Aqui, diferente de Bachelard e sua inquisição de palavras literárias, centramo-nos nas narrativas do artefato da criança e na fenomenologia das impressões do brincar.

Procuramos apontar, como objetivo geral, os caminhos que nos levam a uma “eficácia simbólica” (DURAND, 1995, p.45) da brincadeira. Mostrando que a criança, em liberdade criativa, recria uma terapêutica social acessando os “hormônios simbólicos” (DURAND, 1995, p.45) guardados em sua imaginação e na própria cultura. Acessando núcleos de imagens que servem de “tutor energético” (DURAND, 1995, p.45) para sua autoeducação, encontrando nessa autoinstrução a natureza como fonte de energia criadora, fonte “endócrina” do dinamismo imaginário do brincar.

Nosso objeto de estudo é o brinquedo. Não qualquer brinquedo, mas o brinquedo construído pela criança, dos restos de materiais, dos materiais da natureza. Nosso objetivo com o brinquedo é acompanhar e auscultar o que pulsa por sob a pele do objeto e de como ele é utilizado na brincadeira. É encontrar, no campo do artefato, a face icônica que nos leva à alma da criança, no sentido alemão *sinnbild* da palavra símbolo, como explicita Ferreira-Santos (2004, p.145):

Aqui a palavra *sinn* significa ‘sentido’ e a palavra *bild* significa ‘forma’. Todo símbolo teria essa dupla injunção de uma forma, isto é, de uma casca superficial de seu aspecto mais visual, icônico que comporta e conduz um determinado sentido, e esse sentido (ao contrário da casca superficial descritível) nem sempre é explícito, nem sempre é dizível. Este sentido é vivenciável, mas, dificilmente, dizível.

Para melhor descrever nosso objetivo com esta pesquisa, faz-se necessário, antes, situarmos alguns termos, seus sentidos e implicâncias. Cascudo quando descreve algumas referências acerca das populações indígenas na ludicidade brasileira, nos apresenta o *etmos* de brinquedo em *nheengatu*:

Stradelli informa que brincadeira, brincar e brinquedo, em *nheengatu*, diz-se *Musaraingáua*, *Musarain* e *Musaraintáua*. Provirá de *sarain*, esquecido e *mu*, prefixo verbal que torna o verbo transitivo. *Musarain* é realmente “fazer esquecer”. O sufixo *táua* vale terra, lugar. *Musaraintáua*, terra, lugar, canto onde se faz o esquecimento, onde nos esquecemos (CASCUDO, 2002, p.250).

Trata-se o brinquedo como um lugar de viver o extemporâneo, de viver as impressões de um ‘outro’ lugar, de ‘esquecer’ a objetividade do mundo. O esquecimento, o distanciamento do mundo real como porta e aproximação, como intuição do tempo ‘fora da sucessão homogênea’ (ELIADE, 2001, p. 52) cronológica do espaço e da vida social. Como intuição do ‘destino’, em Durand, ou uma ‘Poética do Espaço’ em Bachelard, que descreve o espaço poético, fantástico, continente, destinado a comprimir o tempo e preservar o ser de seu escoamento inevitável (DURAND, 2002, p. 408). Também, o espaço euclidiano tratado por Durand (2002, p. 409), como ‘o espaço, as formas a priori da fantástica’, fundamento eufemizante nas estruturas do imaginário, cabe aqui como o lugar do esquecimento.

Por outro lado, numa outra perspectiva, contrária até ao sentido espacial que a etimologia da palavra em *nheengatu* contém, como esquecimento de um tempo exterior - mas que fundamenta nossa intenção em tratar o brinquedo como ‘lugar’ do esquecimento - a dimensão de reminiscência em Ricouer (2007, p. 449) denota a verticalidade do esquecimento: “esquecimento profundo, primordial (que alcança) um fundo mítico do filosofar [...]”. Nesse sentido, toda origem, tomada na sua potência originante, revela-se irreduzível a um início datado e, nessa condição, está ligado ao mesmo estatuto do esquecimento fundador.

O percurso de uma hermenêutica simbólica do brincar da criança, nos leva à investigação desse estatuto fundador, do interesse pela origem originante, esquecida do consciente cultural, mas resguardada, ao que tudo indica, em potência e latência na imaginação criadora do brincar. O lugar do esquecimento é o lugar ativo potencial de toda ‘doação originária’ [...] “se por esquecimento se entende o imemorial recurso e não a inexorável destruição” (RICOEUR, 2007, p. 451).

O brinquedo proveniente da experiência livre da criança em contato com a natureza é nossa porta de entrada rumo a essas reservas simbólicas da produção humana. A concepção de Ricouer acerca do esquecimento fundador casa-se, no nosso entendimento do brinquedo, como o lugar em que a criança encontra toda sua capacidade originante e criadora. Não

trabalharemos, entretanto, com a ideia do ‘esquecimento’ em si e o brincar; apenas o citamos na etimologia *nheengatu* e no personalismo de Ricouer (*op. cit.*), para dar a devida dimensão de nosso entendimento do brinquedo. Logo adiante, quando situamos o que entendemos por criança, inteiramos, ainda mais, essa ideia generativa à circularidade de nossa abordagem.

Recorremos, portanto, ao que Durand (1995, p. 41) chama de ‘numenologia das imagens’, para reconhecer que a profundidade da alma da criança é capaz de construir uma verdadeira terapêutica social pela brincadeira. Pretendemos encontrar a entrada desse vasto cosmos de valoração nascido do brincar. É claro, em nosso intento, o desejo de evidenciar que a criança, escavando grotas na matéria imaginária, alicerça seu aprendizado de transcendência, seu contato com as potências da vida, contato que garanta reserva de vida, tutoria energética para o tempo adulto.

Tais reservas originantes, na experiência da criança, denotam em nossa investigação aquilo que Cassirer (2004, p. 119) aponta como os “degraus inferiores do pensamento mítico.” Entretanto, para chegarmos a essas camadas e seus degraus, necessitamos antes, situarmos nossa compreensão de criança para, a partir daí, esclarecermos em que medida aproximamo-nos da antropologia filosófica de Cassirer, da teoria geral do imaginário e seus recursos hermenêuticos e da fenomenologia das imagens de Bachelard.

Situemos, então, o que entendemos neste trabalho por criança, a partir de Ferreira Santos (2012, p.7), ainda no prelo,

Consideramos, no esteio de uma antropologia personalista (N. Berdyaev, E. Mounier, P. Ricouer, J. Lacroix, entre outros), a criança como pessoa. Isto quer dizer que ela também é uma construção aberta e permanente (sempre inacabada) entre dois grandes vetores: de um lado as intimações do mundo, do meio cósmico e social, do reino das objetivações, das imanências e das resistências da matéria; e de outro lado, as pulsões primevas, os desejos, as vontades, o impulso à transcendência e o princípio criador.

Nesse ensejo do mundo, por um lado, e das pulsões primordiais, por outro, a alma da criança copula estados originários, um estamento de possibilidades e poder gerador em seus primeiros impulsos.

Há, entretanto, um ponto fundamental para nosso prisma hermenêutico que demarcamos como peculiaridade dessa criança pessoa: uma base ontológica que se insinua permanentemente nas experiências da origem. O diálogo e as lutas da criança com o mundo repercutem e ritmam experiências distantes da linearidade racional e vivem, por isso mesmo,

permanentemente ativadas - pelo reino simbólico - de um poder criador e gerativo incomuns. Distanciamos inclusive as comparações feitas por Nietzsche de sua alma (a alma da criança) com a experiência anímica do artista ou do louco, diz

“Neste mundo, só o jogo do artista e da criança tem um vir à existência e um perecer, um construir e um destruir sem qualquer imputação moral em inocência eternamente igual. E, assim como brincam o artista e a criança, assim também o fogo eternamente vivo, constrói e destrói com inocência – e esse jogo joga-o o Eão (Aiôn) consigo mesmo” (NIETZSCHE, 1995, p. 49)

Sem entrar no mérito desta temporalidade do devir, o *Aiôn*, mesmo reconhecendo que o tempo do agora Heraclítico, revisitado por Nietzsche, é o tempo em que vive a criança, excluimos tais paralelos entre a criança e o artista. Especialmente quando nos dirigimos a esse caldal originante que conduz a criança, pois não há, ainda, qualquer ruptura do invólucro mitológico, nos primeiros anos, na experiência da criança. Seu contato com o simbólico ainda não alcançou o fluxo linear da consciência que formula o tempo (*kronos*), visto que, ao contrário, está a prepará-la no espaço do eufemismo imaginante.

O artista e o louco, por outro lado, perfazem ou perdem-se no percurso de retorno a este estado. Têm, com a consciência, uma luta de ruptura com seu fluxo analítico, um embate pela irracionalidade. A criança ainda não conhece a razão analítica, vive ainda nativa no que Cassirer chama de “juízo sintético” (CASSIRER, 2004, p.118).

O mundo objetivo não é construído pela criança, a partir de uma conceituação de formas ideais, por um “juízo analítico” (CASSIRER, 2004, p.118) que cria uma ‘identidade’ ‘conceitual’ às relações. Ao contrário, sua construção participa do pensamento mítico cuja síntese estabelece uma unidade de toda a diversidade. Nesse campo do pensar, os ‘componentes’ das relações não se estabelecem por uma reciprocidade idealizada, mas fazem-se uma mesma coisa, adquirem uma unidade substancial. Tudo aquilo que é tocado pelo pensamento mítico, pensamento da criança, adquire um caráter de essência e concretude. Diz Cassirer: “o pensamento mítico revela-se, nesse traço, como um pensamento ‘concreto’, no sentido próprio da palavra: o que quer que apreenda, experimenta uma singular concreção, cresce em conjunto” (CASSIRER, 2004, p.120).

Tal concretude desconhece, e não tem qualquer vínculo com a necessidade de harmonizar diferenças conceituais, discriminações que raptam a igualdade essencial. O artista singra, nessa busca da síntese, por querer a transcendência do jogo das razoabilidades

conceituais da consciência. O louco despenca no terror das forças sintéticas, nas camadas iniciais e demoníacas do mito, “dominado pela mais elementar vida pulsional sensível” por não suportar a “superordenação e subordinação sistemáticas de causas e efeitos” (CASSIRER, 2004, p. 118).

A criança, ao que tudo indica em nossa investigação do brincar, especialmente a criança dos primeiros sete anos, desconhece o desejo de transcender. Só o tem aquele que um dia perdeu essa comunhão sintética. Não a tendo perdido, não se sabe tendo-a. Aí está a essencial identificação do termo criança em nosso estudo: a criança não deseja, ela própria é transcendência. Seu ‘impulso à transcendência’, às origens, é primazia de diálogo com o mundo. Seus conteúdos sinergizam no originante. A morte não nos parece sua prerrogativa seu evento desencadeador de subjetivação do mundo, a partir do que nos diz Durand:

É nisso que consiste a ‘aura’ estética que nimba a infância; a infância é sempre e universalmente recordação da infância, é o arquétipo do ser eufêmico, ignorante da morte, porque cada um de nós foi criança antes de ser homem... Mesmo a infância objetivamente infeliz ou triste de um Gorki ou de um Stendhal não pode subtrair-se ao encantamento eufemizante da função fantástica. A nostalgia da experiência infantil é consubstancial à nostalgia do ser. Embora a infância seja objetivamente anestésica, dado que não tem necessidade de recorrer à arte para se opor a um destino moral de que ela não tem consciência, qualquer recordação de infância, graças ao duplo poder de prestígio da despreocupação primordial, por um lado, e por outro da memória, é imediatamente obra de arte (DURAND, 2002, p. 402).

Para melhor investigar esse pensamento, pois aqui convém maior aprofundamento, retornemos à concavidade arquetípica da origem na qual vive a criança, pois a regência semântica da infância orbita permanentemente no retorno à origem da mitologia.

Temos todo um patrimônio mitológico narrando permanentemente o nascimento de crianças divinas, de deuses meninos, de gêmeos primordiais, dotados do poder de vida, de cura. Nessas narrativas, a criança sagrada provém de um abandono original (JUNG; KERÉNYI, 2011), da solidão essencial do ser e é dada ao mundo, mas os homens não a recebem, quem a recebe e cuida é a natureza. As primícias do mundo natural, os animais, a loba que nutriu Rômulo e Remo, a novilha Oxum que amamentou os orixás Ibejis, a gruta de Dionísio, o rio de Moisés é quem são seu amparo primeiro. A imagem da criança, primitivamente, remonta à origem das origens. Não à origem do homem, mas ao início de tudo, do cosmos e dos deuses (JUNG; KERÉNYI, 2011).

Se quisermos, como Kerényi em sua biologização (JUNG; KERÉNYI, 2011) do mito ou Durand (2002) em uma filogenética do símbolo, chegaremos ao impulso imagético central

da criança. Citando Ferreira-Santos (2005, p.51) nos aproximamos de tal ‘destino’ da criança: “Aqui entenderíamos porque o mestre Joseph Campbell nos diz que a imagem se inscreve no corpo: o mito e a música provém do corpo. Em profundidade, vivemos o destino de nossas células.” Todo nascimento é antecedido por um jorro seminal, seja ele líquido, elétrico ou polínico, em parceria ou no solitário hermafroditismo, hibridária ou por dispersão. Uma concavidade, mínima que seja, guarne essa gênese. Há sempre uma gesta de potência nuclear, reunida, concentrada em disparar as forças geracionais e modeladoras de formas e consciências. O organismo da criança vive essa especial instância, esse destino das potencialidades construtoras.

Unido o arquétipo da criança ao curso biológico, o ser eufêmico (a criança divina), personifica tais origens, pois reside, como vimos nas mitologias, na primeira das origens. Instigados por Carl Kerényi, perguntamos: a criança, por suas qualidades e virtudes, inspirou o mito da criança divina, o mito das origens primordiais, ou tal nascerça mitológica é um retorno ontológico, de saudade primeva, em que o homem se reencontra com as forças iniciais que fabularam sua infância? Isso porque a criança pessoa, em sua infância, vivencia tais forças, desabrocha deste caldo ontogenético vital. Nutre-se – nos primeiros anos de vida - do colostro anímico, resguardada no invólucro mitológico, no ‘nimbo’ como o quer Durand, de seu pensar, o mais essencial alimento da alma. Nutre-se, inclusive substancialmente. Seu corpo, seus ossos, seus órgãos em formação absorvem e doam imagens originais. A inscrição da imagem no corpo se faz como alimento anímico para formação biológica da criança; assim como a formação biológica da criança promove imagens contínuas de origem e nascimento.

A morte nos parece um conteúdo distante e periférico para a criança, especialmente na primeira infância. Inclusive nas brincadeiras de morte, morrer é um brincar de ressurgências do oculto e intimidade (DURAND, 2002, p.238), jamais de finitude. Símbolos da ordem, de uma finitude ameaçadora só penetram na cosmovisão da criança quando seu corpo se prepara para “erotização do sistema nervoso” (DURAND, 2002, p.49) de motivos endócrinos, para as primeiras transições da adolescência, esta ‘febre do tempo’ na alma, como diz Bachelard. A morte só surge, como uma formulação central, nas crianças maiores, quando das primeiras intuições do mundo (BACHELARD, 2006, p.97); quando o olhar se aprofunda para o outro, surge o despertar das primeiras paixões, nasce o senso objetivo do mundo, o despontar e desejo de identidade, o descolamento familiar.

Evidentemente, as narrativas do medo da morte, os assombros da escuridão, o

desconhecido como ameaça, os monstros que roubam e matam, a Baba Yaga dos contos russos, os Tutus africanos do Vale do Jequitinhonha, as bruxas e mães devoradoras dos Grimm, acompanharam e ainda acompanham a educação das crianças desde muito cedo, especialmente nas brincadeiras ensinadas pelos adultos, nos jogos transmitidos pela comunidade, nas músicas tradicionais de acalanto. Tais símbolos, carregados das ameaças de escoamento ontológico, esmaecem, perdem a centralidade de finitude quando em contato com as forças originantes e constituintes do corpo e, por consequência, do campo imaginário da criança. Essas forças carregam uma informação fundante: encarnar, corporificar o nascimento, instaurar a vida. Forças ‘ignorantes’ da morte, sequer reconhecem, em seu curso originante, a informação do fim.

Assim, buscamos, na fantástica transcendental de Durand, a devida espacialidade, o ‘lugar’ de nossa investigação, pois encontramos aqui o principal núcleo de exame, em nosso trabalho, das imagens do brincar: a noção de espaço como “forma a priori da fantástica” (DURAND, 2002, p. 398). O espaço em que o pensamento imaginante está livre, liberto do pensamento laborioso, do raciocínio carregado de existência. Aqui, o espaço da fantástica advém da ideia Kantiana. Diz Durand:

A física contemporânea e os epistemólogos estão de acordo em reconhecer que Kant não descreve, sob o nome de espaço, o espaço algebrizado da física – que seria um hiperespaço riemaniano anexando o tempo como parâmetro – mas um ‘espaço psicológico’ que é justamente o espaço euclidiano... Mas o espaço euclidiano já não sendo funcionalmente ‘físico’, quer dizer, objetivo, torna-se um *a priori* de outra coisa que não a experiência. Não que a percepção elementar lhe escape, mas a percepção já é um tanto do domínio da subjetividade. O espaço torna-se a forma *a priori* do poder eufêmico do pensamento, é o lugar das figurações, uma vez que é ‘o símbolo operatório do distanciamento dominado’ (DURAND, 2002, p.407).

A criança é o habitante autóctone desse espaço. Lida com as imagens a partir de seu poder mágico e sua sacralidade, por isso a função estética não lhe serve, pois o estético nasce quando o “caráter operacional da imaginação mágica” (DURAND, 2002, p. 406) perde sua força original. A criança mantém essa força, não conhece ainda a queda, habita o poder mágico das imagens, não decaiu dele. O filósofo ou o poeta recorre à produção estética buscando recuperar este poder. A criança já o tem.

A mística da criança, ao contrário da supressão do tempo, dessa luta entre o fantástico e o transitório para subverter a transitoriedade, é a mística da eternidade, vive os valores essenciais da fantástica que, segundo Durand (2002, p.408), “é uma reserva infinita de eternidade,” mas vive-o em substância, em contínua verticalidade, em perene percepção; não

em espaços ou temporalizações outorgadas ao sagrado e capazes de devolver o numém ao homem, como o rito, o culto, a caverna, o templo, a sacralização das plantas e artefatos.

Iniciando do pressuposto de que a criança, arquétipo do ser eufemizante, é a genitora do ser nessa espacialidade imaginária, sua despreocupação primordial ainda não maturou uma cognição simbólica, que agrega por completo os embates do meio social. A noção de arquétipo com a qual Durand trabalha nos auxilia nessa afirmação anterior. As grandes imagens, arquetípicas, pertencem, na teoria de Durand, a duas dimensões que perfazem sua ideia de trajeto antropológico. Uma dessas dimensões provém da cultura, do aprendizado lento que o homem vive, enquanto a outra é herança genética: arquétipos fenotípicos e genotípicos. Os genotípicos regem a base inata do imaginário. Entretanto, complementa Teixeira (2011, p.48): “já os arquétipos fenotípicos, de funcionamento diferenciado pela imaturidade, necessitam de um tempo de aprendizado e do modelo adulto da espécie. São traços específicos, revelados pela ação educativa do meio.”

Antes de tudo, deixemos claro: essa conceituação durandiana de arquétipo nos auxilia, apenas, a situar em que dimensão do trajeto antropológico estaremos peneirando, garimpando as preciosas imagens das práticas da criança. Assentamos nosso olhar nessa base inata e primordial dos arquétipos genotípicos. Primamos em investigar seu dinamismo de diálogo e sua predominância no devir da criança. Esse dinamismo é anterior às imagens fenotípicas do meio social, ainda se iniciam lentamente a copular com a força criacional, genotípica que empurra, numa força de empuxe (força ascensional), a criança para a vida.

Na realidade, até onde nos leva nossa investigação, entendemos que a criança mais próxima ao ‘lugar do esquecimento’ experimenta o aprendizado fenotípico a partir de uma intuição de reminiscência, pois é justo, nesse ponto onde se inscreve a floração ontológica. Impõe-se ao aprendizado cultural com a predominância do imemorial guardado nas fundações genotípicas. Entendemos que há, nessa relação das pulsões da criança para o mundo e do mundo para o ser da criança, uma predominância. A dimensão genotípica, nesse momento da vida, acolhe todo aprendizado do mundo em transcendência. Há aqui, na base genética a primordialidade, aquilo que o homem intui existir, mas não se lembra, intui vivo, mas não conhece. Não é à toa que o arquétipo da criança divina produz os mitos do nascimento do universo, o nascimento do mundo divino. Melhor esclarece Ricouer acerca do esquecimento:

Finalmente, viria o que me aventuro a chamar de o imemorial: o que nunca foi acontecimento para mim e o que de fato jamais adquirimos, aquilo que é menos

formal do que ontológico. No fundo do fundo, teríamos o esquecimento das fundações, de suas doações originárias, força de vida, força criadora de história, *Ursprung*, ‘origem’ enquanto irreduzível ao começo, origem já sempre lá, como a criação de que fala Fraz Rosenzweig em *L’Étoile da la Redemption* e a que se refere como fundamento perpétuo, ou ainda a Doação que da absolutamente ao doador o doar, ao donatário o receber, ao dom o ser doado [...] (RICOUER, 2007, p. 449).

A produção originante da criança tem mostrado, em nossas pesquisas, a capacidade de soldar (mesmo a ferro e fogo – criança Hefaiсто) a reminiscência, a ‘origem já sempre lá’, às suas formulações imaginárias. Assim, podemos dizer que a criança não estetiza o mundo, mas habita, em suas imagens do brincar, a virtude estética, o halo criacional, do qual o homem deixando sua infância, distanciado do poder mágico das imagens, só se beneficiará quando voltar-se à estetização, à esperança. Por isso, como já citado, Durand (2002) nos diz que qualquer recordação de infância é, em si, um ato estético, pois a nostalgia da infância é a nostalgia do ser.

Nessa investigação do poder ordenador das imagens, dessa terapêutica social, perseguiremos, no brincar, os sonhos de origem que são como cunhas, abrem fendas no lenho da cultura através das práticas da criança, revelando em seus veios o ‘rastros’ (RICOEUR, 2007, p.436) de ressequidas seivas da origem. Por outro lado, não deixaremos de investigar, também, na imaginação do brincar, as impressões do mundo, as pressões do meio cultural, que impactam e ameaçam apagar a transcendentalidade da imaginação (DURAND, 2002, p.384), o poder generativo do qual a criança é portadora. Para tal, nos imbuímos da fenomenologia Bachelardiana em sua motivação de ressonância e repercussão, de introversão e extroversão no diálogo com a vida material.

Cabe aqui, no contínuo dessa reflexão, mais um esclarecimento. A topografia arquetípica de Durand nos auxiliou a estabelecer nosso ponto de partida investigativo no trajeto antropológico, entretanto, optamos por adotar como conceito de arquétipo a dimensão ontológica sugerida por Bachelard, para tratar da terapêutica social das imagens no brincar. Adotamos a proposição de Bachelard do termo arquétipo, por considerarmos mais elucidativo ao que estamos apresentando sobre a criança e a expansão de seu ser no brincar. Arquétipo, em nosso trabalho, conota menos uma função anatomofisiológica e mais um sentido de abertura e proposição criadora, como nos diz Bachelard:

Os arquétipos são, do nosso ponto de vista, reservas de entusiasmo que nos ajudam a acreditar no mundo, a criar o nosso mundo. Quanta vida concreta não seria dada ao filosofema da abertura para o mundo, se os filósofos lessem os poetas! Cada

arquétipo é uma abertura para o mundo, um convite ao mundo. De cada abertura eleva-se um devaneio de alto vôo. E o devaneio voltado para a infância devolve-nos as virtudes dos devaneios primeiros. A água da criança, o fogo da criança, as árvores da criança, as flores primaveris da criança... quantos princípios verdadeiros para uma análise do mundo (BACHELARD, 2003, p. 119).

A perspectiva bachelardiana de arquétipo, como uma reserva de entusiasmo, nos é mais próxima. Como afirma Felício (1994, p.111): “Bachelard, adotando o ‘arquétipo’ de Jung, recusa considerar a imagem como uma ‘reveladora’, mas a apresenta como uma ‘força’.” Para Jung (2011), ao contrário da psicanálise, o símbolo traduz as tendências arcaicas em imagens e não as dissimula. Entretanto, a imaginação permanece, com Jung, como um caminho para chegar às fundações da psique. Por outra via, acerca do próprio imaginar, Felício afirma o interesse de Bachelard:

[...] observar a imaginação em si, enquanto representa uma potência ‘autônoma’, em certa medida, tendo uma necessidade própria que é a de multiplicar as imagens quase gratuitamente, por ‘prazer’. Esta ‘proliferação’ da imaginação transpõe o ego íntimo com a ‘alegria’ de inventar (FELICIO, 1994, p.112).

Surge, assim, a necessidade de mais um esclarecimento sobre as bases conceituais de nosso estudo, pois trabalhamos com a ideia bachelardiana da autogenia da imaginação. Melhor dizendo, imaginação neste estudo significa ‘imaginação criadora’. Essa fundação bachelardiana entende a produção imaginária como autônoma, genitora de si própria. Uma fluência capaz de expressar-se de maneira original em campos livres, secretos e muitas vezes herméticos à qualquer conceituação psicológica, anatomofisiológica, arquetipal (no sentido jungiano). Por esse motivo a base epistemológica de Bachelard exige que estudemos a imagem pela imagem, sua significância pelos seus próprios mecanismos de “consciência autógena” (FELICIO, 1994, p.79). Assim, a partir de Bachelard, consideramos imaginação como uma potência autônoma criadora e multiplicadora de imagens, que está além da organização do entendimento racional.

Nesse segmento de ajustes conceituais, termos que, como sublimação, perdem seu caráter psicológico e apreendem um significado ascensional de alcance e abertura. Arquétipo recoloca-se na dinâmica ontológica e desprende-se da estrutura semântica classificatória.

Para que encontremos as implicações ônticas desse fenômeno genitivo da imaginação, necessário se faz compreender o que Bachelard entende por matéria e imaginação material. Sobre a matéria diz Gomes (2011, p. 54):

Para o filósofo condenado a doutrina da natureza simples e absoluta, alarga essa compreensão relacionando a matéria não a simples substância isolada, mas a um

objeto de intuição do homem. A matéria ganha uma força de relação, a substância ganha virtude.

Assim, a imaginação material é dotada de potência material, “força advinda dos elementos materiais que refletem na alma ou condensam no inconsciente o resultado de experiências orgânicas e ancestrais em imagens” (GOMES, 2011, p. 55). Imaginação material, portanto “escava o fundo do ser, deixa ser tocada pela natureza ou pelos acontecimentos para encontrar uma forma que está encravada internamente” (Gomes, 2011, p. 54). Esclarece-nos ainda, a autora citada:

A imaginação material não é evocativa, passiva diante do mundo, mas essencialmente criadora, poetificante, inventora de novas imagens. Isso porque a imaginação resulta do embate entre o homem e o mundo, uma no sentido de explicá-lo, outra na direção de sentir as resistências da matéria e optar criando outro mundo (GOMES, 2011, p.55).

Esse outro mundo é o nosso lugar de investigação do brincar, pois nos caminhos abertos pela imaginação material pretendemos demonstrar um cosmos organizador da criança. Cosmos à margem, gerado e gerido pelo especial distanciamento, pela ‘despreocupação primordial’ que a criança vive. A materialidade do brinquedo, aqui investigada, oriunda da natureza e evocativa das forças da imaginação material, cria um cosmos organizador no universo social da criança, um cosmos numênico das imagens do brincar.

Entretanto, esse universo social não é institucional e/ou cultural do ponto de vista culturalista, como uma tradição, ou como culturas da criança. É um universo marginal e esquecido. Bem indica Ferreira-Santos, quando sugere que, nessa dissertação, além da ideia de ‘esquecimento’ imemorial em Ricouer, possamos abordar as outras formas de esquecimento às quais a criança foi submetida, em nossa cultura, condenando-a ao distanciamento da dimensão consciente de nossas instituições, coisa que faremos na justificativa, na motivação de nosso estudo, que mais adiante apresentamos.

Concluindo esta etapa de ajustes conceituais, mais um esclarecimento quanto ao uso dos termos brinquedo, brincar e brincadeira. Consideramos o brinquedo, já anteriormente esclarecido seu sentido, como um território, um lugar de narrativa, uma experiência de expressão. Assim o objeto brinquedo não o é sem a brincadeira, não se faz sem o corpo e a imaginação, não tem o caráter de narrativa sem o brincar. Brincadeiras corporais fazem do corpo brinquedo. Materiais colhidos na natureza entram no campo da criança para brincadeiras, entificam-se como brinquedos. Assim brincar é o vínculo originário, o verbo, que a criança estabelece entre o mundo objetivo (inclusive seu próprio corpo) e o mundo

imaginal. O brincar tem inúmeras brincadeiras, cosmos diversos, ações, regências, trabalho ordenador, abertura do ser, valorações.

Desse modo o uso desses termos tem completa implicância e contém a mesma significância. Todos estão implícitos na ação anímica da criança. Não se dissociam ou se contradizem. Não se especializam em funções próprias. Não se hierarquizam. Na tradição popular, as festas, (como o Bumba meu Boi) são chamadas pelos brincantes de brinquedo e de brincadeira com o mesmo sentido. A direta relação da alma do brincante com o ser da expressão funde o sentido do substantivo com o verbo. Acorda no substantivo a alegria do verbo. Não o permite apenas objeto, na inércia e na preguiça da abstração. O dinamiza para sempre.

1. O ITINERÁRIO DA PESQUISA

Em quatro subitens demonstraremos os aportes conceituais que acolheram o trabalho de campo e dissertativo. O trabalho com os elementos da natureza que nos ajudou a vincular ao nosso estudo os caminhos de uma “anatomia” do brincar, é o primeiro apontamento desse capítulo. Foi pela vida elementar da imaginação que aportamos em atracadouros mais seguros para reconhecer imagens e percorrer o dinamismo imaginário do brincar.

O segundo item desse capítulo, abre-se ainda tímido, com cautela, como num largo rio ainda a percorrer, com suas margens distantes umas das outras. Não é um igarapé estreito que nos permite um panorama e perspectiva de suas margens e dobras. Margens que se distam exigem que abdicuemos da necessidade de controle e domínio de um tema. Exigem que sigamos como que entregues e apanhados pelas correntes vitais que perenizam as mutações do rio. Assim as motivações desse trabalho enraízam-se em amplas dimensões históricas, civilizacionais, em bacias semânticas que assentam tantos níveis da expressão humana, especialmente as marginalizadas, esquecidas, execradas.

No terceiro apontamento narramos um percurso próprio de trabalho. Os caminhos escolhidos; os caminhos não escolhidos, e mesmo obrigados por uma destinação. Apresentações que guinaram o sentido de nosso leme, emergências sincrônicas, intuições nascidas no decorrer do estudo e onde nele nos situamos como pesquisador. Por fim, o quarto subitem situa o trabalho dissertativo no estudo das Ciências das Religiões. Demonstramos os

argumentos conceituais e em que caminho teórico nos apoiamos para dar fundamento e sentido para a imaginação do brincar no estudo do sagrado.

1.1 A base elementar

Aqui, o estudo do brincar encontra-se com os arcaísmos dos quatro elementos da natureza. Esses elementos, Bachelard usa como uma espécie de diagrama para adentrar e compreender o texto poético, colocando, assim, a imaginação literária num critério de entendimento que não está na individualidade de cada autor, mas na universalidade, essa linguagem primitiva dos quatro elementos.

Os quatro elementos, nas palavras do próprio Bachelard, constituem o ‘inconsciente natural’ da produção poética. Portanto, em nossa pesquisa - distinta de uma inquisição de palavras que denunciam o percurso imaginativo - sondamos a dinâmica imaginária do brincar da criança através de sua produção material, gestual e narrativa.

Mais detidamente, alicerçados em um dos quatro elementos, o elemento terra, e em diálogo com as influências do elemento fogo sobre o brincar telúrico, buscamos a proliferação de imagens que regem os brinquedos do chão, e de como nasce o fogo transformador no chão do brincar. Brinquedos que animam e impulsionam a imaginação da criança em sua valoração do mundo e ao mesmo tempo, que ecoam o mundo aos núcleos simbólicos criadores de imagens que regem, organizam e regeneram o ser em seu devir. Tal hermenêutica simbólica não se restringe aos pressupostos psíquicos, mas rumo às impressões e percepções, aos valores, às ressonâncias e repercussões das imagens.

Escolhemos o elemento terra, e um apontamento sobre seu diálogo com o fogo por, considerarmos a imaginação telúrica como iniciante na vida do brincar, por entendermos que os brinquedos do chão enraízam a criança no mundo e ao mesmo tempo acordam a criança para, em si própria, enraizar o mundo. Mas, não simplesmente, um acordo pacífico com o mundo; na realidade, uma luta para animizar o mundo pelas imagens de intimidade da imaginação da terra. O elemento terra abre, para a criança, a dimensão sacral das grandes imagens do útero, do oculto, da solidão e da morte como eternidade. Não poderíamos, assim, partir de outro elemento para iniciar este longo percurso de olvidar a infância. Assim também, não poderíamos deixar de doura-lo do fogo imaginal. Fogo que iridesce e potencializa útero em forja, oculto em chama branda de interioridade (claro-escuro bachelardiano), solidão em

arma ascensional do herói, morte em chama transformadora. O elemento fogo toca as criações telúricas do brincar e cauteriza as dores, religa sinapses, regenera capilaridades que irrigam fundos, supera desafios. Eclodem pelo fogo imagens demiúrgicas para novos inícios preparar.

Investigamos o elemento terra na prerrogativa fundamental de que todo elemento é ambivalente, segundo Bachelard (2001), “simultaneamente convite à conquista adaptativa e recusa que motiva uma concentração assimiladora sobre si” (DURAND, 2002, p.35). Em termos de um materialismo objetivo, pode-se dizer que, há o elemento terra das matérias moles e o elemento terra das matérias duras, rochosas. A imaginação, nessa ambivalência, é levada, tanto à extroversão quanto à introversão.

Assim, surgem nossos objetivos específicos relacionados a cada capítulo e subcapítulo. O cosmos social, criado pelas crianças no brincar, essa pedagogia simbólica e salvadora que aqui investigamos, tem seus contornos e valorações para a alma das crianças, tem suas especificidades. A primeira delas, portanto, diz respeito ao primeiro capítulo de nossa dissertação.

No capítulo ‘Os Brinquedos da Terra e a Imaginação de Intimidade’, fazemos uma primeira subdivisão examinando o elemento terra e sua natureza. Temos aqui, como primeiro objetivo específico, apresentarmos uma visão geral do elemento terra, mostrando o fator sinérgico do mundo material que impacta a criança deflagrando um caminho sem volta para os percursos da individualidade. A gravidade do elemento terra denota a gravidade cultural no brincar, procria imagens, as mais diversas, de intimidade e luta com o mundo, cria campos subjetivos de espaços da cultura que, na verdade, é formulação de um meta-espaço, o espaço fantástico que é próprio do pensamento da criança. Nasce aqui a criança materialista, o sonhador de substâncias. A partir dessa visão mais generalizada do elemento terra, teremos esclarecido a primeira motivação imaginária da criança em engendrar uma cosmogonia do mundo, em criar seu cosmos no cosmos social, de instaurar uma meta-cultura na cultura.

Dividimos os dois subcapítulos seguintes em dois caminhos narrativos encontrados por Bachelard (2001) em seus estudos da imaginação poética: a extroversão e a repercussão. Pela ambivalência das imagens como anteriormente citamos, examinamos num primeiro momento, o apelo irrecusável da vida material à extroversão no brincar. Esse diálogo com o mundo das substâncias nasce quando a intimidade do ser escoia para a intimidade do mundo. Aqui, o conceito fundamental de imaginação material perpassará todo o trabalho, em todos os

capítulos seguintes. A imaginação, habitada das substâncias do mundo material, desencadeará, cada vez mais, novas imagens imaginárias de abertura, de descoberta, de entusiasmo, de força vital do ser.

Nosso segundo objetivo específico é conhecer mais uma dimensão da pedagogia das imagens do brincar: a extroversão para a intimidade do mundo. Essa extroversão coloca a natureza como propulsor imaginal e, portanto, como espelho pedagógico do devir. Examinaremos o brincar na natureza como o ambiente sinérgico das grandes imagens criadoras, nascedouro de uma ‘tutoria energética’ da infância, como sugere Durand.

Antes de seguir com a apresentação dos capítulos, necessário se faz adentrar um pouco mais a ideia de imaginação material, pois dela tiraremos todo o proveito das imagens, encontraremos os valores nascentes que instruem a criança no brincar. Com ela poderemos trabalhar livremente aquilo que Bachelard chama de um ‘além psicológico’. Entendendo o ‘livremente’ como possibilidade de examinar as imagens libertas da causalidade arquetípica.

Bachelard conceitua a imaginação material na dialética de um “determinismo-novidade” (FELICIO, 1994, p.45), pois em a ‘Terra e os Devaneios da Vontade’, considera que existem os “objetos da região material livre” (BACHELARD, 2001, p. 38), objetos livres das proibições e supressões sociais capazes de criar imagens que inversas à causalidade psicanalítica, acordarão complexos para educá-los em imagens novas.

Se bem entendermos o esforço epistemológico de Bachelard através da ideia de imaginação material, encontraremos a força das imagens em suas próprias “leis idealistas tão seguras como as leis experimentais” (BACHELARD, 2001, p.7), pois caracterizam uma ‘filiação’ regular da imaginação à vida material através dos quatro elementos.

Essas leis ideais são da função do ‘irreal’ e permitem estudar as imagens por si mesmas, pois a forma externa suscita uma força interna. Toca-nos em nossas vontades musculares e, ao mesmo tempo, “dão uma estrutura a nosso ser íntimo” (BACHELARD, 2001, p. 44). Continua Bachelard ao citar Merleau-Ponty:

É o que Maurice Merleau-Ponty viu muito bem: “em última análise, se meu corpo pode ser uma *forma* e se pode haver diante dele figuras privilegiadas sobre fundos indiferentes, é na mediada em que existe *para* elas que ele se concentra em si mesmo para atingir seu objetivo (MERLEAU-PONTY apud BACHELARD, 2001, p. 44).

Com essa afirmação, chegamos aos estudos da repercussão do brincar. Nosso terceiro

objetivo específico é acompanhar o fenômeno das imagens que se interiorizam no íntimo da criança, da intimidade do mundo para a intimidade do ser. O interesse na intimidade do mundo repercutirá em intimidade do ser. Aqui todo o universo das casinhas e os sonhos de intimidade habitam os desejos mais profundos de solidão da criança. A solidão do brincar e seus valores do ouvir, da elasticidade do tempo, da amplificação do mundo, do despertar no ser da mais profunda solidão essencial. Brinquedos do útero, da caverna, do ventre, do engolimento. Um cosmos de espacialidade íntima, de grande importância para nosso exame, pois aqui encontramos uma regência de imagens com grande força de autoeducação da criança em contato com a natureza. Imagens produtoras de experiências ainda alheias à cultura, ao consciente cultural, mas de grande poder generativo para a vida das crianças.

Como quarto objetivo específico, o ensejo da luta material nos leva a estudar as imagens que regem o acordar da vontade nas crianças e o primeiro despontar do espírito (consciência racional), pois a vontade no brincar é mais uma das etapas de formulação deste cosmos lúdico elaborado pelas crianças. Essa vontade é que impulsiona a criança para recriar o mundo, desmanchá-lo para reconstruí-lo cosmicizado.

Assim, o capítulo ‘Brinquedos da Terra e a Imaginação de Resistência’, examina as forças do trabalho, a luta da criança com o mundo material e o despertar de sua vontade. Os brinquedos da vontade. Todo um universo dos brinquedos de construção, do brincar artesanal será abordado, aqui, como brinquedos da resistência do mundo. Incursões imaginárias que instruem os sonhos de domínio, de poder, da vontade de potência. Observamos estes brinquedos segundo suas escalas de dureza material. Segundo sua infringência sobre as mãos, ou sua submissão às ferramentas usadas pelas crianças para construir, lutar, submeter a matéria a seus sonhos materiais.

Desse modo, buscamos os percursos imaginários numa quantidade de brinquedos que classificamos como brinquedos do elemento terra. Uma classificação que, certamente, espacializa e restringe a visão, mas que se faz necessária para investigarmos as fontes e desdobramentos de imagens que habitam esses brinquedos, como potências imaginárias prontas a se atualizar na criança.

Certamente, reconhecemos que o ato imaginário quando habita e deságua no mundo transfunde uma relação complexa dos quatro elementos com o mundo material. Brinquedos da terra permeiam, constantemente, as experiências do ar, da água e do fogo. Nas cozinhas das

casinhas, esses brinquedos da terra, neles encontramos a imaginação do fogo, da água e do ar. Em todos os elementos, esse percurso se faz constantemente na brincadeira pelos dinamismos da imaginação material. Demandaríamos um estudo mais aprofundado se quiséssemos examinar as imagens do brincar em sua interrelação de elementos, o que nos conduz a estudos futuros por estes caminhos. Por agora – já com muitas ramificações - buscamos a terra e seus breves contatos com o fogo do brincar.

Chegamos, então, à subdivisão final do capítulo citado acima, ‘o fogo da terra no brincar’. O fogo forja estados calóricos, de aconchegos ativos, dinâmicos, germinais da força e da vontade no imaginar. A caloria, nas matérias moles da terra, na brincadeira de cozinha, nos valores da partilha. O fogo fixador do barro, os sonhos da olaria que originam o ferreiro (FERREIRA-SANTOS, 2005), esse percurso de preparação imaginária (do barro ao ferro) para o embate gradual com o mundo. Pretendemos demonstrar aqui, como derradeiro objetivo específico da dissertação, o diálogo modelador que inicia na cerâmica e na olaria das brincadeiras e termina no martelo que tritura o cerol da pipa moído na lata transfigurada do malho. Aqui, pelas instruções das imagens alquímicas, ensaiamos o encontro com as gradações terapêuticas da imagem, assim como a alquimia graduou as proporções da imagem material, desde o etéreo e espiritual do elemento, até sua constituição material ‘grosseira’, examinamos as gradações do fogo nos brinquedos da terra e suas virtudes de conselho às dores e moléstias.

1.2 Motivações de estudo

Nossa problemática de estudo nasceu de uma base mitológica que recai sobre a infância. Melhor dizendo, que denota o peso da infância no inconsciente cultural. Historiadores como Philippe Ariès, Peter Stearns, Mary Del Priore, Julita Scarano, Fabio Pestana Ramos e tantos outros, têm demonstrado a fragilidade e exposição das crianças, ao longo dos mais diversos períodos da humanidade. Desde culturas caçadoras e agrárias, sociedades primitivas, civilizações clássicas, toda a Idade Média europeia, Brasil colonial, Portugal quinhentista, séculos que prenunciam a modernidade, sociedades ideológicas como as comunistas e tipos diversos de ditaduras, desde as tribais em etnias africanas, até as comunidades de guerrilheiros e hegemonias religiosas, vivem uma estranha tendência a condenar as crianças ao esquecimento de si próprias.

Mesmo colocando-as em suas prioridades de desenvolvimento econômico, perpetuação da espécie, modulação educacional, doutrinação política/religiosa, sanitarismos preventivos, ou clientes de um amplo mercado de consumo, parece na realidade estarem reproduzindo um permanente ciclo de distanciamento da criança.

A rigor, pelo aporte teórico por nós escolhido, encontramos na base daquilo que a criança ‘presenta’ ao mundo, o mito do abandono essencial. Os rituais de morte e sacrifício, que envolvem crianças, as crenças em torno do batismo em populações de escravos e remanescentes indígenas, os sepultamentos clandestinos ou separados de crianças pagãs, o infanticídio em nascimentos de gêmeos, o infanticídio de meninas em diversos povos, as crenças de crianças portadoras do mistério, de anunciadoras do reino dos mortos, crianças como herdeiras do reino dos céus, anjos, crianças dadas à captura de entes espirituais, todas essas significâncias se vinculam ao conjunto simbólico do arquétipo da criança divina. Tais emergências mitológicas ou compreensões espirituais acompanham contextos diversos da vida social de crianças por todo o mundo, em épocas distintas.

Uma ‘ameaça’ numênica marca a infância. Em diversas situações sociais, sejam crianças aquilombadas, crianças escravas, crianças vítimas de epidemias constantes, em situações de disciplina extrema, tornadas combatentes desde antigas batalhas até guerrilhas árabes modernas, vítimas principais dos genocídios, educadas para a nobreza e realeza, destinadas a educandários, condenadas ao trabalho nas fábricas, extirpadas em sua sexualidade, abandonadas ao entretenimento e consumo, em muitos desses contextos num prisma hermenêutico, podemos encontrar a face mitológica da criança divina, a presença do mistério que a criança acorda no mundo.

A criança, essa criatura proveniente do desconhecido, foi, por um longo percurso da humanidade, a experiência mais comovente de sofrimento e morte dentro das famílias e na vida comunitária. Em especial, após o período clássico, quando as grandes civilizações haviam atingido um nível de controle sanitário e a morte de crianças pareceu diminuir, houve um penoso declínio de longos séculos, principalmente, na Europa e suas colônias, de grande mortalidade infantil. Filipe Ariès aponta, em seu estudo iconográfico e documental da baixa Idade Média até o século XIX, um tipo de comportamento que nasceu do alto índice de mortalidade infantil, um enigmático desapego.

Ainda no século XVII, em *Le Caquet de l'accouchée*, vemos uma vizinha, mulher de um relator, tranquilizar assim uma mulher inquieta, mãe de cinco ‘pestes’, e que acabara de dar à luz: ‘Antes que eles te possam causar muitos problemas, tu terás

perdido a metade, e quem sabe todos”. Estranho consolo! As pessoas não se podiam apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual. Isso explica algumas palavras que chocam nossa sensibilidade moderna, como estas de Montaigne: ‘Perdi dois ou três filhos pequenos, não sem tristeza, mas sem desespero (ARIÈS, 1981, p.22).

Nesta Europa de flagelos, torna-se aguda a impressão mítica que a criança sempre causou aos povos. Ariès, intuitivamente, denota esta impressão quando cita:

É interessante notar que na gravura liminar da *Tabula Cebetis*, Merian colocou as criancinhas numa espécie de zona marginal, entre a terra donde elas saíram e a vida em que ainda não penetraram, e da qual estão separadas por um pórtico com a inscrição *Introitus ad vitam*. Até hoje nós não falamos em começar a vida no sentido de sair da infância? Esse sentimento de indiferença com uma infância demasiado frágil, em que a possibilidade da perda é muito grande, no fundo não está muito longe da insensibilidade das sociedades romanas ou chinesas que praticavam o abandono de crianças recém-nascidas (ARIÈS, 1981, p.22).

A criança vem da terra, do útero do mundo, do desconhecido mistério, mas ainda assim não entrou na vida. É um ser intermediário, estranho, que poderá entrar na vida, como poderá retornar ao outro mundo. É nessa espécie de umbral mitológico que, até o século XIX, o ocidente, desde a alta antiguidade, formulou sua ideia de infância, proliferando uma espécie de legitimação ao esquecimento das crianças. Ao mesmo tempo, reconhecendo uma condição de impotência quanto à vontade dos deuses que, muitas vezes, fizeram dessas tão jovens criaturas o motivo de suas epifanias.

Não estamos, atualmente, tão distantes de tais ideias de abandono, mesmo entendendo que os contextos demográficos mudaram a ideia de infância a partir do século XIX, trazendo uma roupagem da modernidade, mas mantendo seu simbolismo regente. Ainda vivemos este sentimento que relega as crianças a uma marginalidade até sua ‘entrada na vida’. No nível do ‘si-mesmo’, da experiência da criança com suas próprias potencialidades, raros são os povos e as épocas que alcançaram um vivo interesse na alma de seus filhos.

Antigas civilizações nos indicam pistas de uma pedagogia para o florescer do espírito, como os indianos e os gregos. Populações pré-colombianas deixaram seus vestígios em povos que ainda, nos dias atuais, habitam a floresta amazônica ensinando a seus filhos a língua dos pássaros. Povos nativos americanos que educavam suas crianças em cosmogonias e vida uníssonas com a natureza. Africanos e suas dinastias orais de conhecimento tribal e ciência experimental da natureza. Alguns iogues, até o início do século XX, e seus heremitérios para crianças, vivas comunidades de intensa vida cultural nutrida por música de ruptura métrica, poesia transcendental, e horas de profundo cultivo ao silêncio. Rabindranath Tagore e sua escola ‘Porto de Paz’, numa Índia colonial, criou campos livres de cultivo

estético para as crianças. A pedagogia Waldorf, nos anos de 1920, com Rudolf Steiner abrindo uma ciência das imagens, propõe-se a nutrir o alargamento do ser pela imaginação.

As exceções acima citadas, dentre muitas outras existentes que aqui não poderíamos narrar, denotam um legado de sabedoria que alguns movimentos culturais isolados (e não civilizacionais) desenvolveram em torno das crianças. Mas essas solitárias emergências não curaram a incisão simbólica na alma do homem: a infância. Cada época e povo, com suas próprias concepções acerca do que é a criança, impuseram-lhe um padrão de comportamento e instrução.

Basta-nos trabalhar com o conceito que a modernidade forjou para a infância. A concepção central que impregnou as políticas de estado da maioria esmagadora das nações é a escolarização. Doutrinar, incutir ideologias, plantar um padrão civilizacional baseado no desenvolvimento econômico e no acúmulo de bens e informação.

Nações comunistas trabalharam arduamente pela ‘melhoria’ das condições de vida de suas crianças, e conseguiram. Mas também trabalharam com afinco, usando antigas ideias de civilizações militaristas, com alguns preceitos de controle social de escolas confucionistas da china dos séculos XVIII e XIX. A meta dos estados comunistas era afastar as crianças do convívio familiar. Constituir o estado como tutor da vida das crianças e libertá-las da ‘ignorância supersticiosa’ da tradição. A esse respeito nos diz Peter Stearns:

Desdobramentos mais concretos para as crianças soviéticas envolveram a ampla disseminação de grupos juvenis, criados para suplementar a atividade escolar, como forma de prolongar a influência do partido comunista sobre as crianças e ao mesmo tempo limitar o controle independente dos pais (STEARNS, 2006, p. 134)

Formas econômicas e corporativistas do saber perpetuaram outros modos de controle alienando os pais de suas capacidades de educar os filhos, como mostra Stearns:

A ascensão da pesquisa psicológica e da psicologia como profissão gerou dramáticos níveis de aconselhamento para pais, muitos dos quais começaram a acreditar que seus instintos eram falhos e a levar em consideração manuais de criação de filhos e revistas para pais, tidos como indispensáveis. Novamente essa tendência americana se espalhou para outras partes do mundo (STEARNS, 2006, p. 160).

Poderíamos, ainda, citar inúmeros casos em que fica patente o distanciamento dos pais em relação ao cuidado de seus filhos e a tutela massificante do estado, de religiões ou de áreas do saber. Por outro lado, essa tutela é quase sempre mascarada. No caso de alguns países, inclusive o Brasil, verificamos índices graves da ausência de profissionais médicos voltados

para a infância, pediatria e psiquiatria infantil, o que não é de hoje, pois existiu desde o período clássico, quando, apenas os chineses desenvolveram compêndios de pediatria. As civilizações indiana e tibetana, em suas sofisticadas medicinas, constituíram documentos e aprimoraram cuidados com a saúde das crianças, mas não chegaram a tratados de pediatria.

Quando os países alcançam um nível de desenvolvimento em que as crianças recebem todas as garantias de seus direitos básicos, surgiram novas instâncias do abandono que, quase sempre, estão incrustadas no drama da escolarização. Não me refiro, aqui, à ausência de escola, mas à esmagadora presença da escola que escraviza a infância. Quanto mais ‘eficientes’ as escolas, menos as crianças contatam suas intuições mais profundas e recriadoras. Furtamo-nos, aqui, de citar o outro voraz e já tão discutido tema, criança e consumo.

Sem mais delongas com os exemplos, no decorrer das épocas, traremos nossa reflexão para o eixo pretendido: o inconsciente coletivo da representação da criança. Citamos Jung, ao falar do arquétipo da criança divina:

A ‘criança’ nasce do útero do inconsciente, gerada no fundamento da natureza humana, ou melhor, da própria natureza viva. É uma personificação das forças vitais, que vão além do alcance limitado de nossa consciência, dos nossos caminhos e possibilidades, desconhecidos pela consciência e sua unilateralidade, e uma inteireza que abrange as profundidades da natureza. Ela representa o mais forte e inelutável impulso do ser, isto é, o impulso de realizar-se a si mesmo. É uma impossibilidade de ser- de-outra-forma, equipada com todas as forças instintivas naturais, ao passo que a consciência sempre se emaranha em uma suposta possibilidade de ser-de-outra-forma. O impulso e a compulsão da autorrealização é uma lei da natureza e, por isso tem uma força invencível, mesmo que seu efeito seja no início insignificante e improvável (JUNG, 2011, p. 135).

Por motivos claros, os mitos das crianças divinas são as mais significativas manifestações cosmogônicas do tempo da origem. Inscrevem, por excelência, a dimensão do sagrado se manifestando no mundo. Não à toa tratam do abandono original. Quando os gêmeos Ibejis, da mitologia Iorubá, foram deixados aos cuidados da natureza, a novilha negra Oxum foi quem os amamentou, pois os homens não eram capazes de cuidar. Sempre, nos mitos da criança divina, o pequeno deus nascido é cuidado pela natureza, não pelos homens, marcando a unidade mitológica entre origem e solidão, manifesto de uma realidade desconhecida no mundo, porta-voz de uma essencialidade outra. Exatamente por esse motivo não é recebido, é estranho, é estrangeiro para os homens.

A criança histórica, por si, não se iguala às condições do arquétipo que se manifesta nas mitologias e nem pode ser confundida com este, mas é afim e identificada no inconsciente cultural, às conjunções simbólicas desse arquétipo do todo, que é a criança divina.

Não poderia deixar, portanto, de receber a projeção mitológica desse arquétipo central, e atualizar essa solidão essencial, o abandono original no tempo social. Por isso, surgem iconografias como as de Merian, *Tabula Cebetis*, conceituando a criança como um ser entre este e outro mundo, separada por um portal aguardando o tempo de entrar no mundo.



Figura 2 Tabula Cebetis

Fonte: P. Ariés: *História Social da Criança e da Família*

A criança divina, redentora, é imagem das mitologias, não diz respeito à criança comum, mas acumulou-se na memória humana e tem sido projetado pelos subterrâneos da cultura na vida social das crianças em tons de desvio simbólico. A própria infância já traz esses traços da totalidade que se acumulam na criança divina, como diz o próprio Jung: “os símbolos da totalidade ocorrem frequentemente no início do processo de individuação e até podem ser observados nos sonhos iniciais da primeira infância” (JUNG, 2011, p. 127).

Em seu livro, ‘Seminários sobre sonhos de crianças’, Jung afirma que os sonhos de criança tratam de uma manifestação “de uma parte do inconsciente que se encontra fora do tempo” (JUNG, 2011, p. 15). Continua:

Esses primeiros sonhos provêm da totalidade da personalidade e revelam diversos aspectos seus que não encontramos mais adiante, quando a vida nos força a fazer diferenciações unilaterais. Desse modo, porém, nos perdemos de nós mesmos e necessitamos primeiro a aprender a nos reencontrar (JUNG, 2011, p. 30).

Assim, permanecemos em grande distância desse dinamismo simbólico realizador, pois quanto mais duradouras e racionalizadas as imagens da criança divina, mais distante deste eixo autorrealizador ficamos. E mais projeções desvirtuadas sobre criança histórica se manifestarão na cultura. Nesse sentido, Jung (2011, p. 132) diz:

O símbolo é antecipação de um estado nascente de consciência. Enquanto este estado não se estabelece, a “criança” (divina) permanece uma projeção mitológica que exige uma repetição pelo culto e uma renovação ritual. O Menino Jesus, por exemplo, permanece uma necessidade cultural, enquanto a maioria das pessoas ainda é incapaz de realizar psicologicamente a frase bíblica: “A não ser que vos torneis como criancinhas”. Tratando-se aqui de desenvolvimentos e transições extremamente difíceis e perigosos, não surpreende que tais figuras permaneçam vivas por centenas ou milhares de anos. Tudo o que o homem deveria, mas ainda não pode viver em sentido positivo ou negativo, vive como figura e antecipação mitológica ao lado de sua consciência, seja como projeção religiosa ou – o que é mais perigoso – conteúdos do inconsciente que se projetam então espontaneamente em objetos incongruentes, como, por exemplo, em doutrinas e práticas higiênicas e outras que “prometam a salvação”. Tudo isso é um substituto racionalizado da mitologia, que devido à sua falta de naturalidade, mais prejudica do que promove a pessoa humana.

A sina da criança na história da humanidade revela, portanto, um núcleo para além da demografia e das condições precárias de vida, esconde uma chave e um entrave na evolução da consciência. Indica uma semântica de fundo, uma linguagem atemporal que luta para emergir à consciência dos tempos, mas que ininterruptamente é forçada à margem, à infância, ou seja, o estágio entre o outro mundo e este mundo, referido por Ariès, como anteriormente citamos, o ‘antes de entrar na vida’, um desterro existencial. Esse ‘abandono’ é o que condena as crianças a inúmeros modos de imposição educacional ou cultural, às higiênes de seu comportamento. Ao contrário, as imposições educacionais e culturais apresentam-se como uma forma abandono.

O esquecimento é marca da infância, é o que sempre a tornou marginal à vida cultural e que sempre trabalhou para marginalizar a criança de si própria, para evitá-la em seu protagonismo. Não o esquecimento fundador, mas o esquecimento ameaçador que apaga o ‘rastro’ e distancia o homem de si mesmo e o estagna. Sobre esse tipo de esquecimento, Ricouer afirma:

Mas enquanto estratégia de evitação, de esquiva, de fuga, trata-se de uma forma ambígua, ativa tanto quanto passiva, de esquecimento. Enquanto ativo, esse

esquecimento acarreta o mesmo tipo de responsabilidade que a imputada aos atos de negligência, de omissão, de imprudência, de imprevidência, em todas as situações de não agir, nas quais posteriormente, uma consciência esclarecida e honesta reconhece que se devia e se podia saber ou buscar saber, que se devia e se podia intervir. Reencontra-se assim o caminho da reconquista pelos agentes sociais do domínio de sua capacidade de fazer narrativa, todos os obstáculos ligados ao desabamento das formas de socorro que a memória de cada um pode encontrar nas dos outros enquanto capazes de autorizar, de ajudar a fazer narrativa de modo ao mesmo tempo inteligível, aceitável e responsável. Mas a responsabilidade da cegueira recai sobre cada um. Aqui o lema das Luzes: *sapere aude!* Saia da menoridade! Pode ser reescrito como: ousa fazer narrativa por ti mesmo (RICOUER, 2000, p. 456).

Em nossa dissertação o lema – um ato falho de Ricouer – ‘Saia da menoridade!’, não será possível, pois é a narrativa da menoridade que pretendemos encontrar. Por isso, nosso esforço é *sapere aude*, uma narrativa que ousadamente, à revelia dos impedimentos, vem sendo feita obstinadamente pelas crianças. Queremos então ‘buscar saber’ dar voz a esses agentes sociais que têm produzido, em longo silêncio, uma narrativa tão pouco audível que é legada à puerilidade. Renegada como falácia, é tratada, portanto, como incapaz de atuar de forma autêntica no mundo. “Está aqui uma forma artilosa de esquecimento, resultante do desapontamento dos atores sociais de seu poder originário de narrarem a si mesmos” (RICOUER, 2000, p.455).

Além de esquecida e ‘manipulada’ a infância também é esquecida e ‘impedida’. Com todas as implicações patológicas desse impedimento, Ricouer fundou sua sustentação na psicanálise. Citamos, anteriormente, os historiadores da infância, que apontaram, em suas pesquisas, um nível de esquecimento que ganha dimensões civilizacionais oriundas de um recalque coletivo, denotando lapsos e desculpas que baniram as práticas livres da infância de quase todos os registros de importância na história da humanidade. Artistas, desenhistas, naturalistas, folcloristas, historiadores preocuparam-se, quase sempre - quando houve essa necessidade – descrever apenas algumas brincadeiras e brinquedos mais conhecidos, algumas músicas e vestimentas, alguns hábitos ligados à vida da casa. Por outro lado, mais pormenorizadamente, estudaram e registraram a escolarização, as imposições comportamentais e produtos gerados para o consumo das crianças como os brinquedos artesanais e industriais. Mas o gênio da criança, sua inventividade e suas práticas marginais para além dos jogos, cantigas e culturas tradicionais, está ao largo, esquecido, salvo raras exceções. Assim, a proporção do recalque é muito maior do que imaginamos, como afirma Ricouer: “[...] esquecimento, lembranças encobridoras, atos falhos assumem, na escala da memória coletiva, proporções gigantescas, que apenas a história, e mais precisamente a história da memória é capaz de trazer à luz” (RICOUER, 2000, p. 454).

Esse recurso à psicanálise, que embasa as considerações de Ricouer, não contradiz, em absoluto, o fio condutor de nossa conceituação, até agora desenvolvida, pois esta ideia de recalque aplicada ao esquecimento e à memória impedida, não transborda para nosso estudo das imagens, mas, ao contrário, nos estimula e dar motivos para querermos esclarecer e, de algum modo, libertar - mesmo que seja uma pequenina parte - o dizer da criança, esquecido e impedido pelo mundo adulto.

Aqui transpomos essa ideia de recalque psicanalítico, para uma conotação mais ampla, que se ajusta ao nosso fio metodológico: da luta entre a imaginação e a cultura, quando esta última, de todos os modos e, por um longo período, represa ressurgências simbólicas criando desvios e adoecimentos coletivos.

Nossa motivação justifica, portanto, o trabalho de trazer à luz a vida do brincar livre, os objetos daí nascidos e a corporeidade que se constitui em narrativa própria da criança. Para que a partir desses elementos possamos encontrar a imaginação em sua pedagogia social da brincadeira. Buscamos, assim, a imaginação do brincar não com os pressupostos da historicidade, mas com o intuito meta-histórico de demonstrar à cultura, que a criança formula sua narrativa no 'lugar do esquecimento', mas o esquecimento fundador, originante, e que a criança perpetra uma pedagogia e um construto de realidade numênica, lutando contra a fragmentação cultural, querendo se impor como narrativa vertical.

A história vem em nosso auxílio, para esclarecermos o argumento de que essa verticalidade da infância tem passado despercebida, ao longo do tempo. A história, aqui, também nos indica, por meio dos argumentos de Ricouer, possíveis consequências de não se reconhecer o real valor de todos os seus atores.

É a partir de uma noção de metacultura, que temos a intenção de amplificar os ecos da velha composição silenciosa do brincar, que esteve, por muito tempo, inaudível nas mais conceituadas e influentes proposições das pedagogias sociais.

Entendemos, assim, que nossa pesquisa se justifica, quando nasce de uma ausência, de um notório padrão de comportamento – o gesto do abandono e da displicência - apontado por inúmeros historiadores da infância, sentido por inúmeros professores, que buscam a escassa bibliografia sobre os temas relativos à produção da própria criança, aquilo que brota de suas mãos e de sua inteligência, e não encontram. Essa escassez é fruto do longo período de distanciamento da criança. Justamente por tal motivo, faz-se necessária uma investigação

mais detalhada sobre a mais fluente e livre voz da infância: a imaginação do brincar.

1.3 O percurso da pesquisa

Chamamos, neste trabalho, ‘brinquedos da terra’, todas as ‘representações’ ou ‘mimetismos’ da vida social. As brincadeiras de casinhas, cabanas e tudo que nelas envolve. As fazendinhas, as bonecas, os animais construídos, os carros, desde os de boi aos carros de lata, carroças, carrinhos de madeira, carros de vara, miniaturas, brinquedos de modelar, representações de casamentos, nascimentos, trabalho, beleza, rituais de morte e festejos religiosos, brinquedos e brincadeiras das entranhas de animais e plantas. Nesse universo, há uma rica diversidade de materiais, entretanto, buscamos o diálogo da criança com a natureza, como os materiais naturais, os brinquedos do mundo natural. Essencialmente, com algumas exceções de materiais que são refugos da indústria, podemos dizer que esta pesquisa centrou-se nas matérias naturais do brincar, nos brinquedos da flora e da fauna.

Trabalhamos com um acervo de duzentos brinquedos e brincadeiras. Essa quantidade se deve ao desdobramento de materiais para a construção de um único tipo. Por exemplo, mais de vinte tipos de bonecas foram catalogados em sua diversidade de materiais: tecidos, capim, flores, pedra, milho, melancia, madeira, fibras, sementes, ossos, barro, e outros. Assim também, com os tipos de carros, animais, construções de casinhas, fazendas, fogões, panelinhas, redes e acessórios das casas de brincar, e tantos outros. Sem falar nos brinquedos e brincadeiras imateriais que envolvem a corporeidade das crianças, a linguagem e as brincadeiras de somente imaginar. Esses não tem uma especificidade, um nome, não são as brincadeiras tradicionais como conhecemos. São apenas expressões improvisadas, gestos, palavreados, etc. Mas foram referendados, quando necessário, ao longo do texto.

Já agora, demonstramos uma tabela com os brinquedos que são artefatos, objetos feitos, construídos pelas crianças e estudados nessa dissertação.

BRINQUEDO	MATERIAL	DESCRIÇÃO	REGIÃO/ORIGEM
1-Boneca	Sabugo de milho	Feitas depois do debulho do milho, com o sabugo seco. Vestidas com	Encontram-se em todo o sertão nordestino, nas áreas de plantio de milho.

		retalhos de tecidos.	Em diversos países latino-americanos.
2- Boneca	Tecido	Construídas de retalhos, alinhavadas com os materiais de costura das mães.	De tradição ibérica manifesta-se em todo o mundo.
3- Boneco	Barro	Feitos dos barros das beiras dos açudes e córregos. São frágeis por não serem queimados. São adornados com materiais da flora.	É uma prática universal na brincadeira. Foram encontrados em todas as comunidades por nós pesquisadas.
4- Boi	Cera de abelha	Modelado com cera de abelha. Cera extraída artesanalmente e preparada pelos pais dos meninos. É um produto com diversas utilidades nas comunidades.	Os povos indígenas já faziam brinquedos com ceras. Hoje se encontram também na maioria das populações sertanejas.
5- Boi	Barro	Confeccionado dos barros de beira de açudes e córregos. Depois postos a secar na sombra, e só então assados em fogões à lenha ou pequenas fogueiras.	Universal, em especial países de tradição rural. Encontrados em todas as comunidades sertanejas pesquisadas.
6- Boi e vaqueiro	Ossos de boi e burros e couro.	Vértebras extraídas das ossadas secas de animais mortos. São vestidos com sobras de couro utilizado na confecção de arreios e celas. Enormes rebanhos em currais de palitos são criados pelos meninos.	É universal. Civilizações antigas, gregas, persas, hititas brincavam de rebanhos de ossinhos. No Brasil encontram-se manifestos no Rio Grande do Sul e nas regiões sertanejas cuja cultura pastoril mais se desenvolveu. No Ceará

			encontramos no sertão dos Inhamuns e Pentecoste.
7- Fazendinha de bois	Fruto da Oiticqueira (Árvore sertaneja) e palitos	Nos frutos ainda verdes as crianças espetam palitos para formas pernas, rabos e chifres dos animais. Criam currais com talos de marmeleiro.	É uma manifestação universal a construção de animais de palito. Encontramos em todas as comunidades por nós pesquisadas.
8- Fazendinha de porcos	Fruto do Melão de São Caetano (Trepadeira de uso medicinal popular) e palitos.	O fruto, Melão de São Caetano, tem uma textura espinhosa e trás para as crianças a forma de um porco espinho se acrescentadas suas patas de palito.	Encontrado nas regiões sertanejas.
9- Boi de palito	Flor da bananeira, chamada também de mangará e palitos.	Retiram a flor da bananeira antes do seu desabrochar. Com os palitos formam os chifres, patas e até tetas das vacas.	Encontrado nas regiões serranas do Ceará com (resquícios de mata atlântica) onde é mais comum o plantio de bananeiras.
10- Carros de lata	Restos de madeira, latas, pregos e borrachas.	Levam um dia inteiro ou mais na confecção dos carrinhos. Primeiro saem em busca dos materiais nos quintais, ruas, oficinas de bicicletas, marcenarias. Trabalho manual com ferramentas improvisadas ou emprestadas dos pais.	Encontrado em todas as comunidades por nós pesquisadas.
11- Carro de joborna	Madeira de marmeleiro e maniçoba.	Construídos pelos meninos maiores com foices e facões. Utilizado	Encontrado nas regiões de engenho, serras e sertão cearense.

		como brincadeira nos momentos de tarefas domésticas. Carregar água e despejar bagaços de cana nas temporadas de engenho.	
12- Unhas postiças	Pétalas de flores	Retiram as pétalas das flores e colam nas unhas com saliva. Fazem unhas postiças de diversas cores.	Encontram-se desde antiguidade na Ibéria (nas primaveras). Todas as regiões por nós pesquisadas guardavam relatos desta manifestação.
13- Bola	Papo do peru e látex natural de balata.	Tiram o papo da ave e enchem como uma bola, soprando. Põem pra secar ao sol. Em seguida extraem o látex da árvore e aos poucos derramam sobre a bola já seca. Formando camadas de borracha até ficar forte o suficiente para chutar e jogar.	Manifesta-se desde a antiguidade na Ibéria, especialmente Portugal. Encontrado por nós na comunidade de Lajedo (Maranguape) - Ce.
14- Encaixes	Sabugo de milho	Com os sabugos secos encaixam um ao outro e formam cachos de bananeira, casinhas, torres, etc.	Encontrado na comunidade de Lajedo – Ce.
15-Galinhas d'angola	Construídas a partir da vagem do Pereiro (árvore sertaneja). Quando a vagem se abre para soltar a semente forma duas abas como se fossem asas.	A textura da vagem é pitadinha de branco como as penas do capote, ou galinha d'angola. As meninas formam galinheiros com palitos e pões suas galinhas.	Encontradas na região do Inhamuns –Ce.

16- Casinha	Folhas de bananeiras e varas.	Construídas debaixo dos bananeirais ou por entre eles.	Nas regiões serranas do Ceará, especialmente Lajedo, Pacoti e Guaramiranga.
17- Casinha	Varas de marmeleiro e tábuas.	Construídas com varas e restos de tábuas encontradas nos quintais e sítios.	Manifestam-se na maioria das comunidades por nós pesquisadas.
18- Bolsinhas de guardar segredos	Fibras naturais	Construídas pelas meninas para guardar seus segredos.	Índios Canela -Ma
19- Gruta	Pedra	Usadas como esconderijos, cavernas e casinhas.	Lajedo - Ce
20- Sepultura de piabas	Barro e palitos de madeira.	Escavadas no chão e recobertas com barro molhado. Ficam como uma espécie de gavetas onde se enterram as piabas.	É uma manifestação universal. Mas sendo de piabas só encontramos na comunidade de Lajedo-Ce.
21- Sombras	Vela acesa e uso das mãos.	Com as mãos formam animais e monstros e brincam de devorar um ao outro.	Encontrado em todas as comunidades que pesquisamos.
22- Barquinhos	Madeiras, tecidos, plásticos, linhas.	Construção manual com as ferramentas dos pais.	São universais. Encontrados por nós em regiões litorâneas de todo o nordeste.
23- Lama de cobrir o corpo	Lama	Nos manguezais e nas beiras de mar com argilas, cobrem-se com lama.	Regiões litorâneas. Encontrados por nós nas brincadeiras dos filhos das marisqueiras em comunidades do Trairi – Ce.

24- Trocar a pele	Cola branca e ou grude	Espelham cola nas mãos e esperam secar. Logo após brincam, fingem arrancar a própria pele.	Encontrado em quase todas as comunidades por nós pesquisadas.
25- Comidinha	Arroz, feijão, água, frutas, folhas	Cozinhar alimentos “de verdade” em pequenas panelas e fogõezinhos à lenha.	Encontrado em todas as regiões por nós pesquisadas.
26- Faísca	Palha de aço e fogo	Fazem fios compridos de palha de aço e põem na fogueira. Quando acende giram com velocidade e espalham as faísca num enorme círculo de fogo no ar.	Encontrado em todas as regiões por nós pesquisadas.

Essa produção foi registrada num trabalho de pesquisa que já acontece desde 2006. Já rendeu uma coleta de acervo, uma exposição exibida em Fortaleza, por um ano, com visita de mais de vinte mil pessoas.

Desde o ano de 2003, quando pude iniciar uma pesquisa em Portugal, com bolsa de arte, Bolsa Virtuouse, concedida pelo Ministério da Cultura do Brasil, para um ano de investigação no Museu do Brinquedo de Sintra, comecei um trabalho de documentação sobre o brincar. Todo este estudo, voltado para o brinquedo artesanal construído pela criança, desembocou na origem de tal artesanato, o brinquedo construído - não para a - mas pela própria criança. A partir de então, o fazer das crianças, a construção de seus brinquedos tem sido o percurso escolhido para alcançar a própria criança.

Alguns estados do Brasil, como o Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte e Ceará entraram nesse percurso, ao longo desses nove anos. Entretanto, o Ceará foi escolhido para ser ‘radiografado’ em suas cinco regiões. Em 2006, através de um prêmio de pesquisa da Secretaria de Cultura do Ceará, pude sistematizar o contato com comunidades litorâneas, serranas e sertanejas, de norte a sul do estado, mapeando as diversas manifestações. Em 2007 com o apoio do Centro Dragão do Mar de Cultura, este trabalho ganhou fôlego para transformar-se numa exposição, sendo prevista, para isso, uma coleta de acervo, registro

Figuragráfico e audiovisual, um projeto curatorial e a montagem da exposição que aconteceu um ano depois em 2008.

Dois anos de coleta de brinquedos e registro de brincadeiras somente no estado do Ceará conseguiram reunir um amplo material. Todo esse material mostrou-se em múltiplas possibilidades de leitura. Insinuou-se como caminho de investigação sobre uma história da infância, como caminho para uma geografia do brinquedo, como possibilidade de uma leitura social da criança, como uma possível antropologia da educação. Mas esses possíveis modos de entender o material e tantos outros que daí poderiam surgir, dificilmente traduziriam, num dizer fenomenológico, a ‘intencionalidade’ que emergia daqueles objetos, quase insignificantes, restos, ao olhar da maioria do mundo.

No decorrer da pesquisa, uma permanente inquietação acompanhava todo encontro, toda intuição, diante de um novo brinquedo surgido das mãos de um menino. Intuição, aqui no mais puro sentido fenomenológico, como o esmaecer da ‘ausência’ e a experiência da ‘presença’ (SOKOLOWSKI, 2010, p.42), diante do fato todo que compõe o brinquedo: o menino, suas mãos, seu corpo, o material do brinquedo e a natureza, a linguagem, as denominações do brincar. Tudo isso ganhava um halo ontológico com assinatura, com propriedade, com autoridade de criança. Toda aquela vontade - a princípio schopenhaueriana - das crianças e seu mergulho no brincar, produzia uma contundente afirmação, uma harmoniosa codificação de ‘fazeres’ intimados à corporeidade e à natureza. Essa vontade que, inicialmente, por minhas limitações investigativas, fazia-se inaudível em sua amplitude ontológica; porém inolvidável naquele momento do trabalho curatorial, mas que, por sua vez, instigava-me a encontrar ferramentas antropológicas que amparassem a dimensão que a mim se insinuava como genuína e digna de esclarecimentos.

Talvez, a metodologia aplicada ao trabalho de investigação, que em seu início não se pretendia científico, mas apenas organizacional, para conduzir a um trabalho plástico e museológico, tenha sido a chave de entrada para o encontro de nossa abordagem, pois nosso compromisso, desde o início, sempre foi com as crianças. Não tínhamos o menor interesse em, apenas, juntar objetos e colocá-los no templo-museu das atemporalidades. Pretendíamos, entretanto, encontrar o brincar, reconhecer as crianças em suas comunidades, fazer da pesquisa um brinquedo e um lugar de brincar. Assim, não poderíamos deixar de nos implicar numa ação.

Em diversas comunidades por onde andamos, antes mesmo de iniciar o mestrado, a pesquisa era ação, apreciando, estimulando e reconhecendo as culturas do brinquedo e do brincar. Em localidades litorâneas, montamos estaleiros para os meninos construírem seus barquinhos. Organizamos regatas nos lugares em que estas já não mais existiam. Noutras comunidades, visitávamos as casinhas de bonecas nos quintais, choupanas de palhas, bambus e paus, que abrigavam tantos afazeres das meninas. Estimulamos a construção de novas dessas casas minúsculas de brincar, fizemos um calendário de cafés da manhã etnográficos em casinhas de boneca pelo sertão. Nos terreiros, noites de fogueira faziam emergir ‘causos’, cantigas de ninar, brinquedos dos dias festivos, jogos do fogo e simpatias das noites de São João.

Hoje, no trabalho dissertativo, reconhecemos que este foi, portanto, um estudo etnográfico, nos termos de Pierre Clastres, quando Bento Prado Júnior se refere à força de sua obra que, para além do estruturalismo antropológico, dialogava com a filosofia de Heidegger, a fenomenologia, a ontologia social e vertentes outras da filosofia. Nessa perspectiva, desenvolveu-se

[...] um trabalho etnográfico no que ele tem de mais concreto e iluminador. Em Clastres não encontramos nenhuma ontologia *a priori* da ‘produção’. Mas como diria Wittgenstein, nos limites de seu trabalho etnográfico, algo de metafísico *deixa-se ver ou mostrar*. Mais que uma metafísica positiva, uma metafísica interrogativa (CLASTRES, 2011, p.19).

Nessa procura por compreender a ‘aura’ anímica do brincar que se insinuava furtivamente, numa dessas ações - numa noite de fogueira - surgiram brincadeiras com o fogo, com brasas e lanternas de lata, com sombras e oráculos de casamento, com histórias de medo e susto. Aliás, toda a ‘ausência’ que se formulava intrigantemente por detrás das vestes do brinquedo saltou de sua incógnita para uma proposição, uma ‘presença’ elementar: o fogo do brinquedo. Melhor dizendo, brinquedos claramente do fogo insinuavam toda uma cosmicidade elementar do brincar.

Nesse gesto propositivo do pesquisar, a pesquisa-ação se fez uma ferramenta longe da indução dos gestos e respostas da criança, mas em direção a um dos fundamentos do brincar telúrico: o fazer comunitário, a construção conjunta, a partilha na busca das soluções e no simples fazer. Como nos esclarece Thiollent (1986, p. 52):

A pesquisa-ação é um tipo de investigação social com base empírica que é conhecida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de

um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Nasceu, assim, uma exposição de intenções poéticas com brinquedos dos quatro elementos, tendo como guia e inspiração os argumentos hermenêuticos de Bachelard. Daí surgiu a oportunidade de vinculação com o Mestrado de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba na linha de pesquisa 'Religião, cultura e produções simbólicas'. Assim, com o projeto de dissertação, a metodologia de pesquisa precisou ser aprimorada e todo o material recolhido revisto e recortado. Não se fez, apenas, a revisão de material, mas um novo trabalho de campo, agora mais direcionado a uma única comunidade, que nos permitiu organizar a proposição deste trabalho dissertativo.

Por mais de seis meses, temos acompanhado sistematicamente a comunidade de Lajedo, distrito de Maranguape, em mais uma pesquisa-ação, quando implantamos um projeto chamado 'Oficina de Desmanchar a Natureza' numa alusão ao desmanche das formas do mundo na imaginação poética de Bachelard e Manoel de Barros. O Instituto Cinco Marias é o guardador institucional desse projeto que agora implantamos. As crianças, aqui, encontram espaço livre para construir seus brinquedos e brincar, e nós encontramos terreno amplo para o registro e acompanhamento destas práticas.

Nosso suporte fundamental é o ajuntamento comunitário em torno das crianças. Os jovens ingressaram num estudo de construção de brinquedos em madeira e restos de materiais, com o sentido de ampliar suas potencialidades artesanais e reavivar para os pequenos as possibilidades e usos de materiais naturais. As mães têm cuidado do espaço, têm lembrado de suas brincadeiras, desenhado, pintado e têm redescoberto seus tempos de infância. Os avós nos visitam, ainda meio de longe e de perto, quando nos apresentam sua época de meninos do mato. Casinhas na árvore têm surgido, locas debaixo do chão têm acordado como lugares antigos de brincadeiras, tantos relatos dos próprios meninos de brincadeiras de morte, cemitério e sepultamentos de bonecos, a flora acordada com seus melões transformados em porcos selvagens, vacas leiteiras e flores, em passarinho Galo de Campina.

Não alcançamos em nossa pesquisa a altura de Pierre Clastres em sua etnografia transformadora do etnógrafo, mas citamos Prado Júnior no prefácio à obra de Clastres em 'Arqueologia da Violência', lembrando a necessidade fundamental da implicação total, ôntica, de um trabalho dessa natureza, para a vida do pesquisador:

É a história de uma conversão, de uma mudança de hábitos que não são apenas intelectuais, mas que atingem a carne da vida cotidiana na sua totalidade. Provavelmente essa conversão (*de Pierre Clastres*) não foi tão difícil, porque aparentemente ela havia sido algo rebelde diante das regras que governam nosso cotidiano. Estava de algum modo preparado para uma conversão que não foi apenas do olhar e da teoria, mas uma transformação de seu próprio modo de viver, na sua mais trivial materialidade. Certa vez falou-me, por exemplo, sobre a dificuldade que tinha no Paraguai, logo de início, em simplesmente *dormir*. Em noites de frio mais intenso, os índios dormiam em volta da fogueira sem a menor dificuldade, pois giravam espontaneamente o corpo de maneira a aquecê-lo de todos os lados, como um frango no espeto de um grill elétrico. Mas ele acordava constantemente, semiassado de um lado e gelado do outro. Só aos poucos aprendeu a técnica do que poderíamos chamar de ‘sono giratório’ (CLASTRES, 2004, p. 23).

Sem esquecer que Pierre efetivamente aprendera a ‘andar na floresta’. Depois desse aprendizado (que nos faz lembrar o aprendizado dos ‘adventícios’, que se tornaram ‘bandeirantes’ ao introduzir-se, mudando o modo de pisar, conforme descrição de Sergio Buarque de Holanda), acometido de forte malária, “foi capaz de caminhar mais de 330 quilômetros através da floresta, para buscar necessário atendimento médico no mundo urbano” (CLASTRES, 2011, p. 23).

De nossa parte, propondo-nos um mergulho de investigação de campo por quase uma década ou, no mínimo, três anos intensos de viagens por mais de vinte localidades, tem sido um trabalho transformador. Por isso, encontramos em Clastres essa inspiração. De outra proporção é claro, especialmente de encontro radical com a própria infância de menino interiorano dos charcos da baixada ocidental maranhense, que amava cavalos e búfalos, passarinhos e a sombra dos imensos troncos das Samaumas. E tal encontro com a infância não tem medida de repercussões, desvãos, assombros, conflitos e apaziguamentos, aceitação e repulsa, regurgitos e inalação calma da memória dos cheiros de um amanhecer.

Numa ‘inocente’ madrugada de trabalho de campo à procura de borboletas e brinquedos do vôo com uma ‘turba’ (de natureza vagabunda como o quer Manoel de Barros) de meninos descalços, os primeiros raios de sol no orvalho das flores era capaz de estrangular a memória numa tensão incontida de nossa própria criança que saltava da ambiência da pesquisa e não se explicava em revolver sensações, sentidos tão recuos que escoam no que hoje sou, ou como Manoel do Barros, no ‘quando’ de mim que ‘agora’ se faz (BARROS, 2006, p 15).

Assim, etnografia aqui é proposição de encontro radical, antes cosigo mesmo, adiante com o outro, a criança do outro. O outro, no trabalho de campo, provinha, muitas vezes, da ‘apresentação’ do próximo, mas, na maioria das intensidades ‘intuitivas’, o outro provinha de

nossa própria experiência de criança que se descortinava, sem avisar, nas paisagens da pesquisa e encontrava com mais luz a ‘intencionalidade’ dos brinquedos e das crianças ali a brincar.

Figuragrar, filmar, anotar, recolher objetos, reconstruí-los sozinho e com as crianças, recriar brinquedos provindos da memória dos antigos, observá-los no refazer com seus netos, gravar seus palavreados cheios de biografia e saudade, tudo isso ajudou a clarificar uma forma de compreender, a exercitar uma hermenêutica remetendo-se à substância, ou a uma substancialização, em brinquedo, do sonho. Mas deixamos claro, mesmo correndo o risco de ser acusado de uma fenomenologia sem fundamento, ou uma hermenêutica sem raiz, que o predominante suporte desta pesquisa é nosso próprio tempo de menino, o ‘quando’ do nosso próprio sentir.

Buscamos então refúgio nas palavras de nosso *mui* querido professor Marcos Ferreira Santos, quando em sua poesia de razão sensível nos diz:

O lírio não se consome pelo tempo. Sua florescência é quase eterna e quem lhe floresce é a fonte que, ao mesmo tempo, é o sujeito que pede perfume. Lembra o mestre Bachelard, o perfume é, exatamente, o elemento que possibilita nossa fusão com as coisas. Nada impede que ele nos penetre e nos envolva. Como fonte, na canção, pede que lhe deixem correr. O movimento das águas é a mudança constante daquilo que permanece. Para ser o que se é. Transformar-se ininterruptamente, alcançando aquilo lhe é específico (FERREIRA-SANTOS, 2004, p. 53).

1.4 A criança, o brinquedo e o sagrado

O *Illud Tempus* nos surge como um caminho nesta tarefa de situar a infância no contexto dos estudos das Ciências das Religiões. Mircea Eliade estudou o ‘sagrado’, como elemento da estrutura da consciência.

Talvez, apenas por essa ideia fundamental de Eliade (2001), é que esse estudo do brincar e da criança pode caminhar, com menos temor, o terreno dos cientistas do fenômeno religioso: o sagrado com estrutura da consciência. Nessa perspectiva, Hock (2004, p.84) esclarece: “Desse modo, a tarefa da Fenomenologia da Religião consiste em demonstrar a estrutura dos símbolos e em decodificar os sentidos contidos neles, um sentido que é de importância existencial e que abre aos seres humanos o acesso à “existência.”

Evidentemente, Eliade, ao contrário de Jung, privilegiava, em seu rigor investigativo de historiador, o fenômeno coletivo das religiões e mitos (PITTA, 2005, p.62). Os fenômenos individuais, como o sonho, não lhe inspiravam a confiança da abordagem universal, mas suas pesquisas adentraram o campo da consciência, portanto da existência humana em suas manifestações plurais. O profano e o sagrado, como eixos destas experiências. O primeiro como campo de simbolização, concretizada nos elementos da natureza, em artefatos e construções com faces históricas e culturais; o segundo como dimensão além do espaço e do tempo, única e universal.

Encontramos, assim, um esteio para investigar a produção da criança pelo campo do sagrado, que evoca essa condição estruturadora da consciência. Evidentemente, no terreno da imaginação individual e não no coletivo da estrutura religiosa, ou literatura mítica. No entanto, permeando as expressões das crianças, individualmente em seu brincar, encontramos os caminhos que as ancoram na universalidade dos mitos e do pensamento religioso ou, no mínimo, naquilo que Cassirer chamou de pensamento mítico como já anteriormente esclarecemos.

Neste trabalho, o sagrado é, entretanto, um fundamento generativo e organizador da consciência da criança. Sendo generativo, ainda não será estetizado, portanto não ritualizado. Imprudente será investigar, na criança, o sagrado como engendro de codificação simbólica, símbolos constituídos e ritualidade. Talvez, por isso, até agora a criança tenha sido tratada como alguém que precisa aprender do sagrado, ser ensinada no ‘ensino religioso’, ou, por que não, ser ‘catequizada’ nos códigos do sagrado adulto. Contudo, esquece-se que o sagrado, o tempo espaço suspenso, o *Illud Tempus* é justamente o siderar fundante de toda a experiência da criança.

A unidade, como sentimento do mundo, faz seu olhar oblíquo por um período, pelo menos, dos primeiros sete anos de vida. A fé convicta na existência de plena vida em todas as coisas é a emanção permanente de seus sonhos. O desconhecimento da morte e o espanto do mundo é seu fervor criacional. Seu fazer, como veremos, é cosmogônico, sua autoria e originalidade, em tudo o que faz, autoinscreve sua intuição de demiurgo. Como, então, não ver essa ordem originante e ordenadora da criança, nas palavras de Eliade?

O tempo de origem por excelência é o tempo da cosmogonia, o instante em que apareceu a mais vasta realidade, o mundo. É por essa razão que a cosmogonia serve de modelo exemplar a toda “criação”, a toda espécie de “fazer”. É pela mesma razão que o *Tempo cosmogônico* serve de modelo a todos os *Tempos sagrados*: porque, se

o Tempo sagrado é aquele em que os deuses se manifestaram e criaram, é evidente que a mais completa manifestação divina e a mais gigantesca criação é a Criação do Mundo (ELIADE, 2001, p.73).

Nos encontramos com a manifestação desse fundamento mitológico na imaginação do brincar da criança. O que demonstra que sua produção, sua fala, sua brincadeira é um manifesto firmado nas primícias da busca humana. Sua narrativa é substancial de matéria anímica, sacral, una, intemporal.

Dessa forma, num nível diferente da consciência religiosa, do homem religioso e do homem profano, trabalhamos num espaço anterior às formulações da consciência, pois a criança vive o numinoso das imagens sem, contudo, codificá-lo e ritualizá-lo. Vive essa dimensão da sacralidade de tudo por ‘presentar’ em seu próprio ser as formulações primeiras que estruturam a psique, por ser a testemunha direta das epifanias imaginais e compreendê-las como a linguagem por excelência de entendimento de toda a vida. Estamos aqui, antes do terreno religioso, no território dos hormônios anímicos que formulam a religião. Estamos no campo primeiro que constitui a substância do *religare*, quando a intuição doa à imaginação sua contrição (KANT, 2009, p.92) e a cinge de do vigor sacral, tornando mágicas as imagens. Aqui, a consciência ainda não formula e classifica, pois ainda está sendo preparada, cuidada, untada nessa efervescência imaginal, para nascer de dentro, do seio da totalidade numênica que é a base da psique e, por consequência, a base da linguagem, como expressão de um ‘consenso arquetípico’, como afirma Durand em ‘A Fé do Sapateiro’:

De acordo com a observação profunda de Croce, os homens só se compreendem entre si, podem ‘comunicar-se’ e ‘intercambiar’ porque ‘vivem, são, se movimentam’ dentro de um consenso arquetípico. Para dizê-lo mais claramente, toda linguagem é expressiva, significativa ou simplesmente possui uma certa ‘verdade’ porque é simbólica, ou melhor, ‘divinatória’ – o que quer dizer o mesmo, de modo mais forte. E este último epíteto implica o que é fundamental, o ‘divino’ (DURAND, 1995, p.210)

Justamente, no ponto de intercâmbio da criança com o mundo, nas suas práticas inventivas, é que estamos pesquisando os caminhos de relação, o *moto* inspirador em que a infância expressa um ‘mesocosmo’, o ‘divino’. A capacidade sincrônica inerente à compreensão que a criança tem do mundo faz com que toda materialidade vivida e tocada ganhe um halo divinatório, expressando o ‘macrocosmo’ num cosmo individual.

Demonstramos, pela investigação das grandes imagens, que o gesto da criança no brincar, toda sua linguagem corporal, falada e material estabelece uma correspondência entre

a forma significativa e o seu significado, mas, evidentemente, sem a reflexão do significado ou a elaboração do significante, visto que, à parte dos movimentos da consciência, que especializam o mundo e seus sentidos, a criança vive a epifania da imaginação, experimenta o mundo, na primeira infância, sem temporalizá-lo.

Ciências da Religião, aqui, é investigação do sagrado como componente intrínseco da capacidade imaginária da criança, de seu dom - específico desse tempo da vida - de viver no poder mágico das imagens do qual o adulto é caído. Assim, a realidade numênica em que a criança vive e que é notória em seus sentimentos de medo, assombro e admiração de realidades anímicas que ela sabe existir - e não simplesmente crê, mas é convicta de que existem - é própria dessa base inata da psique no sagrado.

No entanto, como é premente em nossa linha teórica, essa base não só estrutura passivamente a criança, como receptora ingênua de impressões fantasiosas, mas é ontológica, portanto a impulsiona. Uma pulsão de investigação incessante da vida e das substâncias materiais como terrenos de transcendência. E como demonstramos, a investigação da criança não é, apenas, inocente ou idílica, em um Éden sem a dor, mas recheada da duplicidade simbólica e sua pedagogia de existência.

Entretanto, escolhemos o ambiente da pesquisa que consideramos mais adequado ao trabalho de transcendência realizado pela criança no mundo: a natureza, pois aqui os meninos e meninas estão em contato direto com uma base elementar, que nutre o simbolismo do sagrado desde tempos remotos, permitindo, assim, que a imaginação encontre seu espelho, pois a imaginação é a continuação anímica da natureza. Assim, as narrativas do brincar, em sua grande maioria, demonstraram confluir para o conjunto simbólico da imagem da ‘Alma do Mundo’ que, em sua raiz, une a ideia do sagrado ao belo.

As peles e veios da natureza, especialmente os brinquedos da flora, têm instruído, por muitas gerações, modos de brincar que primam por uma gestualidade harmônica, pela busca da beleza estranha e indecifrável, pelos enfeites naturais, para a narração de pequeninos mitos florais redutores. Uma busca que as narrativas epifânicas bem conhecem, como nos mostra Durand:

Esse simbolismo floral nos liga de modo mais profundo ao próprio estatuto da Alma do Mundo, que consiste em “sinalizar” no mundo sensível a presença do Bem Soberano invisível. Assinatura que não é senão a Beleza. Esta última, no *Fedro* e no *Banquete*, equivale à Alma do Mundo do *Timeu*. O célebre discurso de Diótimo (*Banquete*, 205c) sobre os graus da Beleza que se elevam até “essa ciência que é a

ciência da Beleza absoluta”, descreve um tipo de processo geral da Beleza...Diótimo desenha um caminho de escatologia estética. Ela implica que em todos os escalões do sensível há uma “assinatura” da Beleza, isto é, a presença da Alma do Mundo (DURAND, 1995, p. 90).

A criança mergulhada no animismo sensível, derrama-se nas intimidades e esconderijos de seu brincar, em busca da ‘Alma do Mundo’, desse regente de tantas iridescências e cores, de tantas formas e sabores, de uma materialidade permeada de vida. O ‘Bem’ da criança é o brincar. Em suas práticas, a imaginação instaura esse ‘Bem’, cosmiciza a vida. Há, aqui, uma tão íntima aproximação entra a natureza e o brincar da criança que o consenso do belo encarna no lúdico, fazendo dos gestos da brincadeira a confirmação sincrônica entre macro e microcosmos.

Sagrado, aqui, é dom de infância. Abertura contínua para o mundo, tendo a alteridade como única possibilidade de realização de sua meta: tocar em tudo, como quem lavra a vida, falar com tudo, como conhecedor de todos os íntimos, ouvir a tudo, como um pensar sensível do mistério. O auscultar último, como cita Ferreira Santos (2005, p.16): “Ignácio de Loyola [...], quando já velho, em Roma, saía ao jardim para dizer às flores: por favor, baixai a voz, não me faleis tão alto de vosso Creador; pois sei o que quereis dizer [...].

2. OS BRINQUEDOS DA TERRA E A IMAGINAÇÃO DE INTIMIDADE

Primeiramente, aqui examinamos o elemento terra, pois a base de nossa dissertação se volta para o estudo das imagens da terra que nascem no brincar. Só posteriormente, no último capítulo, encontraremos as imagens do fogo em interação com a terra. Portanto, se faz necessário esclarecer de pronto, a axialidade desse elemento sustentador do trajeto antropológico da brincadeira. O impacto primeiro, a pressão fundamental do mundo sobre os conteúdos da criança e, ao mesmo tempo, a luta que a criança trava com o mundo material estão no elemento terra. A gravidade desse elemento origina a cultura para a criança, assim como instiga a criança a originar mundos sobre esta cultura.

Aqui, nas impressões do elemento terra, surge o primeiro lugar em que, aos poucos e em sua vida lúdica, a criança será assaltada por forças que ameaçam o poder mágico de sua imaginação, forças da individualidade. Ao mesmo tempo, encontra a criança, em tal elemento, o sustento vital para instruir ao mundo seu poder criacional, para exalar toda a eternidade que lhe cabe.

Nesse capítulo mostramos que a resistência do mundo material é na verdade o principal ‘hormônio’ deflagrador da proliferação das imagens, pois aqui a criança encontra a potência de todas as substâncias e suas formulações possíveis, prontas a se mostrar como ensejos metafísicos e a acionar o dinamismo ancestral da imaginação material.

Queremos demonstrar que o contato da criança com as substâncias abrirá uma entrada sem volta, uma iniciação na cultura, uma pedagogia em que o outro surge como uma possibilidade infinda de alargamentos.

A criança descortina a matéria evidente, primeiro, por percepções primárias das sensações e sentidos. O tato áspero da madeira crua, da pedra pontiaguda, entroniza uma experiência dos estados individuais dos corpos, dos espaços que estes ocupam, das densidades e impressões de uma ordem gravitacional. Nessa experiência com os ‘mundos’ da matéria, unida à experiência de participação na vida coletiva, nasce o engenho do brincar telúrico. Emerge a imaginação das qualidades do mundo sensível, um brincar que se organiza no território comunitário, criando as noções mais abstratas de espaço.

Espaço como corpo físico, membros, músculos, gestualidade. Espaço como casa,

quintal, roçado e o propósito de pertencimento ao mudo sensível, real e material. Espaço como campo amplo e diverso de afirmação dos membros do grupo, onde cada um busca seu lugar e função. Espaço como estado de interioridade de todas estas impressões. Como campo perceptivo, meio de intencionalidade, que promove a interação com o mundo. Um campo fenomenal que sempre promove uma referência ao corpo, um valor ao corpo (MERLEAU-PONTY, 2011, p.84). Como afirma Merleau-Ponty (2011, p. 82): “a luz de uma vela muda de aspecto para a criança quando, depois de uma queimadura, ela deixa de atrair sua mão e torna-se literalmente repulsiva,” Assim, a visão é habitada de sentido.

Entretanto, o espaço pungente que coabita o *mundus* da criança, nas experiências telúricas do brincar, desenha-se como plasticidade do imaginar. O espaço convida ao aprofundamento à ‘repercussão’ da qual fala Bachelard (2008, p. 7). O ser do mundo inverte-se em nosso ser. Há um aprofundamento que reconhece o outro em mim. O mundo toca a criança em suas intenções criadoras, o espaço repercute e anima, na criança, tudo o que depois ela irá valorar. Primeiro repercute, depois, compõe-se de sentido. A terra, em sua materialidade intransigente, que sempre escapa, resiste e opõe seu sentido do olhar, que sempre dispõe de um sentido não aparente é o objeto primordial primeiro de amor e luta no brincar.

Brinquedos que nascem da inquisição telúrica são brinquedos de uma imaginação do universo material. São composições de um anseio íntimo de pertencimento e inserção. São experimentos de repercussão dos estados individuais. Sua fruição imaginária modela conteúdos de estar no mundo. A imaginação, que tem como base a experiência telúrica, é artífice de brinquedos iniciantes, de entrada no mundo comunitário. É a artesã de brinquedos do trabalho, em que a criança, construtora do mundo, necessita se apropriar da matéria, dos artefatos, da técnica. A criança é o arquétipo do *Homo faber* e não, o inverso. O interesse criador é desperto nas forças imaginárias desde os primeiros dias do brincar. As imagens arquetípicas que inauguram o mundo, imagens da construção do fazer e criar, estão nas experiências da criança, no seu amor pelo chão, pela luta e intimidade com o mundo material.

Brinquedos do elemento terra são partícipes de uma regência, de uma dialética material, que de tudo faz, indivíduo e polaridade, o nascedouro, no brincar, das imagens dos polos. Logo cedo e, naturalmente, o carrinho de boi é do menino e a boneca das meninas. A fazendinha com vaqueiros e cavalos para amansar é brincadeira dos meninos. Casinhas com panelinhas e comidas de flores e folhas, bonecas para dar banho e acarinhar é brincadeira das

meninas. Os gêneros se apresentam com mais clareza nos brinquedos da terra. Estes tecem linhas de entendimento e comportamento entre o outro oposto. Há uma afirmação natural, moldada por uma impressão telúrica, da materialidade entre o que é o feminino e o masculino. E essa afirmação se caracteriza, antes, pela expressão das polaridades da natureza, para depois receber conteúdos culturais.

Não é a cultura que separa os brinquedos dos meninos e das meninas, mas a imaginação, espelho das polaridades da terra, do mundo natural, da dualidade germinal, que modula estados de subjetivação polares. A cultura copula formas de leitura e representação dessa protopolarização da vida. A imagem material, em sua gênese na criança, incide para os polos. A experiência da criança com os brinquedos do elemento terra acessa uma imaginação dos opostos, dos contrários, dos encontros. A hora de dormir das bonecas na casinha traz a noite, o silêncio, o repouso, a intimidade. A hora de acordar traz o dia, as conversas dos afazeres, o movimento, a exterioridade. A hora de alimentar a boneca traz o que deve estar quente e o que deve ser frio. Os vaqueiros, de cera de abelha, conhecem os boizinhos, feitos do fruto da Oiticica ou da pedra, que são bravos e os que são mansos. Assim, a imaginação da vida material arquiteta brinquedos que orientam para a diversidade ordenada, para o discernimento das diferenças que se complementam, para as primeiras ideias do nascimento das coisas, para o fabrico da vida.

A imaginação telúrica cria os brinquedos da terra para que a experiência se instaure pela individualidade da criança, que apreende suas primeiras lições com a particularidade da matéria, dos materiais. O conhecimento da vida material e da natureza se faz, primeiro, pela individualidade, pois esta é a essência da matéria, que é corpo, particularidade. Assim, quando a comunidade ou a escola exigem o trabalho da criança e não deixam espaço para ela se expressar, a criança transgride imaginando. Rouba tempo para brincar e, ao mesmo tempo, cria um tempo de similitude, quase sempre, para brincar daquilo que a maltrata na vida real. Brinca de viver em comunidade, de imitar o trabalho dos pais, de professor e escolinha. Rapta o real e o remodela de acordo com a delicadeza de sua imaginação curando-o de sua dureza, rudeza.

Mas mimese aqui é mais que a inserção no mundo ‘real’ dos adultos, é a transformação das potencialidades imaginárias em ato, ou seja, subversão do mundo. Veremos, mais adiante, como o imitar se faz em ressonâncias de imagens que decompõem as formas do mundo. O imitar permite o surgimento de uma vontade de potência, assim nos diz

Bachelard (2001, p.97): “uma energia imaginada passa do potencial ao ativo. Ela quer constituir imagens na forma e na matéria, preencher as formas, animar as matérias.” Na verdade imitar, para a criança, é ferramenta, escopo de plasticizar a vida, pois seu anseio imaginário, sua matéria corpórea, seu primeiro senso geométrico, geográfico, de espaço e território, pede o reconhecimento do eu no mundo.

Os brinquedos da terra, da imaginação pessoal e comunitária, permitem que a criança experimente e exercite essa ordem individualizante do sonho telúrico, ao mesmo tempo em que cosmicize tal ordem. A memória antiga e coletiva reserva essa lógica lúdica potencial de experiências no brincar. Assim como uma célula em desordem ativa a memória celular do organismo, para que outras células restaurem a ordem, da mesma maneira as gerações manifestam uma memória imaginária do brincar telúrico. Memória que oferece espaço para o sonho integrador na vida social, não como um biologismo mecânico programado, mas como referências arquetípicas de múltiplas combinações, como uma ontogenia de integração, ordenamento, sinergia recriadora do cosmos comunitário.

Aqui examinamos os dois modos de intimidade despertos pelo brincar. Pois são como cognições, modos fundantes de vinculação com o mundo. Assim sondando o curso prospector da imaginação, chegamos a alcançar sua pedagogia e os primeiros aportes de uma terapêutica capaz de conflagrar um imenso universo no interior do mundo, universo material que acorda na criança o *fascinium* do mundo. Investigamos a intimidade que habita a vida material e a intimidade que habita a criança. Na primeira parte, nos brinquedos da extroversão, demonstramos que a imaginação da criança não resiste ao apelo da vida material, pois nela existe a mesma substância que habita todo o imaginário dos corpos e das substâncias. Encontramos, aqui, uma vida espelhada: a imaginação é dada à substância material, assim como a matéria é dada à imaginação. As duas coabitam num devir dinâmico, criador de novas imagens.

Demonstramos que a intimidade do mundo chama a criança para um trabalho de extroversão em direção ao mundo dos materiais. Cada um desses mundos é um universo, ou se fará um universo pelo poder colonizador das imagens. Encontramos, nos materiais dos brinquedos, no corpo da criança, no trabalho de suas mãos toda a matéria onírica de seu devir, desde seu desejo de interioridade para o mundo das manipulações e modelagens dos materiais, seu peso e densidade, até a mais radical pulsão para o íntimo que os leva a sondar a anatomia da natureza. As veias das árvores, as entranhas dos animais. O interesse pelo íntimo

das substâncias vai do mais raso nos materiais, desde sua pele, ao mais enraizado anatômico do mundo natural. A anatomia do mundo é um sonho arqueológico do brincar.

O percurso de extroversão para o mundo não vive e não ocorre sem a repercussão desse mesmo mundo na criança. Assim, examinamos na segunda parte, em ‘a repercussão do brincar’, que o jogo dialético da imaginação é sua ação ‘vicarial’, a recondução para o espaço fantástico de todas as impressões do mundo. Essas impressões diante da extensão perceptiva do mundo sensível aprofundam-se no ser alimentando novas imagens. Nessa segunda parte, examinamos as imagens da repercussão no brincar como imagens de totalidade. Elas cumprem uma síntese fundamental: formular as bases da consciência, realizar o trabalho de estruturação do ser que, em breve, nascerá para a linearidade temporal.

Verificamos, assim, as imagens de brincadeiras do enraizamento no atemporal. Sonhos de contato com o desconhecido, a vontade de experienciar o medo em suas imagens de mistério e eternidade, a morte em suas imagens de ressurgência. Todas as lições do oculto e da oclusão, como veremos, guardam valores de integridade em que o encaixe no mundo se faz como uma lição da eternidade. Essa substância fundamental organizará todo o despertar futuro da criança para a constatação do fim irremediável.

2.1 Brinquedos da extroversão

Expressar a natureza do elemento terra nos brinquedos tem seus riscos, principalmente quando falamos dos sonhos de intimidade, pois a busca da criança pela intimidade da matéria está expressa em quase todos os brinquedos, sejam eles de quaisquer dos quatro elementos. Entretanto, nos brinquedos de imaginação telúrica encontramos com maior anseio o ímpeto da criança para o mundo, a necessidade de colonizá-lo. O derramar-se da criança na matéria é o desejo daquilo que está por ser revelado ou descoberto. Bachelard afirma, sobre a curiosidade da criança:

É esta a curiosidade da criança que destrói seu brinquedo para ver o que há dentro. Se essa curiosidade de arrombamento é realmente natural ao homem, não é de admirar, digamos de passagem, que não saibamos dar à criança um brinquedo de profundidade, um brinquedo que satisfaça realmente sua curiosidade profunda? Colocamos som no polichinelo e nos espantamos de que a criança em sua vontade de anatomia, limite-se a rasgar as roupas. Não retemos senão a necessidade de destruir e de quebrar, esquecendo que as forças psíquicas em ação pretendem deixar os aspectos exteriores para ver outra coisa, ver além, ver por dentro, em suma, escapar a passividade da visão. Como me assinalava Françoise Dolto, o brinquedo

de celulóide, brinquedo superficial, brinquedo do falso peso, priva certamente a criança de muitos sonhos psiquicamente úteis. Para certas crianças ávidas de interesse, ávidas de realidade, essa psicanalista que conhece as crianças, recomendou acertadamente brinquedos sólidos e pesados. O brinquedo dotado de estrutura interna proporcionaria uma solução normal ao olho do inquisitor, a essa necessidade do olhar que necessita das profundezas do objeto. Mas o que a educação não sabe fazer, a imaginação realiza seja como for. Para além do panorama à visão tranquila, a vontade de olhar alia-se a uma imaginação inventiva que prevê uma perspectiva do oculto, uma perspectiva das trevas interiores da matéria. É essa vontade de ver no interior de todas as coisas que confere tantos valores às imagens materiais da substância (BACHELARD, 2003, p.8).

Entre os brinquedos construídos pela criança, a experiência das gerações oferece soluções ainda mais amplas do que a proposta de François Dolto, citada por Bachelard, no que se refere à avidez da descoberta, ao olhar de profundidade, especialmente nos brinquedos tradicionais relacionados ao elemento terra. Essa busca pela materialidade íntima, primeiro, se descortina no tosco e grosseiro da matéria rude, nos brinquedos de modelar e construir. Não há, inicialmente, interesse maior da criança na aparência do brinquedo, mesmo aqueles que são de matéria mole e permitem facilidade na construção dos aspectos.



Figura 2 - Boneca de sabugo de milho – Lajedo-CE

Figura: Gandhy Piorski

O toco da forma e da aparência é a síntese de uma estetização quase só imaginária, que se contenta com a narrativa própria da imaginação, que se sustenta de imagens imaginadas. Não propriamente uma estética do brincar. A matéria é apenas um suporte que recebe modulações mutáveis, como uma constelação de imagens que se auto-organizam e transmitem aos corpos uma impressão, um halo estético, um poder mágico. A imaginação criadora na criança doa este poder mágico. Ela habita os objetos dando-lhes ser. Vive uma concretude demiúrgica, uma mística que entifica o mundo, que origina o mundo e o mantém em metafísica do *fascinium*. O mundo, para a criança, não decai na espacialidade profana; é sempre mistério renovado.

Constata-se, aqui, um reconhecimento da superficialidade material. Há sempre um interesse maior pela substância e menor pelo resultado da forma. Forma superficial que oculta a substância íntima. A imaginação reivindica a substância, como o escultor que vê, no mármore bruto, a forma a extrair, antes que ela seja deflorada no trabalho. Mas o escultor detém a técnica e a destreza para materializar sua imaginação e por isso estetiza a matéria. A criança dos primeiros 7 anos, em poucos gestos, sem a especialidade do corpo e da técnica, numa economia de expressão, submete-se e contenta-se imensamente à volúpia da vontade imaginária. É mister e insuspeitável, consensual à sua imaginação, entregar-se à predominância das imagens sobre a matéria, ao domínio da imaginação sobre o mundo material. A imaginação enrama-se no mundo das aparências. Quer despojá-lo, desmanchá-lo, ir em direção ao seu núcleo. Faz dele veios que levam à intimidade.

Assim, buscar na natureza materiais pesados ou leves, flexíveis ou longilíneos, modeláveis ou duros já requer um olhar, uma extroversão, em busca de intimidade, já imprime as noções de particularidade e já revela a natureza do material, pois a pedra com seu peso e textura é uma parte íntima da montanha, do rochedo ou das pedrarias e seixos do riacho. O sabugo de milho, que produz a boneca, é a parte mais interior do milho que, para ser debulhado, necessita primeiro, que se tire sua casca, para após o debulho, apresentar o cilindro áspero e leve que sustenta o fruto, matéria prima rude de inúmeros brinquedos. A cera de abelha é o cerne da colmeia que, primeiro, precisa ser defumada, para se extrair o mel e macerar no pilão o centro úmido com outros produtos, garantindo a textura e a durabilidade da cera.



Figura 3 Boi de cera de abelha - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski

Modelar boizinhos, em argila, é o mesmo princípio da penetração e maceração em toda intimidade da matéria mole. Por fim, os meninos ainda queimam o barro em pequenas fogueiras improvisadas ou brasas do fogão a lenha. Fixam a forma material como querem, por saberem de seu íntimo e conhecerem sua manipulação.



Figura 4 - Modelagem do boi de barro - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski



Figura 5 - Queima do boi de barro no fogão a lenha - Lajedo -CE

Figura: Gandhi Piorski

As carrapetas e piões confeccionados por meninos exigem um olhar mais apurado de intimidade material, buscam a densidade geométrica correta em sementes e madeiras de fibra dura como a pereira, suporte material que comporte o abraço firme da linha que arremessa o movimento em torno do próprio eixo, sustentando impactos na disputa combativa.

Entretanto, da curiosidade mais radical pelo íntimo, surgem brinquedos que causam estranhamento à mentalidade da pedagogia asséptica. Brinquedos recolhidos da matéria dos cadáveres de animais. Um brincar das entranhas que emerge da morte de animais domésticos, ou capturados para experiências do desmanche anatômico.

Em laboratórios clandestinos, fora da visão de mães, pais e professores, em esconderijos de livre investigação, são esgaçadas as entranhas dos sapos e calangos, ou mesmo - nos sonhos de quintais - são recolhidos os ossos dos preás enterrados numa sepulturazinha bem demarcada. Bolas feitas de papos de perus e borrachas naturais, bexigas de porco e carneiro. Fazendinhas feitas de ossos de boi, ossos de peixes e galinhas. Essa prática era bem comum nos sertões, mas também remontam à antiguidade, pois relatos já mostram os filhos de esquimós brincando com ossos de foca. Nos litorais, crianças brincam com a recolha dos ossos dos peixes.



Figura 6 - Bola de papo de peru coberta com látex natural - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski

Essa imaginação investigativa das formas, que lê nas entranhas dos animais profusão de imagens corpóreas, de fazendinhas, vaqueiros, cavalos e bonecas, é um olhar invasivo na intimidade geométrica, é a necessidade primeira de arrombamento e de anatomia explícita anteriormente por Bachelard. Que ainda afirma:

A alquimia também entrega-se frequentemente a essa simples perspectiva dialética do interior e do exterior. Ela propõe muitas vezes a ‘revirar’ as substâncias como se revira uma luva. Se sabes por para fora o que está dentro e para dentro o que está fora, diz um alquimista, és um mestre da obra (BACHELARD, 2003, p.17).

Evidentemente, o discernimento do alquimista ou do poeta diferencia-se da criança em seu impulso natural da imaginação na descoberta do brincar. Mas a substância imaginária que move o olhar de avesso e âmagô é a mesma. São crianças em seu alquímico pronunciamento imaginário.



Figura 7 - Boizinho de osso feito da vértebra da coluna do boi com cela de couro - Lajedo – CE

Figura: Gandhi Piorski

Nesse trajeto de exteriorização para a matéria, a criança é provocada pela infinidade das formas do mundo material. Formas que espelham a alma da criança. Formas essas que engendram a criação de pequenos universos. Como as fazendinhas, pequenas bonecas e casinhas demonstram a capacidade de miniaturizar do brincar telúrico. Um brincar que redimensiona amplamente os espaços e repercute em ecos de espacialidade no ser da criança. O que é o mais pequenino se torna infinitamente maior nas paisagens internas.

Os lugares perdem a fixidez do tamanho, crescem largamente, aumentam suas proporções e gravam na memória da criança o super espaço, o “caráter topológico profundo” (DURAND, 2002. p.409) da imagem. Essa dimensão que a lembrança futura transforma em saudade da grande capacidade que tínhamos, quando criança, de absorver e tornar afetiva a topologia familiar, cotidiana. Não é, apenas, porque éramos pequenos e os tamanhos nos saltavam em proporções maiores, mas é por que a imaginação geométrica molda, redimensiona o mundo, aprofunda o *topos*.

A imaginação dos corpos que está forjando a alma para a vida material, trata os espaços com modelagem contínua, torna-os dimensão do desejo íntimo. “As coisas sonhadas jamais conservam suas dimensões, não se estabilizam em nenhuma dimensão” (BACHELARD, 2003, p. 11).

Permanentemente, transforma, modifica, adequa, para que a interioridade seja

plasmada em intimidade com a intimidade do exterior experimentado. No interior do mundo a criança (re)encontra seu mundo interior. No interior das pequenas coisas, vive um mundo do imenso que a imaginação conserva sem reservas para quem a acesse. No brincar telúrico, isso é condição primordial do incansável enfronhamento com as dimensões. Assim, as proporções dos menores espaços são sedutoramente transformadas num cosmos, num deleite de adentrar aquelas esferas tão profundamente íntimas.

Um esconderijo, um laboratório secreto, a cabine de um caminhãozinho de lata, a cama da boneca num quartinho de penumbra da casinha, são sítios amplamente redimensionados que apenas a natureza dinâmica da imaginação suporta. A matéria, em si, não comporta essas dimensões, ela, apenas, é suporte para esta plasticidade dos alargamentos e encolhimentos geométricos, para essa intraengenharia imaginária que prepara a vida material.



Figura 8 - Caminhão de lata - o mundo interior das pequenas cabines - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski

Esse estudo dos desdobramentos do mínimo poderia, se a escola soubesse ver, transformar-se numa botânica do brincar, quando observamos os brinquedos da flora, pois as crianças já trazem essa lição, já o fazem diante de uma flor de cacto ou das pétalas noturnas e alvas do mandacaru. Logo os estames rosados e em quantidade, delicados e retilíneos, pousados em concha de pluma branca, de um alvo tão estranho e puro, despertam um imaginar de mundos para a criança. Ganham de imediato uma espacialidade exuberante, sideral ou submarina.

Aquelas escovinhas de tantas cores pousadas em pequenas covas das diversas pétalas, como que flutuantes, usando chapéus exóticos de generais celestes, logo recebem um halo ontológico, ganham personalidade de ser, de criaturas pensantes, produtoras de impressões sobre a vida. Impressões no mínimo estranhas e misteriosas de uma imaginação que não quer calar. A flor por entre a miríade de espinhos, agora é mundo, é enredo imaginário, é narrativa de tão elástica substancialidade. Logo, de um brincar animista das flores - só de ver - sem sequer as tocar, emana valores das essencialidades do viver. Valores por hora, na infância, imaginários. Mas, adiante, ao reencontrar a memória plasmada de flora, na juventude, esses valores são absorvidos pela consciência como alteridade, como diálogo franco e aberto com o outro, por mais ínfimo e estranho que pareça ser. O primeiro verso do jovem poeta floresce da hesitação dos brotos da infância.

Da flora e seu brincar, existem tantos adornos de guirlandas com flores e folhas, capas, para as unhas, de pétalas e cálices de pequenos lírios, brincos de pequenos botões de papoula por desabrochar. Brinquedos que denotam um olhar de intimidade para o delicado e pequeno das formas e cores.



Figura 9 - Unhas postiças de pétalas de flores - Lajedo - CE

Figura: Gandhi Piorski

Emerge assim uma imaginação da valoração que quer experienciar o sublime e harmônico da natureza. Diz Bachelard:

Com que desdém pelos sonhos de criança, por esses sonhos que a educação não sabe amadurecer, o filósofo condena o homem a permanecer, como ele diz, ‘no plano dos fenômenos’[...]o filósofo acrescenta geralmente o aforismo: ‘Tudo não passa de aparência’[....]Como pode esse ceticismo dos olhos ter tantos profetas quando o

mundo é tão belo, tão profundamente belo, tão belo em suas profundezas e matérias? Como não ver que a natureza tem um sentido de profundidade? (BACHELARD, 2003, p. 9)

Meninas de gerações sucessivas reconheceram, pelo imaginar, essa profundidade da natureza. Não é raro encontrar narrativas, no sertão dos Inhamuns, de meninas que extraíam das mais variadas flores, especialmente o mimo do céu e anis, tinturas para pintar as unhas e colorir o corpo; “a tintura é uma verdade das profundezas” (BACHELARD, 2003, p.26). A imaginação do brincar sertanejo é imaginação do brincar de todos os tempos, remonta a uma antiguidade anterior à Ibérica, como faz alusão João Amado ao falar dos adornos com flores e pétalas:

A variedade deste tipo de brinquedos é infinita, como infinitos são os materiais utilizáveis na sua produção. De entre esses materiais saliento as flores (de que se faziam grinaldas, unhas de sardineira, brincos de princesa) as folhas (donde provinham os sapatinhos de folha de figueira, bolsos e aventais de folha de feijoeiro, etc. etc.), caules, hastes e ramos (de que recorro o chapéu de junco), os frutos (de que saliento os brincos de cereja, máscaras de abóbora, óculos de nozes, colares de bugalhas... de camarinhas... de gilbardeira...), as barbas de milho... Imaginemos uma criança que se adorna com toda panóplia de materiais, da cabeça aos pés, retomando tradições e rituais que vêm, em alguns casos, do fundo dos tempos, dos remotíssimos cultos agrários (AMADO, 2002, p.19).



Figura 10 - Adornos de pétalas - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski

A obra Figuragráfica de Hans Silvester (2009) denota a imemorial experiência de povos que adornam suas peles das peles da natureza. Especialmente os povos do vale do

Omo, na Etiópia, jovens e crianças que vivem boa parte dos dias a experimentar, unir, juntar seus corpos ao corpo, às texturas, tinturas e cores da natureza.



Figura 11 - Pintura corporal das crianças - Vale do Omo - Etiópia
Figura: Hans Silvester



Figura 12– Fazendinha do fruto da Oiticicas – Oiticicas-CE
Figura: Gandhi Piorski

A flora, nos brinquedos, espelha vida delicada de frutos e pétalas. A vida é adornada pelo brincar. Tantos animais são recriados dos frutos, das sementes e das flores. Boizinhos de palito do fruto da Oiticqueira, do Melão de São Caetano, das mangas verdes, dos maxixes, dos mangarás da Bananeira, das cascas do melão e da melancia. Pequenas galinhas d'angola provêm das vagens abertas do Pereiro. Patinhos, de tantas flores silvestres que flutuam nos charcos da baixada ocidental maranhense. Hélices das mais diversas sementes e flores dos brinquedos do ar. Bonecas de margaridas, papoulas, figuras ibéricas de grão de bico e folha de cana (AMADO, 2002, p. 57), do sabugo de milho das Américas.



Figura 13 - Encaixes de sabugo de milho (Lego do Sertão) - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski



Figura 14 - Galinhas d'Angola da vagem do Pereiro - Sertão dos Inhamuns - CE
Figura: Gandhi Piorski



Figura 15 - Fazendinha de Melão de São Caetano - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski



Figura 16 - Boi da flor da bananeira - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski

Da flora sonora e musical apitos das mais variadas canas, caniços e tabocas, estaladores de talos de bananeira, coquinhos sonoros da macaúba atirados por baladeiras dos meninos do Cariri. Assim também, dos cocos sonoros, os piões que cantam. Feitos do coco da

palmeira tucumã por meninos do Oiapoque (MEIRELLES, 2007, p.159). Das curiosidades sonoras da flora João Amado narra o NU...NU europeu:

O nu...nu parece-me a coisa mais ingênua que se pode imaginar e que fui encontrar na memória das gentes da aldeia do Manigoto, concelho de Pinhel. É constituído por uma bugalha com dois furos, um de cada lado, e à qual se tira o miolo. Sobre um desses furos cola-se com saliva um alvéolo de seda, muito ténuo, que se encontra debaixo das pedras soltas dos muros e que é produzida por uma espécie de aranha que habita no seu interior (pele de caga-bichinho). Ao colarem-se os lábios, levemente, sobre a seda cantarolando ‘nu...nu...’ produzem-se vibrações que ampliam o som e lhe dão um tom flautado (AMADO, 2002, p. 38).

Assim, os brinquedos da criança permitem a inquisição livre do olhar, a sondagem e investigação da natureza, o encontro com a integridade de suas formas, com a individualidade oculta em seus contornos e texturas, com a intimidade de inúmeras formas de ser. Para a imaginação das coisas materiais, no brincar, todo corpo é espaço de ser, é território ôntico moldando as primícias íntimas da criança. Moldando para intimar-se com a natureza e para que a natureza lhe desperte a interioridade de ser parte, participante, organismo da vida.



Figura 17 - Porco espinho de Melão de São Caetano - Lajedo- CE
Figura: Gandhi Piorski

2.2 A repercussão do brincar

Esse movimento de aproximação da natureza, de exteriorização para o interior da matéria retorna ao ser. Toda ‘ressonância’ (BACHELARD, 2008, p.7) tem sua ‘repercussão’.

Essa gravitação imaginária e sensorial nas concavidades, pontas, cantos e ocos da natureza, tem seu eco de interioridade e aprofundamento. Brincadeiras de casinha, bonecas, brincadeiras de novenas, casamentos e festejos religiosos, brincadeiras de sortilégios, funerais e enterros das bonecas, todas falam do enraizamento no solo úmido e mais íntimo das experiências humanas. Aglomeram-se aqui imagens do viver terreno, dos pés no chão humoso do ser, no território intrauterino da memória coletiva, que têm na casa, na boneca e no rito, símbolos do homem em sua travessia. Símbolos que apontam a rota, a bússola, a orientação, o reconhecimento. Apontam uma vida pertença e íntima com o viver.

Quantos dramas desenraizados, quantos estrangeiros de sua interioridade, quantos caracóis quadrados em cascos redondos! Uma vida imaginária de casulos, de conchas, de ninhos, de cantos, de cofres, de cavernas, de casinhas, de miniaturas, ofertaria fartura cosmológica, cosmo-sopro, “inhanso” (ROSA, 2011, p.45) de cura, um astrolábio da altura e profundidade da criança, de suas paisagens internas.

A casinha de palhas ou bambus, debaixo das moitas, construída pelo trabalho engenhoso da criança, é o abrigo acolhedor, refúgio de intimidades. A casinha ou cabana de lençóis, com luz tênue no escuro do próprio quarto, embrenha a criança numa busca do mistério, do íntimo mais íntimo de sua própria casa, de seu próprio quarto.



Figura 18 - Casinha de Folhas de Bananeira - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski

Não basta o quarto. A imaginação pede ainda menor espaço, ainda mais penumbra,

ainda maior anseio por sentir a própria respiração, o próprio calor, as impressões mais extremas do secreto, do segredo, do mistério encoberto, do sussurrado, dos olhares de busca que limiam o medo e seus encantamentos, das especulações investigativas, ou mesmo, do mais quieto aconchego de apenas ler um livro, ou amiudar-se bem encolhido. Aquela cabaninha de lençóis é um sítio de sonhadas impressões no lugar de vida real que é o quarto. Encarna-se uma necessidade do existir íntimo, mais fundo, de reconhecimento da introversão. Causa inconfundível da busca pela substância misteriosa, do cerne.

Assim “proporcionaríamos à criança uma vida profunda se lhe dêssemos um lugar de solidão, um canto” (BACHELARD, 2008, p. 86). Essas casinhas projetadas pelas crianças, sejam no quintal, na roça, no próprio quarto, na árvore, construídas por elas e pelo ímpeto imaginário do homem construtor, do primordial *homo faber*, abrem possibilidades de contato com a necessária solidão que devemos conhecer, com a solidão benfazeja que nutre a criança de tempo largo, de espaço-tempo para ser. Solidão que faz da imaginação material assente para a memória-imagem de uma infância rica, livre e fecunda.



Figura 19 - Casinha de sabugos de milho – Lejedo - CE
Figura: Gandhi Piorski

Manoel de Barros poetisa essa solidão da criança, extrai de sua própria solidão,

quando criança, de sua longa solidão pantaneira de rios e pássaros, a dimensão real do quanto a memória pode se intimar do ser, e diz: “o abandono me protege”(BARROS, 2006). Nesse ‘abandono’ do brincar solitário, foi capaz de guardar, incrustar sua poesia de inversão imagética, declaradamente tirada de suas impressões da infância. Que riqueza de maturidade calcada na solidão de sua própria infância vive o poeta em seus versos!

Da solidão resguardada, do quase nada para brincar, nascem os estudos e o interesse pela ‘inutilidade’ (BARROS, 2006). A imaginação faz dos olhos lunetas de vagabundear pelas formas. Os menores lugares são os que mais cabem imaginação, são os que mais cabem solidão e silêncio. Assim mostram as bolsinhas de guardar segredo dos povos Canela, ou o cofo ‘de guardar segredo’ de remanescentes quilombolas do Maranhão. Estes brincavam construindo-os com palhas de pindoba ou coqueiro.



Figura 20- Bolsinhas de guardar segredo - Povo Canela - Ma
Figura: Gandhi Piorski

Quanto menor a bolsinha ou o cofo, maior é o segredo que se pode guardar neles. Guardar nesses trançados de palha, quase ninhos, ninhos-cofre, que bem encerram a cumplicidade. O sonho imaginário em busca do imenso ínfimo, do infinito íntimo. Sonho da intimidade que ama o segredo, como diz Bachelard (2008, p.87): “do homem grande sonhador de fechaduras.”

Habitar secretamente os espaços é um dos mais segredados sonhos da criança. Guardar, nem sempre é o sonho predominante de sua materialidade. Nos meninos do interior, das choupanas de palha, das casas de taipa, dos muitos irmãos, de poucos móveis, a noção de brincar e habitar os esconderijos da casa lhes é vaga. Os lugares secretos não estão no interior da casa, mas na floresta, nos buracos, num barranco de rio, no rasgo de uma rocha. A casa da família, casa pequena, mais remete ao ninho, ao aconchego temporário, da proximidade apertada e calorosa com os irmãos, da intimidade compartilhada, da casa que quase só cabe o corpo. No entanto, as mais secretas e marcantes impressões são trazidas do íntimo exterior, da casa natural, da natureza que o circunda. O menino se guarda, guarda o corpo, em solidão imaginada. Habita em devaneio de fortaleza os troncos e copas das árvores.

Dos objetos de brincar pouco vemos brinquedos guardados. Há sim, brinquedo largado, abandonado, devolvido ao mundo natural de onde veio (CARVALHO, 2007). Poderíamos deduzir, como sugere Bachelard quando estuda a psicologia das fechaduras, que “guardar uma coisa qualquer, de qualquer maneira, em um móvel qualquer, indica uma enorme fraqueza da função de habitar” (BACHELARD, 2008, p. 91). No entanto, essa função de habitar na criança da choupana, que quase não guarda coisas, entregue à mata, ao terreiro, ao quintal, ao roçado, tem mais vínculos de experiência com a casa ninho, entregue ao mundo, confiante no mundo (BACHELARD, 2008, p. 115), feita nas copas do mundo. Menos ilusões de proteção material, menor instituição do separado, do dentro e fora, mais simples, mais dado, de calor compartilhado, quase - como no ninho - sem teto.

Aqui, a imaginação do bosquímano, do silvícola, instaura nas brincadeiras da criança da floresta, do sertão, um grande sentido de totalidade. A noite do bosquímano tinha na caverna, ou na choupana um abrigo das profundezas da noite, da noite selvagem. As noites das crianças do campo e da floresta são oceânicas, quando silenciosas e sem energia elétrica. A casa de meus avós, de paredes e tetos de palha, fazia eco a todos os sons coaxados do charco que a margeava e ao fundo a alta floresta de Sumaúmas, Tucuns e Pindobas. Siricoras noturnas ecoavam por entre os troncos anunciando o umbral das distâncias que um menino não ousa sondar. No entanto, as paredes de palha frágeis compunham uma imaginação da confiança. Mesmo frágeis eram intransponíveis.

Por outro lado, as noites dos meninos das choupanas, clareadas pela luz materna das lamparinas, também poderiam ser espectrais, quando nutridas por causos de assombração e histórias ígneas. Assim, a casa arregaça-se para todos os perigos e transforma-se na casa que

devora, que engole, que esconde no canto escuro os portais por onde entram os terrores da escuridão. A casa Cali, o ventre morte. Assim, os antigos traziam as histórias de assombração, abriam as portas da casa para toda sorte de experiências da escuridão. Entregavam as crianças ao desamparo de seus medos, garantindo, apenas, o mínimo de intimidade afetiva: o quarto a cama e o lençol, para difíceis travessias noturnas, até o sono chegar. São lições de coragem diante do assombro misterioso do mundo. “A infância que deveríamos ter tido. Raros são aqueles dentre nós a quem a vida deu a plena medida de sua cosmicidade” (BACHELARD, 2008, p. 106).

Ao contrário, “a vida moderna afrouxa o vigor destas imagens” (BACHELARD, 2003, p.89). No adulto moderno ainda mais. Sua casa ainda é um lugar de abrigo e tranquilidade, mas, não mais com o sentido cósmico (BACHELARD, 2003, p. 89) de assombro com a totalidade, de diálogo e espreita com a imensurável e desconhecida textura das noites, especialmente as noites da floresta, das beiras de rio, dos charcos, do sertão bravio. No entanto, a criança preserva em sua psique germinal o sonho da casa arquetípica.



Figura 21 - Casinha de varas de marmeleiro – Lejedo - CE

Figura: Gandhi Piorski

Basta que alimentemos a vida desse arquetipo enraizador. Basta que simplifiquemos em direção ao arcaico, que ofereçamos a choupana de brincar, o ninho de se abrigar. Quanto

mais simples a casa de brincar, os esconderijos de materiais naturais, maior a complexidade e os enraizamentos imaginários, mais forjas afetivas e cosmológicas. Quanto mais sofisticado, de material sintético, frio e imitador de realidades, mais pobre e distante dos arcaísmos, menor o entusiasmo, menores as sinapses de imersão que gravitam e aprofundam a imaginação para as constelações simbólicas, para os núcleos de totalidade do inconsciente.

Que presente de enraizamento no mundo, presente de pátria afetiva, poder possibilitar às crianças grutas e cavernas para brincar! Mesmo que a gruta seja de papelão. O importante é que seja gruta, escura, com pouquíssima luz. De preferência recôndita, escondida. Que seja um canto. Por detrás de uma árvore, ou mesmo subterrânea. A gruta traz as transcendências da noite e apura o ouvir, pede silêncio. As crianças, em grutas, gostam e se divertem em falar baixo, entronizam o sagrado das catedrais. Ouvem vozes misteriosas. Imaginam um mundo para lá, além da escuridão. Sonham com sons estranhos do interior da terra. A brincadeira de solidão nas grutas, de grande silêncio, aflora para a criança seu próprio interior, seus pensamentos ficam altos, seu coração é ouvido.



Figura 22- Gruta de brincar - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski

A gruta é um brinquedo de aprender a ouvir, de silenciar para ouvir, de reconhecer no ouvir um mundo de ensinamentos, de possibilidades. O ouvido é flagrado como uma janela misteriosa para outros mundos. Em muitas crianças, principalmente as mais sensíveis, o medo

faz com que elas tapem os ouvidos com mais força do que aos olhos. “O ouvido é então o sentido da noite, e sobretudo o sentido da mais sensível das noites: a noite subterrânea, noite murada, noite da profundidade, noite da morte” (BACHELARD, 2003, p. 149). A criança que vive as entranhas da gruta, da caverna, nutre-se de uma força imaginária curativa, da coragem de sondar, de investigar, de no futuro reconhecer dimensões múltiplas de seu ser e saber ouvi-las sem pavor, sem desespero desagregador. O subterrâneo funciona como uma espécie de espelho para a criança, seu estado emocional é quem determina suas impressões. Impressões advindas do ouvir especialmente, pois a gruta é uma concha de ressonância.

Por outro lado, também nas moradias maiores ou nas grandes casas, o lugar, o esconderijo escuro, a casinha dentro do quarto ou nos fundos da casa, ou no quarto dos fundos é a casa em que a imaginação cinzela as memórias mais marcantes da casa real. Nesses ambientes de solidão, a criança tece uma interioridade afetiva, uma memória familiar. Cria vínculos perenes de sua alma com a alma daqueles que permitem seu aconchego, que asseguram seu acolhimento, que valorizam seu imaginar. Entroniza a alma familiar, perpetua sua ancestralidade. Em sua memória argilosa, faz a síntese simbiótica do saldável e seguro cosmos comunitário com suas próprias experiências de intimidade e repouso. Nasce aqui valores dessas fusões imaginárias. Valores que acrescentam ao espírito, que acrescentam ao futuro o mais consciente uso de suas potencialidades. Que crescem às ferramentas da consciência reservas de energia, substratos que assentam o ser num esteio laborado pelo imaginar. Assim, a razão da criança se fará saudosa do mito.

Para falarmos apenas dos sonhos positivos da infância, aqueles que perduram como reserva de energia para toda a sua jornada, pois estes lugares de solidão são também refúgio, abrigo de um ambiente hostil. Muitas vezes, podem ser um cárcere, uma prisão, um exílio que a imaginação na vez do anjo de guarda, num eufemismo do brincar, lutará para criar campos novos de subjetivação daquela dor, se apresentará como inteligência anímica, dando vida a possibilidades de amparo e reequilíbrio através da brincadeira de intimidade. Muitos exemplos desses símbolos de reequilíbrio, encontramos nos brinquedos e sua relação com os quatro elementos. Há mesmo uma cosmogonia curativa do brincar costurada pela experiência imaginária nas culturas.

Não são poucos os relatos de meninas que fugiam para suas casinhas do quintal por não quererem cumprir, ainda pequeninas, com trabalhos extenuantes da casa, da cozinha. Fugiam justamente para brincar de trabalhar de afazeres domésticos. Uma homeopatia

imaginária. O ser da criança, quando forçado para a realidade objetiva, para uma exterioridade em que ela ainda trata como a dimensão de si própria e não se ‘destacando’ (CASSIRER, 2001, p.217) plenamente do ‘outro’ em sua delimitação espacial, busca o escudo da intimidade do sonho, brinca de intimar-se com a realidade.

Nos lúdicos ‘ritos’ de intimidade dos brinquedos da terra, podemos encontrar o mais noturno e axial dilema da vida e o que logo cedo no brincar, sem ser percebido como ameaça, inicia a ser maturado em conteúdos originantes: a morte. Logo cedo, por ser esse tema essencialmente uterino e por ser a criança visceralmente recordada do útero. Revestidas de uma corporeidade mágica, as crianças enterram, sepultam e oram pelos pequenos animais, insetos e bichos de estimação. Entregam-se a devaneios de repouso e ressurreição. Enterram e, logo depois, desenterram esperando um acontecimento novo. Marcam a pequena sepultura para, meses depois, investigarem os ossos. Guardam os ossos numa caixinha. Examinam, com uma sensibilidade xamânica, a possibilidade de devolver à vida aquela criatura. Sondam, por uma metafísica natural à sua alma, por onde andaré aquele bicho que morava na carcaça dos ossos brancos. Alguns meninos, os mais ousados e dotados de onirismo heroico, fazem do crânio do pequeno preá um totem de combate, de vencedor dos terrores da morte.



Figura 23 - Sepultura para piabas - Lajedo – CE
Figura: Gandhi Piorski



Figura 24 - Semitério de piabas - Lajedo – CE
Figuras: Gandhi Piorski

Sepultar uma boneca é dar-lhe repouso, é reconhecer o descanso uterino. A imaginação avessa a noção de morte (que na criança sequer é noção) para renascimento. O sono como ‘promessa de despertar’ (DURAND, 2002, p.239). Como nos contos de princesas adormecidas, que serão despertadas por príncipes encantados, não é rara a curiosidade imaginária da criança, fazer com que ela volte e desenterre a defunta boneca ou o pintinho morto, pois a imaginação infunde-lhe - como reconhecia a ciência dos antigos em seus ritos de morte - o sentido de que a vida voltará. Há vida sempre, mesmo que num estado oculto, mágico, encantado. A imaginação telúrica, quando de intimidade, crê nas doçuras da terra, do seio terrestre, nas dádivas da mãe de todos os viventes. Intuitivamente, sabe de sua eterna promessa de doação da vida, do poderoso *mana* (ELIADE, 1997, p. 48), que reflui da terra e restabelece numa nova forma o viver.

Assim, o sepulcro é útero, lugar de sono profundo da boneca. Berço, concavidade *digestiva* (DURAND, 2002, p.54), do qual a vida renascerá, ainda que renasça nas metáforas do céu, de um lugar encantado, de um espaço misterioso. Mas a vida do pequeno animal enterrado no quintal ainda perdurará na imaginação da criança por longo tempo, ainda será presença num lugar paralelo, num tempo numinoso.

Uma menina do sertão, que viveu tantos sofrimentos, violência física e abandono dos pais, mantinha um enorme cemitério de bonecas e tratava-as como se vivessem num

encantado repouso. Quase só brincava de morte e sepultamentos. Aguardava, almejava, quem sabe, carinhos de ressurreição, lágrimas de renascimento, um beijo do príncipe, guardando suas belas adormecidas no aconchego da terra.

A imaginação faz da morte uma afirmação eterna, contínua, indestrutível da vida. A criança não crê na destruição da vida, sequer a conhece em seus devaneios. Luta para imprimir vida a tudo que é matéria. E sempre é tomada a fabular - depois da perda ou das mortes de quintal - uma metafísica da matéria, e atribui, a esta, vida contínua e sem fim. O céu passa a ser sua materialidade, sua imaginação de intimidade. A imaginação material faz-se imaginação regenerativa, como a terra o é para o homem desde antigos ritos de morte e cura (ELIADE, 1997, p.318).

No entanto, com mais nitidez, encontramos na corporeidade de algumas crianças, nas menores, que já desembaçam-se nos movimentos e nos verbos já denotando “os mais delicados matizes do sentimento do eu” (CASSIRER, 2001, p. 300). Encontramos as vivas imagens das brincadeiras de morte e engolimentos, de monstros devoradores, de perseguições imaginárias, da fuga para não ser engolido, mas quase sempre termina no devoramento do outro. Normalmente, os pais são convidados a serem os monstros. A criança pequenina dita as regras para que o pai a persiga e depois devore-a. Normalmente, com grande euforia a criança corre para o colo da mãe, mas adora e muito ri quando o pai chega com bocas enormes, dentes de fora e mãos espalmadas e a engole. Depois, acontece uma pausa para um pequeno devaneio, – meio a sério e meio a invento - imagina estar dentro da barriga do pai, lá dentro é escuro, tem brinquedos e muita água e narrativas outras sobre o ventre.

Entrando, logo em seguida, no frenesi de ser o monstro devorador do pai, todo seu corpo participa numa corporeidade imaginária, numa possessão imaginária. A criança arregala os olhos, abre a boca, faz a voz grave da caverna, anda em passos largos em caça feroz e divertidíssima do pobre pai prestes a sucumbir e parar no seu ventre. E se o pai muito dramatizar suas impressões de aprisionado no ventre da criança, esta logo levará a sério o medo vivido em relação ao pai.

Este jogo prazeroso da imaginação poderá ter inúmeras inversões e impressões, do medo, para o aconchego; do escuro do ventre, para o dia; do poder de quem devora, para o estado inferior do devorado; da barriga túbulo, sepulcro doador vida. Um laboratório de apreensões, uma oficina do sonho de encaixe, uma corporeidade da oclusão, do encerramento, da subtração, mas uma subtração convicta, não apenas esperançosa, das alegrias do

renascimento, da saída do ventre. O ventre como forja, como noite secreta, intuído com as luminescências do fogo.



Figura 25 - Brincadeiras de devoramentos e monstros de sombra - Lajedo – CE
Figura: Gandhi Piorski

Podemos, aqui, observar preparos da imaginação para criar brinquedos de transcendência, em formular imagens de renascimento, inundando a sensibilidade uterina da criança de renascimentos que ela própria vive todos os dias, a descobrir o mundo, lançando seus ramos nas impressões do mundo.

Temos encontrado, em nosso estudo, a possibilidade de examinar que uma das leis centrais da imaginação na criança é insuspeitável formulação generativa, pois a imaginação, nos primeiros sete anos do brincar, ainda se liberta do charco amniótico. Move-se da inconsciência uterina para as constelações da memória coletiva. Gravita nos símbolos de totalidade impulsionada por suas forças de formação. Peregrina na noite da alma, cingida de origem. É quase só alma ‘recordada’ de reminiscência. Seu fruir imagético está no reino da “vontade que sonha.” Pouco ainda há espaço para a “vontade que pensa” (BACHELARD, 2003, p. 93). Só será espírito e imagens conscientes - imagens que se apropriem da consciência - mais adiante, aos poucos, na olaria dos quatro elementos. Um bom prenúncio

dessa chegada gradual é quando o anseio natural, autóctone da linguagem, buscar o solo da escrita e da leitura. Lenta maturação que prepara a criança para o nascimento dos valores, das virtudes do espírito e para o inevitável susto da finitude.

Aquilo que Durand chama de isomorfismo do símbolo. Os símbolos de totalidade que maturaram a imaginação na criança transformam-se, agora, num primeiro despertar da consciência. Um despontar da consciência, ainda encharcada de integridade arquetípica, num dizer bachelardiano de ‘símbolos-motores’ (FELICIO, 1994, p. 109), de uma consciência germinada na alma do sonho, que agora brota como razão, luz do espírito que inicia a intuir, a imaginar e refletir sobre si. Evidentemente, todo este processo também tem seu mecanismo imunoimaginário, trava uma luta de adaptação, assimilação, eliminação e subjetivação com a cultura e, principalmente, com o vírus niilista da educação. Esta luta intenta garantir os símbolos de uma imaginação de ‘imensidão do mundo’. A educação niilista e fragmentária sabota a riqueza anímica da criança em ‘claustros do mundo’, em compartimentos do mundo.

A imaginação, na criança, é como a semente que sai de sua latência, inibe os hormônios anticrescimento e inicia um poderoso processo elétrico, que acorda informações genéticas antigüíssimas com a função de reproduzir, proliferar, manter-se fiel à vida, à organicidade da vida. Especialmente nos brinquedos da terra, a imaginação material é uma espécie de filogenética essencialmente comprometida com a vida, com seu restabelecimento, sua organização, sua proliferação e adaptabilidade, com sua reformulação que deforma o mundo percebido, não apenas, como um eufemismo, mas como constituição de marcos do ser, fundamentos e forças anímicas vitais como reservas para sua jornada.

Assim, na criança o imaginar é essencialmente cosmogônico. Trabalha pela totalidade do psiquismo em seu início, multiplica-se no manancial imaginário, predominantemente no siderar simbólico do início primordial. Se bem nutrido, amplia seu potencial, replica infinitas possibilidades de representação, de subjetivação. Se aviltado, causa cisões, fraturas e se ramifica para subterfúgios danosos, quando não, simplesmente atrofia, desfigurando as impressões e sensações de totalidade para um abrupto eufemismo precoce. Mas, na realidade, as imagens da totalidade na infância são fundamentais para um trajeto que desponta nas imagens da consciência, que desemboca com valores de integridade nas narrativas da razão, na valoração do pensar e na preparação para a consciência do escoar ontológico.

Quando o espírito acorda já é tempo das tarefas da razão. Inicia o mundo das

especialidades do pensar, dos refinamentos da linguagem. Inicia o encantamento das múltiplas linguagens. Aqui os valores da imaginação, tão ricamente vividos nos sonhos de intimidade, abrigam e nutrem os primeiros passos da razão. Alcalinizam a razão com o profundo *mana* da alma imaginária. Forma-se a base da consciência. Nasce a temporalidade (GUYAU, 2010, p. 59). Temporalidade advinda de todo um diálogo imaginário que brinca e faz brinquedos com a intimidade das formas. Com o íntimo da espacialidade de si mesmo e do mundo. Com as brincadeiras de investigar a matéria.

Antes dessa maturação, não é possível que, logo cedo, muito cedo, a criança seja induzida, como faz a educação, a submeter sua imaginação à consciência e fragmente-a nos estreitamentos do conceito. A consciência ainda é intrauterina, já existe, ao certo, mas em germinal assimilação dos álcalis da alma imaginária, nutrindo-se de totalidade, que é seu próprio fundamento, como diz Cassirer (2001, p.50):

Faz parte da natureza da consciência o fato de que nela nenhum conteúdo pode ser depositado, sem que, através deste simples ato, seja simultaneamente depositado um complexo de outros conteúdos [...], porque cada ser individual da consciência somente se define na medida em que nele, simultaneamente e de alguma forma, esteja incluída e representada a totalidade da consciência.

Assim, a fenomenologia do brincar, em sua imaginação material, os brinquedos da terra, mostram um duradouro anseio de intimar-se na totalidade. De fazer o mundo cosmos, de viver a noite do mundo e forjar-se dos valores de unidade com a vida. Nesse sentido, Durand (2002, p. 46) afirma

Foi o que o etnólogo Lévi-Strauss claramente viu ao verificar que a psicologia da criança pequena constitui o fundo universal infinitamente mais rico que aquele que cada sociedade particular dispõe [...] traz, ao nascer, e sob forma de estruturas mentais esboçadas a integralidade dos meios de que a humanidade dispõe desde toda a eternidade para definir as suas relações com o mundo.

A educação, muito precocemente abandona, não vê o *logos* da criança em seu brincar com o mundo natural e recorre ao explicativo, ao moralizante, ao brincar pedagogizante.

Se quisermos compreender a criança, devemos compreender que a imaginação é um mundo. É um quarto reino, como diz Bachelard (2003), integra os três reinos da natureza, pois a criança vive esse mundo, confia-se a esse mundo. Sendo a imaginação um mundo “é preciso dar às imagens todos os seus traços” (BACHELARD, 2003, p.148). Tantos universos a criança cria em suas imagens de intimidade. Universos de habitar. De “resignar-se a viver” (BACHELARD, 2003, p. 149). Poderíamos aqui falar de brinquedos silentes, brinquedos do tempo, brinquedos cósmicos, brinquedos de resignação, brinquedos de alteridade, brinquedos

de resiliência. Todas estas virtudes do brincar têm seu embrião na imaginação de intimidade.

Os brinquedos da terra são o celeiro imaginário, o germinal de onde todos os elementos habitam e trabalham a imaginação da criança. Podemos dizer que na argilosa imaginação telúrica, a busca do assentamento engravida a imaginação dos brinquedos da água, do fogo e do ar, pois esta raiz perdurará em todos os brinquedos dos demais elementos e todos os elementos perpassam em intimidade qualquer natureza do brincar.

4 BRINQUEDOS DA TERRA E A IMAGINAÇÃO DA RESISTÊNCIA

4.1 Brinquedos da vontade

O despertar da vontade, quase sempre, tem dois polos centrais, é combativo por um lado e acolhedor por outro. Eis o centro de nosso exame nos brinquedos da resistência. Investigaremos em todo este capítulo o corpo a corpo que a criança estabelece com o mundo das substâncias. No sentido mais apropriado a uma fenomenologia da percepção, estudaremos aqui as sensações acordadas no corpo da criança, pelo diálogo com a matéria. Essas sensações são percursos de consciência. Conscientizações corpóreas que valoram vontades imaginárias. Adentramos um campo de estudo do brincar, que se vincula diretamente com o nascimento da consciência, do juízo analítico na criança. Corporeidade, gestualidade e artesanaria no brincar são relâmpagos na imaginação da brincadeira. Clarificam com estribilho e agudez sem precedentes o desejo de participar do mundo pela vontade, pela razão.

Devemos atentar que nosso prisma de investigação, neste capítulo, parte de íntimas impressões corpóreas que se abrem em imagens e estas, por consequência, materializam-se em artefatos da brincadeira. Os brinquedos e seus traços construtivos, seus modos de fixação, suas texturas e modos de composição, enfim, seus corpos são, na verdade, mimese da íntima corporeidade das crianças.

Os materiais moles e duros serão investigados, aqui, como influxos de imagens do acolhimento e da luta, brinquedos do combate e da partilha. Todos, trabalhos provocativos do brincar. Todas, impressões que não isentam as crianças de fortes sentimentos, profundas valorações, antigas imagens do trabalho humano. Aqui estudaremos os brinquedos da resistência, como brinquedos do eixo, do contato cru e direto com a matéria, do contato bruto que repercute num centro corporal, num eixo de consciência, de conscientização do mundo.

Nos brinquedos do trabalho da criança construtora, o grande perigo de superficialidade está em partir da constatação mais primeira, a camada mais frágil: as crianças imitam a vida adulta. Aqui, de início, já devemos eliminar essa premissa rija do velho discurso acerca do brincar, pois os brinquedos da terra são, quase sempre, um protótipo do homem fazedor, artesão da cultura. Assim, num primeiro momento, a aparência do brinquedo nos leva, muito rapidamente, a conclusões precipitadas sobre o desejo mimético nas crianças. Antes de imitar essa realidade do mundo adulto, existe uma mimese primordial na produção imaginária da criança proveniente dos arcaísmos que fazem, da natureza, cultura, que não

diferenciam cultura e natureza.

‘Interior e exterior’ são desenhos espaciais da metafísica, são conceitos para investigar o ser, são fronteiras que o filósofo cria para apreender a experiência do ser individual e do ser do mundo. Dizem: no interior está o ‘ser-aqui’, no exterior o ‘ser-aí’ ou outro ser, o ser do mundo, da natureza. Mas isso é a metafísica em suas investigações. Como diz Bachelard, é uma linguagem geométrica, uma ‘cartografia ontológica’. Entretanto – para melhor nos servir - como seria um estudo do ser se não fosse pelas noções de espaço, pelo dentro e fora, aqui e ali, interior e exterior? Bachelard conduz-nos a algumas bases para este estudo do ser a partir do reino imaginário. Propõe-nos compreender a imaginação “a partir da luz e do som, do frio e do calor.” Assim, para investigar o ser, não haveria mais o dentro e o fora, interior e exterior, mas a “intimidade e a extroversão, a repercussão e a ressonância” (PIORSKI, 2012, artigo USP).

Evidentemente, que a cultura local, o real, está presente nesse trajeto, criando as resistências, os espelhos e as dissidências nas impressões do brincar. Aqui está o amálgama anímico da criança: a cultura imemorial em profusão criativa, sendo jorrada na cultura local. Ou inversamente, a cultura local promovendo impressões vivíssimas e gravíssimas na arcaica fluência imaginária. Quando a criança encontra espelhos estéticos no seu brincar, espelhos desses conteúdos de sua fluência natural, ela aproxima-se do seu ‘eu’ como vimos, anteriormente, nos brinquedos de intimidade. Assim também, veremos aqui, na luta com a matéria, nos brinquedos do trabalho e da vontade.

O espelho necessita, portanto, ser cúmplice, ou seja, a materialidade do brincar quando se constitui de substâncias materiais pouco científicas, ou seja, decompostas, desmanchadas pelo tempo, ou provenientes da natureza, tem o poder de desemoldurar a imaginação. Permite que a criança crie, com maior liberdade, sua experiência. Reconstitui-se no seu ritmo, ritima, ecoa e realiza o ‘destino’ natural da alma: pulsar, expandir e reunir, fazendo da mimese, muito mais, uma laboração de ressonâncias e repercussões do que propriamente a estanque repetição de um modelo.

Desses espelhos, o maior é a natureza, as matérias do mundo natural. Brincar com a natureza e seus elementos, pois a primogenitura imaginária resvala-se das imagens arcaicas que tem como suporte o mundo natural. O viver humano fez de suas bases de impressão a natureza. Toda a cultura de se guiar, todas as noções de espacialidade, geografia, habitação, cultura alimentar, festejos e ritos, todo o viver no mundo e todos os instrumentos e técnicas

que fazem esta cultura, têm suas bases na natureza. Cultura na fluência imaginária é natureza, natureza é cultura.

Assim, imaginação e natureza reúnem-se numa cosmogonia do brincar. A experiência anímica no mundo natural é espelho de calhas oceânicas do imaginar. No entanto, tudo isso dista de uma simples reelaboração criativa, de experiências do passado já vivido pela criança como queriam Walter Benjamim ou Vygotsky, que abordam o imaginar como ressignificação de experiências vividas – na estreita biografia - para representar e interpretar o real. No entanto, a criança se encontra com as matérias do adulto (incluindo seus gestos), os artefatos e a imaterialidade da cultura, para realizar a tarefa imaginária intemporal - para além da experiência biográfica - de desmanchar o mundo. A criança é impulsionada a recriar o real no irreal. Quer irracionalizar a matéria, quer (de)formar as formas da cultura.

Uma gesta de filigranas do mais fino imaginar lúdico se inicia, todos os dias, sobre as dores da cultura. Ungentos de alegria anímica tonificam insistentemente a dureza do mundo adulto pelo gesto do brincar. A cultura reinaugura-se na imaginação do brincar. Todos os dias, despercebidos, pequenos mitos reformulam-se nas imagens da brincadeira. Reformulam-se no subterrâneo, no inconsciente da cultura local, pois os conteúdos da infância ainda vivem no porão do olhar cultural. Conhecer sua anatomia imaginária é viver uma ‘imaginação vadia’ é estudar o ócio do ofício. A maior, a mais intensa de todas as infâncias tem a alma dos viralatas. O lugar de vagabundear da criança é tão perseguido, que deixamos de ver, como Manoel de Barros, o ‘osso’ de sua alma, o ‘nervo’ de sua criação.

Mas para já, busquemos os brinquedos da matéria resistente. Os brinquedos que despertam as sensações do tempo, que imprimem lições da vontade a laçar o mundo, a tracionar o mundo para a interioridade; ou fixar o mundo interior nas substâncias do mundo, pois “no trabalho, uma forte introversão é o penhor de enérgica extroversão” (BACHELARD, 2001, p.27). Esses brinquedos da vontade, em suas pequeninas e quase voláteis expressões, retratam fragmentos mitológicos do fabular, do fabricar, do amalgamar, do dominar. Todo menino construtor vive a urgência mais simples do *logos*, da ação criadora. Todo menino engenheiro é um imperialista, é um narcisista de sua coragem empreendedora.

Os mais hábeis construtores de carrinhos de lata sempre foram admirados pela turba de meninos motoristas de calçadas e ruas de terra. Os pequeninos sempre recorrem a estes engenheiros de ferramentas do abandono, para negociar um carrinho novo. Toda uma arquitetura de estradas, uma engenharia de tráfego, se configura em tantas formas deste

brincar. Tantos sons de boca são os devaneios dos cavalos de força de seus motores, as primeiras fábulas sonoras do poder. Imaginação de força e potência. Imaginação desabrochando vontade de ser ainda mais, de superar-se, de dominar a matéria da brincadeira em status de demiurgo artífice.

Um menino, no seu cavalo de pau, é o brio do herói. É a coragem e velocidade do cavaleiro, do vaqueiro, ou do arqueiro. Um menino, em sua montaria de talo de carnaúba e suas espadas, revólveres e lanças transparece uma corporeidade ativa, vive o onirismo vigoroso do ungido de corpo fechado. A forja de uma espada de prego e pau tem seu ápice de domínio sobre a matéria, quando o menino a empunha depois de construída. Um dos primeiros gestos é levantá-la, é ameaçar os outros com sua autoridade de gládio. As maravilhas de uma brincadeira de guerra, por detrás de muros, árvores e esconderijos de um grande quintal só conhece quem viveu. E o maior desses encantos é o fabrico, é a lida com o engenho das armaduras de papelão e as lanças de cabo de vassoura. No fabrico as cenas da brincadeira já são projetadas. Cada armadura pronta é uma lição de tempo recompensador no trato com os materiais. Cada armadura vestida é uma investidura de comando, de régia bravura.

Muito menos conhece o narcisismo dos brinquedos da terra quem nunca brincou de vaqueiro, ou senhor de fazenda, peão amansador de burro ‘brabo’, ou mesmo fazendeiro de muitas rezes. Rezes de ossos dos cadáveres da criação, do maxixe, dos melões do mato, das mangas verdes e suas pernas de palito.



Figura 26 - Boi e vaqueiro de ossos de boi. Arreios e gibão de couro - Lajedo-CE
Figura: Gandhi Piorski

A imaginação busca na matéria do trabalho adulto, na plasticidade encenada do mundo social, a substância fundamental de sua luta por cosmicizar, unificar a fragmentada realidade social. Naturalmente, que nesse embrenho corporal com a realidade, cada vontade material, cada esforço imaginário de habitação, moldará, em cada criança, uma fusão do sonho de totalidade com os conteúdos da cultura. É uma luta titânica, burlesca. No entanto, o mais importante, o crucial nessa luta é que a “imaginação quer sempre comandar. Ela não poderia se submeter ao ser das coisas” (BACHELARD, 2001, p.22).

Entendemos melhor essa insubordinação imaginária, quando retornamos às primeiras brincadeiras com a matéria das crianças menores. Às primeiras impressões da matéria e suas texturas. Impressões de finco, de sustento. A criança quer testar a matéria, não como o quer a psicanálise, pelas pulsões apenas sexuais. Essas pulsões, ao certo, participam e habitam a primeira infância, mas não são seu fio condutor, pois o labor imaginário tem a vasta tarefa de religar-se ao mundo, refinando muitos ramos da linguagem pelo animismo do brincar. O oral e o anal são um aspecto lento e muito anterior a esse vertiginoso conteúdo plasmador, que logo emerge a criança para, cada vez mais os sonhos da morada, da chegada, do embate com a matéria, que logo faz do mundo um léxico de tantos possíveis aprimoramentos da alma. O *relegare* da criança é o enlace imaginário com o mundo. Ali, a imaginação deposita, em quase tudo, pequenas porções de transcendência. Um homem dado à transcendência foi um menino ouvidor da contrição do imaginar, teve tempo de cosmicizar o mundo, subverteu a matéria do mundo. Que o diga Manoel de Barros e sua fenomenologia da solidão e do silêncio da criança.

Se formos citar alguns verbos dos brinquedos da terra - palavra das crianças no brincar e verbos do homem materialista - veremos que são verbos de resistência, de reconhecimento das propriedades e capacidades dos materiais e, acima de tudo, verbos do atrito e da veemência do mundo. Vejamos: cavar, construir, esconder, enterrar, quebrar (para investigar o dentro), esvaziar, encher, empilhar, desempilhar, pisar, bater, jogar, carregar, raspar, ralar, esfregar, lixar, empurrar, rolar, arrastar, puxar, soltar, morder, levantar, cortar, serrar, todos são brinquedos na gramática dos verbos lúdicos. Verbos da densidade espacial. Ludicidade do peso, da resistência, da experiência geográfica, geológica, gravitacional, das impressões corpóreas. Na verdade, todos os verbos são lúdicos quando ‘animizados’ pela imaginação da criança. Podemos, mesmo, encontrar nos superlativos do brincar uma marcante característica da geoimaginação nas crianças quando dizem: ‘grandão, gigante, gradãozão, miudinho, pirritotinho, bem pequenininho, mais grandão’.

Esse primeiro contato de luta e resistência, oferecido pelo mundo material, mundo que está posto, cru, na sua forma natural, é a origem do brinquedo em estado bruto. Uma síntese em estado bruto. Brinquedos nascidos do gesto essencial das mãos. Gesto da criança pequenina e não, do menino artífice. Gestos mais próximos das profundezas inconscientes, do que dos “recalques da razão prudente” (BACHELARD, 2001, p.25). É possível flagrar nesses brinquedos as forças imaginárias iniciais do trabalho. As expressões mais primárias da imaginação, em seu nascimento.

Contudo, nos meninos maiores, mais especializados em sua motricidade, o labor das imagens faz-se na construção do brinquedo por uma dialética do romper e fixar, unir e colar, separar e cortar (BACHELARD, 2001, p. 25). É essa conjunção de movimentos e interesses que se apresenta nos materiais do brinquedo acordando lutas anteriores carregadas de valores. É essa síntese primordial que constata que antes de imitar o adulto, há um impacto com uma potência material, que já habita a imaginação material e a faz acordar. Impacta gerando força, vontade. Eis a força colonizadora do mundo das imagens. Não poderia ser diferente. Os brinquedos da terra são brinquedos da vontade, da luta corpórea e muscular, do enredo manual entre a força e a maleabilidade. Uma tonalização da criança no mundo.

Aqui, os brinquedos dos amarros e rudes encaixes nos remetem ao homem que faz, ao que realiza, ao que se entrega à luta, ao que almeja a vitória sobre as resistências do mundo. Não podemos, ainda, ver aqui, nessa descoberta da matéria, os conteúdos de poder da cultura, as reprimendas de dominação social, as mimeses de gênero. A criança, quando brinca de construir, de arquitetar, primeiro é remetida ao trabalho material para depois alçar-se às narrativas comunitárias. É alçada, antes, ao tempo dos materiais, à dureza da matéria, à sua valoração das substâncias da natureza.

Assim também, do mesmo modo como a matéria e os materiais da brincadeira são um atrito, uma resistência e um combate que a imaginação quer vencer pelo inventivo uso do corpo e das mãos da criança, os conteúdos culturais também se embatem com a imaginação telúrica. A criança quando imagina pela terra e brinca de casinha, ela antes de estar no centro da sociedade ela está, num dizer bachelardiano, no centro do universo. É fisgada pela imaginação material ao eixo axial da casa abrigo, casa templo. Maior mergulho imaginário uma criança terá se puder brincar numa choupana de galhos e folhas do que numa casinha toda especializada, pronta, definida, com todos os equipamentos de uma cozinha moderna e seus botões. Na choupana a criança poderá com mais liberdade construir seu sonho

aproximando-se das imagens arcaicas, do abrigo, da caça, dos assombros do mundo, do homem que engenha suas defesas e sobrevivência, do lenhador, da simplicidade original. Tantas lições do humano e seus percursos abrigam um brincar de choupanas! Uma repercussão de enraizamento nos mais recuos dramas do homem.

O cosmo social é imaginado pelos conteúdos de universo, cosmogônicos. O menino, em seu ofício de construtor de carros, quanto mais luta com os materiais de seu trabalho, mais lições de conflito e repouso ele encontra no brincar, mais ele se enfurna numa introversão que afirma seu mundo no mundo, afirma-se em mais consistente extroversão. Mais tratado de domínio e vontade ele desenvolve, com seu tato prospector de cacarecos, e suas ferramentas rudes de restos coletadas pelo olho de Hermes das beiras das estradas e terrenos baldios, olho dos perambulantes.

Por outro lado, a menina que faz de suas bonecas de sabugo - que moursas mais parecem – mães cuidadosas no banho e no ninar, ou mesmo mães autoritárias na fala e no cozinhar, imprimem uma cosmo-arquitetura às suas casinhas - de palha, bambú, tábuas velhas - de rara integridade.



Figura 27 - Casinhas de pequenas portas - Lajedo-CE
Figura: Gandhi Piorski

O centro da vida dessas casinhas é o fogo, o fogão à lenha, o cozinhar. As janelas são

pequenas, as portas miúdas passagens para o mundo, as redinhas de bonecas e camas tão juntas, próximas aninhadas, as colheres de qualquer pau, vassouras de ramos, são preciosas matérias de alegria e atividade renovadora.



Figura 28 - Redinha com mãe e filha - bonecas de pano em casinha de bambu - Lajedo-CE
Figura:Gandhy Piorski

Na criança, a imaginação da vontade, do trabalho, não se rende, tão facilmente, aos limites estabelecidos. Sua missão é ativa de informações míticas, é reveladora de muitos antigos sonhos que não cessam de derramar. Não só nas casinhas, encontramos essas inscrições da totalidade, pois, antes de a criança querer ser como pai vaqueiro, que corre em seu cavalo, por entre garranchos, ela quer reviver o onirismo do herói encarnado naquele pai. Ela brinca e vive um velho sonho de virilidade, de força, de devaneio ativo, de dinamismo imaginário, que expande, amplia sua alma, mas diz-se vaqueiro no cenário social. Na infância, que bem imagina a vida material, a mimese do adulto é questionamento metafísico, a cultura é ensejo meta-histórico, o trabalho é transubstanciação do mundo. É necessário ser cada vez mais e, para tanto, seu devir é construir, fazer, inventar para que o si-mesmo se desvende na pequenez social.

Mesmo, quase sempre, a forma do brincar nos aparentando o espelho fiel e miniaturizado da casa, da comunidade, dos valores sociais, mesmo aparentando que a imaginação resignou-se em apenas conformar sua fluência ao arcabouço do imponderável

real, uma hermenêutica do brincar nos oferece eixo de percepção. Não nos deixa ficar na superfície culturalista do brinquedo. Os devaneios da vontade são forças simbólicas do aprumo, do finco, da capilaridade perceptiva. A imaginação da vontade na criança está em sua profusão germinal, não foi ainda encabrestada à métrica social. Sua força é dos estados brutos da matéria.

Despertemos, entretanto, nos brinquedos da vontade, para observar em que níveis a materialidade do brinquedo percorre caminhos favoráveis ao imaginar. Existem substâncias mais favoráveis à fruição imaginativa? Onde a matéria colabora com as forças de impulsão da criança? Desde já, podemos afirmar que toda criança é uma criatura de ferramentas, quer uma extensão propulsora de sua força. Um menino imaginador é um menino *‘apetrechado’*.

Importante notar, aqui, que estamos observando o nascimento da vontade pelas forças do trabalho, pelo uso das mãos, pela força muscular da criança. Toda essa gênese do afinco, da lida, do ritmo, da constância, da perseverança em vencer a matéria é uma gênese de valores, uma impressão valorativa que reflui dos gestos e da composição do brincar.



Figura 29 - Forças do afinco - toda concentração na feitura do carrinho de lata - Caririaçu - CE
Figura: Gandhi Piorski

É um brincar de matérias rudes, sem a especialidade da técnica científica, mais próximo ao trabalho do homem artesão do que do homem industrial. O material do brincar, do

brincar dos restos, especialmente dos restos naturais, trás a matéria essencial. Uma matéria sem os racionalismos do brinquedo pronto, amoldado à realidade. É a memória do primitivo trato inventivo com o mundo natural. Da exigência de conhecê-lo para habitar.

Dos materiais naturais, as crianças reconhecem sua origem, intuem seu fio originário. De um pedaço de pau a criança é capaz de refazer seu trajeto até a síntese da semente. Já um carro de plástico a criança precisará ver a fábrica de onde ele saiu e todas as máquinas, moldes e matérias misturadas que o compuseram e, ainda assim, não terá a clareza de todo trâmite engenhado ali, mesmo pela metáfora, pois sempre há uma cisão, uma ruptura, um desligamento de um estado embrionário natural da matéria prima, para outro sintético artificial do produto final. Não nos enganemos, a imaginação é uma velha arquiteta dos percursos, mesmo que labirínticos. Sabe ler, quando existem os elos do trajeto, mesmo que ainda nascente na consciência da criança. Amplia-se nos trajetos, podemos dizer, da imaginação, como o Dédalo de nossa psique. Sabe reconhecer, com perfeição, quando há fragmentação, fraturas, rachaduras no construto experiencial do mundo.

Assim, todo gesto dos brinquedos da terra perfaz um percurso proliferador de imagens. Esses materiais são o suporte de fluência da imaginação. Eles contêm a forma imaginária. Eles promovem mais ou menos imagens. Eles são, mais ou menos, companheiros de amplitude imaginativa. Por isso, a criança artífice serve-se da matéria para dar vigor e virilidade à sua imaginação. Surgem os apetrechos. Surgem as extensões de sua força. Sua força física cresce com um pau na mão. Sua força inventiva também. Suas descobertas são maiores e mais surpreendentes. Eis um extensor da consciência imaginária, um simples pau, matéria amiga e promotora de mais amplo alcance do mundo.

Os restos do trabalho primitivo, as ferramentas, as matérias naturais são sempre mais idealizadas pela imaginação do brincar. A criança pode estar preguiçosa e enfeitiçada pelo consumo, reduzida em seu processo criativo por tanto brinquedo sintético, pronto, racionalizado de imagens eletrônicas artificiais, modelado ao extremo, mas basta um celeiro de ferramentas velhas e um amigo prospector para devolver-lhe toda a força sonhadora, toda disposição física, toda alegria do primitivo artesão, que habita seu interior. Alegria para restaurar os devaneios narcísicos de grande fazedor, dominador da matéria. Da luta valorativa, das lições primeiras de humanidade.

Assim, o percurso das imagens na criança requer, de preferência, material primitivo para criar, para humanizar o mundo, pois os materiais científicos, exatos, tecnicistas, afastam

a criança das experiências do simples homem comunitário, igual. Atrofiam a expansão imaginária ávida de reminiscências que devolvam o semblante do homem artífice - compositor do mundo - a partir de suas mãos. Do homem que não manda, mas que faz. Há aqui o desejo de igualar-se na luta do mundo. Antes da vontade de dominar o outro próximo, há a vontade de dominar a matéria. Dessa forma, muitos materiais, mesmo restos industriais já sujos, quebrados ou cortados, precários e, por isso, mais humanizado, organizados, são inseridos nesse seletivo universo de brincar, quando o dejetos industrial recuperou sua dignidade de traste e se revela matéria nas mãos do demiurgo infante.

Quanto mais a criança cresce, mais elaborada é a construção do seu brinquedo, mais detalhamento material, mais experimentos acerca da natureza, mais riqueza experimental, mais força imaginária percorrendo e inundando o ser, seu corpo, seus órgãos. Força vital extraída da matéria na composição do brincar, da pedra, da madeira, do cascalho, do metal, da fibra. Condutores de vitalidade, vontade imaginativa, que se faz em vigorosa ressonância. “Infelizmente, só escrevemos nossos sonhos de ociosidade, sentimos saudades de uma infância indolente. Para manter o sentido das alegrias do vigor, cumpriria reencontrar a recordação de nossas lutas contra o mundo resistente” (BACHELARD, 2001, p.29).



Figura 30 - Construção do casco de um barquinho com enxó -ferramenta de carpinteiro - Peroba -CE
Figura: Gandhi Piorski

Desde muito cedo a imaginação instiga a criança à tarefa de confronto com a matéria, quer animá-la para adiante da inércia e da preguiça, da passividade perante o mundo material. E cada vez mais, na medida da idade, os brinquedos se especializam nesses embates materiais. Quanto mais crescem os meninos, mais rebusco das impressões, mais lavra, mais talho, mais furos e encaixes. Camadas e mais camadas de alegrias materiais vão preenchendo-se de histórias e memórias do entrave lúdico com a matéria. Preenchendo-se das virtudes da vontade rumo ao despertar.



Figura 31 - Todo o corpo na luta material - Caririçu - CE
Figura: Gandhi Piorski

A doma do corpo, as especializações da força, a aplicação e escolha das ferramentas, a preparação e confecção dos instrumentos de trabalho, todos são atributos da aplicação da vontade, todos confluem para uma finalidade, todos são artifícios das técnicas de domínio da matéria.

A *mater* terrestre já mineralizada, ensolarada, cingida da luz exterior, solidificada e atritosa, anima a criança às vitalidades da luz, ao tônico solar da força, ao pai, aos símbolos do mundo consciente. Principalmente as matérias duras, os brinquedos do embate, do trabalho das ferramentas são brinquedos da interdição solar, da estetização patriarcal. As forjas do jupiteriano *Hefaiсто* nos aconselham bem sobre essas expansões e alargamentos do imaginar.

Quando o uso das ferramentas começa a ter uma praticidade construtora, a realizar obras no mundo, denota-se um brincar da interdição, das primeiras rupturas solares. Uma tonificação da força, uma harmonização do crescimento, um conselho sensato aos gestos.

O sol apresenta-se na cultura com um brilho irresistível para a imaginação material do brincar. Alça a criança aos campos diversos dos artefatos. Artefatos que durante muito tempo ainda terão um caráter mágico-realizador. As ferramentas do pai são proibidas, inacessíveis, um tabu no brincar. Construir brinquedos com as ferramentas do pai em segredo, sem pedir, pegando escondido, é um dinamismo psíquico de grande energia solar. Os filhos dos carpinteiros navais costumam dizer: “eu peguei os ferros (ferramentas) do pai, para construir o barquinho, mas ele não sabe, pois se souber briga.” Aqui há uma imaginação do fogo que bifurca com a imaginação telúrica, ou a nutre de força desafiadora para conhecer. Uma emergência desafiadora da consciência, da identificação com a cultura, de forçar sua participação na admirável vida que nasce do trabalho adulto.



Figura 32 - Construção do casco do barquinho - uso da goiva - Peroba – CE
Figura: Gandhi Piorski



Figura 33 - Estaleiro de brincar - construção coletiva de barquinhos - Peroba - CE
Figura: Gandhi Piorski

As imagens nascentes, numa vigorosa eletricidade de crescimento, de verticalidade, transformam-se em imaginação dinâmica de diálogo com as substâncias materiais, almejam uma luta de igual para igual com a matéria. Querem identidade. Assim, os brinquedos da terra são a primeira soleira da consciência, a porta da cultura, o porto, o desembarque do trajeto antropológico. Aqui, encontramos os sonhos de identidade nos primeiros artefatos que conduzem uma gestualidade. Podemos ver as forças viris que projetam a nascença de uma individualidade no corpo da criança, no gesto de seus artefatos.

A regência tonificante da imaginação conduz a criança para uma passagem, uma transformação tão necessária a essa soleira da cultura, a este contato sem volta com a comunidade. Produz um dinamismo de proximidade, que ampara e orienta quando a criança abarca, em seu novo campo de percepção, aberto e esponjoso, as impressões do trabalho material e suas consequências. As narrativas agora delineadas pela consciência nascente, na instaurada dialética do ‘eu’ e o ‘outro’ começam a afluir como sonhos de aspiração, como imaginação do valor intrínseco. A criança, agora despontando o “juízo analítico”, quer o valor das coisas, aspira a real qualidade do mundo, aspira para as virtudes do mundo.

Assim, poderíamos buscar no arcaísmo de Atena o nascimento de uma virtuosa imaginação pragmática, em força combatente, em educação das forças da prudência, do uso

do discernimento, do trabalho vitorioso. Esse arcaísmo proporciona uma imaginação do tino e da astúcia. A criança maior, em seus afazeres materiais, exige-se num contínuo racional de encadeamento de ideias, para a melhor confecção, para o mais destro modo de utilização de suas ferramentas e seu objeto de brincar. Um senso de vitória viril da deusa a acompanha no brincar. Esse senso de vitória sobre a matéria é subliminar. Mas Atena transparece-se num dinamismo de força, como a encorajadora de uma das mais difíceis batalhas da imaginação. A batalha em que a criança transita sua imaginação para o novo campo da consciência e do pragmatismo, travando uma luta com a cultura que racionaliza, particulariza e desidrata a imaginação, pois a argúcia de Atena não é a razão crua, mas a imaginação pragmática, realizadora, a aspiração nobre da realização dos ideais.

Sempre companheira dos heróis, próxima em soluções difíceis, ajudante em suas tarefas mais árduas Walter Otto em ‘Os Deuses da Grécia’ nos apresenta uma Atena de “olhos agudos” (OTTO, 2005, p.50), da destreza, que confecciona suas próprias vestes, que participa dos labores heroicos com “ajuda, conselho, inspiração, e no regozijo do êxito [...] Ela é o sentido e a realidade de um mundo íntegro e consumado: do mundo claro, duro, glorioso, viril, dos projetos e da execução, mundo cujo deleite é a luta” (OTTO, 2005, p. 52).

O sonho de Atena dinamiza os assentes da consciência da criança, impulsiona sua vontade, abrande e tonaliza as torrentes de emoção, dá-lhe o poder de luta, a armadura, para destilar sonho cósmico inconsciente em integridade da consciência. De uma consciência nascente, porém pronta de virtudes lúdicas para narrar, apreender e modificar o mundo. Assim, a criança artesã, de brinquedos mais bem construídos, arquitetados, já despertou para as inspirações da Deusa e a tem como recurso simbólico, companheira na travessia da interioridade para a extroversão.

As ferramentas e o uso das mãos também prenunciam os devaneios do poder pela astúcia. Bachelard nos explica que “as duas mãos aparecem em seu respectivo privilégio: uma tem a força, a outra a destreza. Já na diferenciação das mãos se prepara a dialética do senhor e do escravo” (BACHELARD, 2001, p.36). Aqui não é a mão livre, mas as mãos com ferramentas. Uma mão segura domina a ferramenta do talho, a outra domina o material com mais ou menos vigor.



Figura 34 - Construção das rodas de um carro - borracha e faca - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski

As meninas ganham um semblante de virilidade e traços saudáveis de um distanciamento racional. Os meninos acirram seus devaneios de força. Os mais introspectivos desenham forjas e trovões, raios geométricos e formas duras. A mitologia nórdica de imaginação glacial e geometrias calóricas os encanta. Nasce aqui, com maior brilho, o despachado humor do fogo e suas brincadeiras.

Inúmeros são os exemplos do brincar produzido pela criança. Infinitas nuances de gestos denotam a vontade de luta, a necessidade de paciência, a determinação. Verter-se-iam gotas em nascentes de suor, se colhê-las pudéssemos, das meninas e meninos que passam dias elaborando, modelando panelinhas de barro para queimar e cozinhar, catando materiais, construindo bugigangas, tecendo suas brincadeiras. Os pés imundos são o símbolo desse caminho do 'vir a ser'. A unha roxa de uma martelada é o símbolo de uma vontade sem tréguas. A mão cortada é sinal da incomparável aspiração criadora. Os olhos que amam o chão, que são 'agudos' de imaginação, são a alma, o cerne de toda valoração deste brincar íntegro de materialidade, cru de forças contrárias, bruto de matérias essenciais. Tantas lições aprendidas, tantos 'outros' percebidos e avaliados, inúmeros 'eus' reiterados ou negados!



Figura 35- Estruturas e casinhas de sabugo de milho - Lajedo - CE
Figuras: Gandhi Piorski

O brincar material, em sua ‘psicologia do contra’, na palavra bachelardiana, também é uma tarefa árdua de dissabores e revezes. Uma tarefa que se reverte em ira, em derrota para a criança e vitória para a matéria. Esses primeiros ensaios de pequenos trabalhadores inábeis, são também ensaios de amarguras e estouros instintivos. As desistências inibem o ser para uma retração contrariada. Quando não, a provocação da matéria incisiva, dura e de difícil trato conduz a criança ao cerne da vontade. “Provocar e temer formam uma ambivalência mais profunda, mais cerrada, pois está no próprio cerne, não mais do sentimento, mas da vontade” (BACHELARD, 2001, p.152). As crianças, desde muito cedo, vivem, pelas imagens do brincar, as experiências de provocação e temor como mundo material.

Os entraves com materiais difíceis para a composição de um brinquedo, por menor que ele seja, pedem a diligência de todo o corpo, socorrem-se de todos os músculos, num esforço, que na verdade é um encontro marcado com a vontade.



Figura 36 - Esforço muscular, combate com a matéria - construção de carro - Caririaçu - CE
Figura: Gandhi Piorski

A matéria dura marcará o corpo também pelo limite, pela impossibilidade, pela força incisiva da natureza. Aqui, a reverência à matéria, à criação, surge como velha imaginação do respeito, do imensurável forte. Limite e respeito ao mundo e às próprias forças. Os testes do brincar material auferem marcas corpóreas de resistência e temor em valores de autocontrole e profundas tonificações no ‘cerne’ da vontade. A educação poderia ver aqui o despontar dos sentimentos mais nobres de reverência.

A imaginação da criança fala, pede aos pais, à cultura e à natureza marcos de reverência, integridade suficiente, inteireza necessária para que nasça o sentimento de admiração e cumplicidade com a vida e os seus. Assim, a oração surge, a meditação nasce como gramínea, sem moralismos religiosos, mas como erva do campo, sem preceitos ou linhagem sacerdotal, mas como capacidade de silêncio interior, como conselho imaginário inato de respeitar e ouvir, como reconhecimento de uma grandeza intuída e ao mesmo tempo oculta, misteriosa.

Por outro lado, como ação complementar, a matéria árida e combativa é oficina de deflorar, desbravar e integrar instintos. Instintos da criança agora iniciada nas lições de domínio do mundo. Assim, ferramentas também materializam armas e ressentimentos do menino que não se assume limitado diante da matéria, pois se conduz por uma imaginação

que é maior, infinitamente maior que as possibilidades da infância. Um menino enfurecido, impaciente, no seu sonho de força, impetuosamente se dispõe a arrancar um prego da madeira com os dentes. Essa fúria não está só no menino. Está também na matéria.

Esse desejo de solidez - despertado pelos materiais - é o tônico dado pela imaginação do brincar, para que a criança não se resigne em suas fraquezas. Uma pedra maior provoca a avidez de luta nas crianças. É arrancada do chão, atirada ao longe com as duas mãos e gemidos de grande esforço, é chutada, inspira golpes marciais. Meninos ficam em fúria com o desafio de uma pedra dura que não quer ser quebrada por marteladas desgovernadas. Eis os brinquedos da fúria os brinquedos do grito! Quantos brinquedos e brincadeiras só querem extrair o “grito” (BACHELARD, 2001, p.47) dos materiais!

Os materiais que desafiam as crianças estão sempre muito próximos do medo. Espirram fagulhas, arestas, farpas, cascalhos. Punem. Chegam à impressão da criança como uma resposta, um troco à agressão. Não é raro ver meninas e meninas dando uma surra num pedaço de madeira, ou numa pedra, ou num pedaço de ferro que os machucou.

O corpo, quando tocado, invadido, por tais sensações, é sacudido em ressentimentos, temores ou fortes sensações. Cada sensação corpórea é um sentimento, uma consciência, uma vontade chamada. A alma do material espalha-se por todo o corpo da criança, invade-o, machuca-o como um ente, como a ferroadada de um inseto. As matérias do brincar tem alma, agem e reagem, provocam e até se apossam, numa possessão, da alma das crianças.

Existem crianças com verdadeiro temor à punição dos materiais. E aqui, Bachelard nos abre estradas para uma terapêutica ou um *religare* do brincar:

Se, em vez de um mero filósofo que procura instruir-se nos livros, fôssemos um psiquiatra dispondo de farto material psiquiátrico, proporíamos aos nossos doentes como temas de associação as imagens dos grandes ofícios humanos. Parece-nos que nelas se descobriria não só associações de ideias, mas também ‘associações de forças’. Obteríamos então facilmente testes de agressividade, testes de coragem. Poderíamos medir e classificar as vontades do despertar, fazer a tabela dos desejos musculares, das veleidades de atuar sobre o real. A função do real – e seus desvios – seria pesquisada com maior profundidade pelas imagens do que pelos projetos enunciados conceptualmente (BACHELARD, 2001, p.138).

Os meninos - meninos homens em especial - em sua imaginação do trabalho viril muito se entretêm em contemplar a imagem de uma escavadeira num canteiro de obras. Lavam a alma de imaginação de poder. Podem ali, através da escavadeira, vencer todos os seus sonhos contra a matéria. Podem admirar com que facilidade a terra se desnuda em suas entranhas e se revela à imaginação que quer o valor essencial. Nem se fala dos olhos,

‘oblíquos’ de imaginação, de crianças, numa oficina bem aparelhada de um ferreiro, de um escultor, de um marceneiro. Essas âncoras do trabalho manual adulto deveriam estar na órbita das crianças, para que elas contemplassem o trabalho artesão e seu domínio da matéria e as alegrias da lavra bem cuidada. Isso alarga a criança a infinitas possibilidades da vontade.

O trabalho manual, antigo (ainda visto em algumas pequenas cidades), de porta de rua, das calçadas, dos sapateiros, do celeiro, do flandreiro, abrigou muitos sonhos de meninos materialistas, de artistas meninos. Ampliou vontades incontestes de dominar, construir. Incrustou memória de um tipo de alegria comunitária, que só o trabalhador manual sabe traduzir, que só as mãos precisas de um artesão sabem gravar em quem o aprecia, pois o bom apreciador e, normalmente, um menino de imaginação o é, também buscando o sonho de perfeição, de lisura, de incrustação, de polimento, de destreza na vida. Observar uma criança apreciando a luta de um hábil artesão com sua matéria formula-nos uma fenomenologia do deleite materialista de vencer o mundo, de combater com bravura e elegância a resistência material, a resistência social. Transmite a vontade do ardor pela vida.

As escolas bem que poderiam ter grandes artesãos em trabalhos diários, apenas para a apreciação das crianças. Para instiga-las à luta material, para abrir caminho ao fazer e ao refinamento de seus sonhos de construtor. Aí sim, as crianças prefeririam o ateliê à escola; transformaríamos escola em ateliê. Não teríamos, apenas, observadores indolentes, mas meninos do trabalho, meninos artesãos. Matemática transformar-se-ia em espacialidade construtiva, em arquitetura de brincar. Geografia em astrolábio e carpintaria naval de distâncias marítimas. História em minarete cenográfico e arte mudéjar. Arte em disciplina central como chave do acesso imaginário para todas as ciências que o espírito ousou imaginar.

Os estudos das tecnologias passariam por experiências de mineralogia, robótica e brinquedos com metais, parafusos, *chips* e inspiração anímica. Assim, escola seria espelho da alma da criança. Criaríamos uma dinâmica material na educação capaz de ativar sonhos de trabalho e enlevo. Faríamos da escola um “mundo ativo [...] um mundo a ser transformado pela força”(BACHELARD, 2001, p.49), pela força da criança. No dizer de Bachelard (2001, p.49), “uma meditação da oficina amplia-se até chegar a uma meditação do universo.” Assim, a escola seria um educar cosmológico.

Pois, só contemplar o artesão não basta, assim correríamos o risco de modular no corpo das crianças “regiões de silêncio” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 122). Quando ao corpo é imposta a impossibilidade, esta também é uma forma de abandono. E, todos os dias,

os gestos de abandono, a imposição do silêncio sobre o corpo das crianças, acontece em muitos cenários do brincar, na escola, em casa, no parque, na rua. Os ‘não pode’ dos pais e mães, do IMETRO, dos higienismos, amputam a possibilidade do fazer real, que ressoa integridade e verdade para a criança, especialmente o fazer artesanal do brincar, o uso das ferramentas, as construções. Acontece que o anseio estrutural, ontogênico recebe recalques profundos. A criança, obrigatoriamente, terá que readequar-se à percepção imposta. Aquilo que percebeu, inicialmente, por uma intuição da imaginação será substituído por uma imposição. Assim, nos diz Merleau-Ponty em sua ‘Fenomenologia da Percepção’:

Percepções novas substituem as percepções antigas, e mesmo emoções novas substituem as de outrora, mas essa renovação só diz respeito ao conteúdo de nossa experiência e não à sua estrutura; o tempo impessoal continua a se escoar, mas o tempo pessoal está preso [...] Eu alieno meu poder perpétuo de me dar ‘mundos’ em benefício de um deles, e por isso mesmo esse mundo privilegiado perde sua substância e termina por ser apenas uma ‘certa angústia’ (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 123).

Assim, é dado ao brincar e a sua corporeidade, não só, observar e contemplar o uso, mas em utilizar as ferramentas. Em utilizar toda a sua potência de imagens. A paisagem, o entorno, os materiais adquirem uma austeridade, uma função, imprimem um estado de espírito para a ação. As ferramentas adquirem um caráter de resposta. Regem a governança anímica que permite o trajeto da extroversão para a introversão. Assumem a medida das respostas exigidas pela matéria. Escavam uma plasticidade na interioridade, na mesma medida em que rasgam a matéria, em que constroem os brinquedos. Um martelo é o calibrador entre força e leveza diante das lâmpadas que serão esmagadas para preparar o cerol das pipas.

Uma faquinha é o equilíbrio prazeroso da ação medida e cautelosa diante de uma borracha mole que será pneu. A lixa natural, feita de folha do cajueiro bravo, é a constante paciência em busca da lisura da madeira dura, que será o casco do bote. A busca da lisura material amplia as imagens da fluidez, do desencrustamento, da entrega, do claro encontro com os veios da matéria, com suas juntas. As imagens da lisura são imagens líquidas, como nos brinquedos da água. Mas são imagens oriundas e preparadas no sonho telúrico, instrutor de superações da matéria. Superações que melhor se organizam pelas mãos do menino de apetrechos, menino de ferramentas.

As ferramentas de brinquedo, de plástico, ou de papel, leves e moles, não têm a força suficiente da carga imaginária, não emitem o peso necessário à provocação da matéria. Assim, o menino de alicate de plástico irrita-se diante da pressão exigida pela porca de ferro. Não amplifica suas imagens de desatador, não entende às leis do enroscos, frustra-se no

direcionamento de sua força. Porém, uma ferramenta de peso, que resista à matéria, mesmo que não realize o objetivo pela natural limitação da força da criança, ensina-lhe a medida das coisas, o limite, a hora da ação, pois o peso da ferramenta iguala-se ao desafio do material, e isto a imaginação reconhece e assim amplia seu percurso da ramificação e das lições da imagem. Um “gestaltismo dinâmico da imaginação material que reúne uma intensidade substancial a uma força” (BACHELARD, 2001, p.44).

Quando aqui incluímos, no brincar, mais uma força, um peso real (ferramenta) nas mãos da criança, é por acreditarmos ser possível alimentar e responder à intensidade substancial da imaginação material. Assim, mais imagens proliferam, se expandem em sinapses instrutivas.

No brincar, a imaginação quer, apenas, todas as possíveis possibilidades de imaginar. A imagem pede mais imagem. E em cada um dos quatro elementos as imagens na brincadeira criam narrativas diferentes, enredam a vida por aspectos diversos. A vida social, material, cultural ganha sempre a largura e a suspensão do ar, a fluência e a sinergia da água, a iluminura e a têmpera do fogo, a gravidade e o peso da terra.

Os brinquedos da vontade mergulham as crianças em imagens da força, oficiam as crianças em mobilizar seu corpo de ação e prudência. São também, e por isso mesmo, brinquedos da crise, em que o valor das coisas se apresenta pelas imagens do desafio, da necessidade de mobilização perante as resistências do mundo.

Não podemos ausentar as crianças do barro, da lama, da pedra, do lenho, da folha, das lagartas, do ferro, das oficinas mecânicas, do sapateiro, do amolador de tesouras, do pedreiro, do escultor, da chave de fendas, dos óculos velhos e das lupas, dos bichos, das matérias primitivas, dos restos que fazem o brinquedo nascer com naturalidade. Em suma, das imagens da construção, da criação do mundo. Os brinquedos da terra regem as imagens da construção, da amálgama, da amarração, da fixação, da perfuração do aviltamento contra o mundo.

O aviltamento das ferramentas contra a matéria calibra os sonhos. Uma criança de força imaginária, quando não alimentada das imagens do construtor pode enveredar seus sonhos de terra com violência para o destruidor. Adora sair quebrando as plantas do jardim da escola. Com facilidade, aplica um murro no seu colega. Ferramentas e materiais para construir, fixar, moldar, nós para garantir sustentação, um projeto náutico, uma arquitetura de desafios, a reforma da casinha da árvore, certamente, conduziriam a abertura de novos desejos

imaginários, reorganizariam as forças inquietas das imagens do trabalho, conduziriam o sonho de atrito da criança para seu curso natural que é a transformação da matéria.

Por outro lado, uma menina de muitos devaneios líquidos, capaz de fluir de uma imagem para outra sem o fio interventor das impressões telúricas, dispersa e sonhadora, terá grandes benefícios se tiver uma casinha-choupana no quintal, com uma oficina de montar coisas, de fazer experimentos com a química da terra, com as tinturas das plantas e cores dos minerais. Uma casinha, numa árvore baixa, que a faça descer por pulos e possa pousar com equilíbrio e segurança. Uma carretilha que permita o pouso firme dos pés. Martelos para quebrar pedras e fincar pregos, ou seja, imagens, profusão de imagens da terra. Dinamismo de imagens com brinquedos que tragam a medida da força da terra, do seu peso, de sua densidade. Quantos brinquedos de tinturas das flores para pintar as unhas, do barro macerado, das pedrinhas pisadas, esmagadas para fazer remédios e comidas! Quantos enfeites do corpo com a tintura do urucum e da seiva do jenipapo! Quantas brincadeiras de pular corda que aterrissam a dispersão nas alegrias do fogo muscular!

A marca da infância encontrada nos brinquedos de diversas culturas interioranas, assim como culturas das periferias nas grandes cidades, é o fio de entendimento que nos leva a constatar seus anseios por uma justa medida de diálogo igual com a força material, com a vida. Esta é a base fenomenológica que nos revela um caráter gestual, uma afirmação substancial de que os brinquedos de resistência são frutos de um dinamismo imaginário que quer o peso da terra, seu atrito, suas imagens de conflito, seu primitivismo.

Para a alma simples e descalça da criança, para sua neutralidade imaginária, o desejo de conflito material facilmente se identifica com a violência social. E a educação temerosa e insegura rapidamente elimina qualquer ideia de conflito na brincadeira, achando que as crianças estão imitando os bandidos violentos da favela, ou os filmes de tiroteio. Recalcando, assim, um sonho primordial, que necessita realizar-se. Se dermos à imaginação do brincar suas vontades de combate com a matéria, certamente, as crianças admirarão menos a violência, pois seus riachos da imaginação da luta retornarão ao curso do embate com as forças terrestres, às lutas da alegria. Mas não nos iludamos, as brincadeiras com armas, espadas e flechas, quando a imaginação é respeitada em seu curso, também são saudáveis trabalhos desse sonho material que, nesse caso, também é sonho ígneo. Os bandidos e os heróis sempre povoaram o ânimo do brincar terrestre aliado ao fogo.

As crianças pedem e necessitam de uma imaginação material forte. A imaginação da

criança pede extensores (brinquedos, ferramentas, matérias) que proporcionem o desdobramento de imagens novas, densas. Os brinquedos da terra rangem no ser, incrustam a alma de vontade. Potencializam vicissitudes de reconhecimento de seu próprio caminho. São brinquedos do caminho. Hanzel e Gruetel (João e Maria) na história dos Irmãos Grimm desenvolveram um grande intento do caminho e, por isso, um grande senso do caminhar. Vincularam-se ao sonho telúrico para superar o abandono (o abandono de inúmeras faces). Foram ao cerne das mais profundas e perigosas imagens da terra, até retornarem à casa do pai lenhador. Talvez, as lições do lenho incrustaram uma geoimaginação em Hanzel suficiente, para instruí-lo ao melhor caminho.

Assim, as ferramentas, as mãos com apetrechos, armas, martelos ou um simples pau dão à criança uma personalidade aguerrida de desejo, desbravadora. Munem a criança de capacidades de adentrar o mundo pelas substâncias que o compõem. Permitem alcançar mais profundidade, inscrever maior significância, encontrar os veios, deflorar as fendas. Meninos apetrechados engravidam os sonhos das substâncias. Aprontam uma maiêutica do brincar. Uma terapêutica salvífica fincando meninos no mundo. Meninos glaucos, fortes, de elmos, escudos e espadas.

Entretanto, voltando ao brincar sem apetrechos, das mãos nuas, distanciando-nos um pouco do combate e mais próximos da generosidade, examinemos mais imagens internas e alguns outros estados de valoração. Esses dinamismos, que só acontecem quando a imagem abraça o mundo, e o mundo, nesta, grava suas impressões. Por isso, tão importante é uma fenomenologia das mãos da criança no brincar, pois ela é uma espécie de consciência do anseio imaginário.

No fenômeno corporal, a mão da criança é nosso cérebro dos brinquedos da terra. Por isso, tão significativo se faz auscultar os sonhos do tato, a personalidade dos dedos, o almejo das unhas, pois as mãos, elas apenas, sem os apetrechos, sem os extensores e as ferramentas, por elas só, sejam talvez o mais sincero e desnudado auscultar imaginário da criança materialista. As mãos, diferente do status mágico-realizador da ferramenta, não se sentem aptas à crise do embate, da luta material. Buscam, na verdade, a medida do conforto, do prazer, da cooperação. Esperam uma cooperação do mundo. As mãos da criança que modela a argila vivem um deleite amigável com a matéria. Surgem campos de imagens generosas. A macies descoberta pelo tato alcança um bem estar profundo, de sensações inconscientes, para muito depois chegar ao pensar. As mãos que trabalham unidas se cooperam.

Surgem, mais comumente, brinquedos do acolhimento, recipientes, vasos, bichos rechonchudos, rastejantes, moles, sinuosos. Os bichos, campeões das brincadeiras de argila e massinhas, são as minhocas, as cobras, os répteis.

Para seguirmos explorando o brincar das matérias moles, necessitamos investigar um dos campos de maior interesse da criança livre: a sujeira. O embrenho material pegajoso. Aqui, podemos descrever, desde a criança pequenina que manipula e às vezes come os próprios excrementos, que faz de sua urina substância de amolecimento e modelagem da terra, até uma menina de dez anos, num devaneio de recompensa, imunda de lama, cansada de um dia de reinação.



Figura 37 - Menina de lama - lama de mangue - Praia da Raposa - Ma
Figura: Gandhi Piorski

A lama é o troféu da menina, a imundice é seu estatuto realizador, é sua patente de investigadora, é seu alforje de experiências. As matérias pegajosas que sujam, que melam e pregam, dotam não só as mãos, mas todo o corpo de percepções do atolamento “[...] a consciência do corpo invade o corpo, a alma se espalha em todas as suas partes, o comportamento extravasa seu setor central” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 114). Uma criança melada de lama, que se regala do barro em seu corpo, experimenta, gradualmente, as imagens iniciais da aflição, do sucumbir, do atolado, pois, aos poucos, o barro seca e suga e esquentam sua pele, prende seus pelos. O fisgar da pele é um fisgar de imagens que oprimem a ação, que ameaçam de uma inércia mortal, de uma paralisia afogada.

Mas, como é brincar, então, é jogo, é trato, é chave de conhecimento de profundas emoções humanas. A criança diverte-se com o aprisionamento da massa, com o controle de

uma situação que, em grande escala, seria desesperadora. Bachelard cita Sartre em ‘O Ser e o Nada’: “a simples revelação da matéria amplia o horizonte até os extremos limites do ser e o dota ao mesmo tempo de um conjunto de chaves para decifrar o ser de todos os fatos humanos” (BACHELARD, 2001, p.92). Brincar com a lama e o visgo, como o barro e as colas, com as primícias do mundo material, são um ‘decifrar’, pele a pele, corpo a corpo dos primeiros e mais recuos ‘fatos’ da alma.

A brincadeira de trocar a pele das mãos com a cola branca ou grude é visceral. Algumas crianças, as menores, logo arregalam os olhos quando veem, pela primeira vez, o irmão mais velho brincando de tirar a própria pele. Algumas se enojam, outras acham que dói. Algumas crianças que não viveram as alegrias do atolamento, que nunca conversaram com os caramujos e suas gosmas, que se assombram com o salto das rãs, aquelas que os pais só permitem os terrenos mais seguros, controladas pelo medo, têm um verdadeiro asco das trocas de pele no brincar. Topam com imagens da frieza imemorial e ciclópica da serpente, o pavor melancólico da gosma, do grude movediço. A solidão ameaçadora do visgo.



Figura 38 - Trocar a pele com cola branca - Fortaleza - CE
Figura: Gandhi Piorski

O visgo, aliás, faz a vez da serpente, ou da aranha, na brincadeira de armadilha do menino que quer pegar o passarinho. Prende o passarinho pelo pé arremetendo-lhe a um desespero insuperável por suas asas. Assim também, acontece com a imaginação da criança que quer se livrar do grude, ela cria asas, fecunda de imediato fortes imagens da liberdade, da saída, do instantâneo voo sobre o atoleiro. Balança as mãos vigorosamente, pula, salta, grita, corre e pede água para se lavar. Mas, no fundo, sabe que aquele é um instante, um momento superável, um estado de domínio que logo ela encontrará. Todo visgo é provisório, é a passagem de um estado para outro.

Ao passo que o passarinho preso no visgo (leite) de jaca, de maniçoba, de macaúba está capturado. O passarinho é a confirmação, para o menino, de imaginação caçadora, de que o visgo é a síntese, a essência das substâncias, pois contém, pelo medo, pelo asco, pela impotência, as imagens da libertação. É a matéria que oferece, no brincar, o mais profundo devaneio da liberdade a partir do medo da prisão, do sucumbir. Nem sempre, o desespero do passarinho toca o menino, pois este vive o onirismo ofensivo do domínio, da captura. Mas ali ele tem os materiais de uma filosofia da liberdade: o visgo e as asas. Tem imagens suficientemente fortes para admirar mais o voo do que a prisão.

Um menino que gosta das capturas é dotado de grandes imagens do voo. Resta saber por que tanto oprime as asas. O que o faz perseguir a liberdade? Como reconduzir esse amor opressivo, essa tamanha admiração pelo passarinho que o faz querer tão perto? Na figura 39, podemos ver o menino de asas abertas abrindo as asas do passarinho capturado. A mimese do voo, ou uma matéria fenomenológica para uma filosofia da liberdade no brincar. Uma filosofia do fogo que explode em ignição muscular asas na luta contra a captura. Intrigante a figura 40, retirada do livro de Françoise Bonardel, 'Filosofar pelo Fogo', de uma jovem que abana, atíça o fogo com uma asa de pássaro: um símbolo da alquimia. A imaginação já é alquímica nas brincadeiras de liberdade, já aventura o menino pelos sonhos da libertação perene.



Figura 39 - A captura do voo - Lajedo – CE
Figura: Gandhi Piorski



Figura 40 – O fogo da liberdade – Filosofar pelo fogo
Imagem: Françoise Bonardel – Gravura medievall

As matérias pegajosas são um excelente brinquedo de mãos que aprendem a dominar o angustiante, o ‘enviscado’ (BACHELARD, 2001, p. 94). De mãos que recebem a lição de suplantar o apego melancólico e temeroso. As mãos ociosas são capturadas pelo grude. Jogadas na desordem. As mãos que não querem se sujar experimentam novas imagens de fuga. Libertam as crianças marcadas pela obsessão asséptica, perfeccionista. Aproximam as crianças das imagens da germinação, imagens seminais.

A rigidez ansiosa e melancólica, medrosa e negativista, aos poucos se encaminha para o livramento de pensamentos angustiantes. Pensamentos de que o beijo e o outro são coisas sujas e nojentas, de que seu corpo é feio. As mãos começam a descobrir imagens férteis de fecundação. Os pensamentos enjoados, enjoados, sobre o sujo sublimam-se em alegrias engraçadas de brincadeiras com melecas, de encenações sonoras divertidas de puns e cocôs saindo dos grudes. Afloram imagens opostas que, a princípio, enjoam, causam asco e desconforto, mas que desvendam, na alma, imagens de vida no que é aparentemente impuro.

Assim, a autorrepugnância que algumas crianças sentem, traduz-se em delícias de seu próprio corpo, de como ele fica macio e incrivelmente agradável se brincado com o grude, a cola, a lama, as tinturas naturais e pegajosas como o urucum. As mãos lisas ganham uma personalidade de destreza em se libertar do aperto, em não se deixar apanhar. São metáforas de enlace amoroso com seu próprio corpo. Esses brinquedos das gosmas e dos sujos criam férteis campos de imagens animadoras, esperançosas.

A esperança dos brinquedos do ‘grude e gosma’ é a entrega de si para si. Auxiliam as crianças a se encaixarem suavemente, como são os caramujos em suas cascas. A colar, a si próprios, em suas peles. A reconhecerem suas superfícies corporais como parte de sua interioridade. Brinquedos da aceitação própria, um ‘si liga’ do brincar, pois os grudes são um misto de aquosidade telúrica. Tem um grande dinamismo das imagens da terra, mas direcionam para a fluidez das águas, de predominância líquida.

São também brinquedos do enervamento. “Em seu primeiro aspecto (o viscoso), é uma matéria de enervamento, para uma mão que não quer fazer nada, que quer permanecer limpa, branca, disponível” (BACHELARD, 2001, pg. 97). O visco é um tônico dos extremos apáticos e reservados. Ou da precocidade individualista e solitária. Ou mesmo da abstenção ao caos do grupo. Meninos ‘adiantados’ em sua inteligência, das turmas especiais e olímpicas criadas por escolas mercantilistas, que reforçam o orgulho competitivo, teriam grandes benefícios em estudar as propriedades do visco e os efeitos da viscosidade em seus corpos.

Em igualar-se nos atoleiros de brincar. Em caotizar-se nas imagens primitivas da igualdade originária e seminal, dos seres gosmentos de barriga no chão, das cobras, minhocas, vermes, dos caramujos, lesmas, dos sapos e rãs, para que, assim, a imaginação do brincar viscoso anime a criança para as mais profundas imagens corpóreas, viscerais, que necessitam ser revividas na pele, na superfície corporal. Precisam ser reconhecidas, mesmo que inicialmente, através do asco, do assombro, do nojo.

Os meninos de manguezal, de mãos marisqueiras, conhecem a lama pela personalidade obstinada dos pés. A lama movediça, pegajosa, oleosa de tantas essências curativas, de tantas tonalidades de folhas, flores, de rubros cascos de caranguejos, de penas de um vermelho caroteno e cintilante dos guarás. Uma lama antiga, a antiguidade vital da decomposição, a vida da morte. Esses meninos entregam-se ao brincar gosmento com um corpo de movimentos aéreos como no caminhar das garças.

Atiram-se de barriga na lama e deslizam numa superfície segura, macia, acima da prisão da matéria mole. Os pés caminham sobre a carne mole da terra, sentem a resposta da “carne da terra” (BACHELARD, 2001, pg.105), se deixam percorrer, entre os dedos, por uma lama muito velha, escura, que guarda a morte de tantos seres. Argila sepulcral. Vivem imagens comuns em suas comunidades, imagens dos símbolos coletivos, de que a terra preta, a lama preta tem vitalidade, é antiga, é curativa.

Assim, muitas imagens do brincar viscoso, gosmento, pegajoso, movediço são imagens que afundam a criança para encontros primordiais, das origens iguais. Encontros da cura, do untar de suas alegrias, do reconhecimento corpóreo, da calma em ser, do despertar lento, liberto da pressa e da ruptura orgulhosa que infla e faz voar num cansaço das asas, que relutam em pousar. Um voo forçado que se acha maior, mais sóbrio, mais limpo e superior aos amigos. Viver tais tipos de pousos traz lições do acolhimento macio e maleável, um macio sujo, cheio de igualdade, repleto das carícias da terra, como nos diz Bachelard:

Somos realmente obrigados a convir que com a terra mole toca-se num ponto sensível da imaginação da matéria. A experiência que temos dela remete a experiências íntimas, a devaneios recalcados. Põe em jogo ‘valores antigos’, valores que são muito antigos tanto para o indivíduo como para a espécie humana (BACHELARD, 2003, p. 106).

3.2 O fogo da terra no brincar

Em continuidade ao estudo das substâncias no brincar, investigamos, nesse tópico final, um primeiro caminho de união dos elementos terra e fogo na organização anímica da criança e seus brinquedos. Demostramos, pela predominância do elemento terra, a ação do fogo e seu papel de amálgama e enlace das virtudes curativas. O calor como pedagogia suave do acolhimento, como ensinanças de recolha nas imagens redentoras, como esperança de transformação, como confiança na origem. Acompanharemos aqui o trabalho de modelagem do barro, do trigo e do pão, das criaturas de argila dadas à luz por Ogum, em suas forjas, olarias, de brincar.

Demonstramos algumas gradações da imaginação no brincar. Assim como a alquimia construía sua cosmogonia substancial, na busca de encontrar a manifestação do Espírito, buscaremos os níveis sutis e densos de imagens do fogo e da terra e sua repercussão na alma das crianças. Um antigo texto alquímico anônimo do século XVII melhor ilustra esse princípio gradativo de penetração pela depuração e infusão sutil dos elementos:

Sim, sem dúvida, o céu e o ar, assim como a água e a terra, estão divididos em seus graus de sutileza. Por isso, não é a terra mais grosseira que se mistura imediatamente com a água sutil, nem a água mais grosseira com o ar mais sutil, ou o ar mais espesso com o céu mais sutil, porém o muito sutil do céu une-se primeiro com o mais sutil, e este com o sutil. Quando estes estão unidos, penetram no ar mais sutil, e, logo depois de sua união, penetram num mais espesso, após o que penetram na água mais sutil, esta na água mais espessa até a muito espessa. É só então que ela começa a misturar-se com a terra sutil, até que se torne mais espessa e grosseira e, enfim, tudo se reduza a pedra (GRANDE TRATADO DE ALQUIMIA, 2006, p.16).

Continua o anônimo mestre das substâncias, que filosofava pelo fogo:

No entanto, não se deve imaginar que esses graus estejam situados um sobre o outro, como numa esfera. A natureza misturou a terra sutil e a grosseira, e forçou o fogo a entrar também, com a água e o ar. Também misturou da mesma maneira a água, o céu e o ar, de tal modo que nossos olhos só conseguem perceber uma diferença muito pequena. É só na análise que vemos como o sutil se destaca do grosseiro, sobe e dele se separa (GRANDE TRATADO DE ALQUIMIA, 2006, p.16).

Todo esse substancialismo do oculto, essa objetividade, não poderá ser tratado aqui, apenas no nível material dos elementos, mas no campo das imagens. Trouxemos esta ilustração apenas para constatar o percurso que a imaginação faz nos graus das substâncias elementares. Para, também, abrir caminho ao entendimento de que a imaginação do brincar acordará toda sua potência terapêutica se respeitada em suas gradações: se a criança receber

do fogo da terra, esse fogo imaginal, as sutilezas e densidades adequadas à sua busca. Assim, de fendas muito recuas brotarão coriscos ônticos. Intuições da jornada.

Fogo e terra se unem no brincar por níveis de força e capacidade de ‘consolar moléstias’. Pela imaginação material fogo e terra abrem veios geotérmicos e imagens da gesta e podem, lentamente, quebrar soldas, limar ferrugens das chaves fundidas pelo fogo dolorido dos complexos. Os temores (inflamações assim como esfriamentos), reprimendas e recalques riscam, com ponta de ferro, fundos riscos e ranhuras nos metais mais nobres e sensíveis da imaginação das crianças.

Comecemos, então, pela personalidade das mãos da criança, ‘quando’ (as mãos e o tempo), desde o capítulo anterior, temos admirado suas obras, recebido suas ofertas e ouvido de seus murmúrios. Aqui, uma das tarefas mais ousadas na imaginação do brincar é fazer das mãos os instrumentos calóricos do ferreiro e do oleiro. Criança não tem forja, bigorna, nem fornalha, sua oficina é o sonho substancial da imaginação material, sonho que, pela ferramenta fenomenológica, poderemos revelar uma ontologia. Pelo acompanhar do esforço manual poderemos encontrar meninos em sua olaria; meninas e foles (sopro) de cozinhar; meninos em sonhos de bigornas; meninas padeiras.

Assim, as mãos da criança e a massa remetem a uma imaginação de cozinha. Os brinquedos da mistura, da fusão de propriedades espessas, das gosmas, das lamas trazem quase sempre o sonho da cozinha, especialmente nas meninas. Aqui, as imagens da preparação, da atividade festiva, das conversas alimentares, dos sabores, dos cheiros passam pela atividade prazerosa das mãos. A cozinha é um dos espaços mais produtores de imagens lúdicas para a criança. Ela contém quase toda a natureza encerrada ali. É o mundo lúdico dos quatro elementos na casa.

Cozinha e natureza na imaginação da criança muito se aproximam. Pela preparação dos alimentos, pelo manuseio dos elementos, pela presença das mãos, a criança que ali entorna vive um sonho de delícias e conforto, de generoso trabalho com o mundo elementar, principalmente, se a casa é grande, de muitos irmãos e a cozinha de mesa larga antiga e fogão à lenha. O lenho, as seivas do lenho extraídas pelo fogo, as massas sovadas e aquecidas pelas mãos, os azeites, o sal, o trabalho de calor lento que aquece a alma e cura por oleoso gotejamento os temores e angústias.

Quantos de nós que vivemos dias de festa em casa, quando criança, consegue se lembrar da cozinha como um espaço de grande alegria pela integração dos cheiros e sabores e o trabalho ativo incessante da transformação dos alimentos? Qual dos meninos e meninas bons de imaginação não se lembra das mãos de sua mãe preparando a massa, sovando o bolo, destruindo, com a colher de pau, os deliciosos cristais de açúcar por entre os ovos e o trigo pastoso da tigela? Um menino de cozinha, de ludicidade alquímica, certamente já disputou com seus irmãos a lambida final do resto da massa crua do bolo de chocolate deixada no recipiente. Por isso, Bachelard, com precisão do olhar nos diz:

“Afastar a criança da cozinha é condená-la a um exílio que a aparta dos sonhos que nunca conhecerá. Os valores oníricos dos alimentos ativam-se ao se acompanhar a preparação... feliz o homem que, em criança, “rodou em volta” da dona de casa!” (BACHELARD, 2001, p. 69).

Nas comunidades tradicionais a cozinha, muitas vezes, transforma-se em comunitária e o preparo do alimento é dado aos homens, mulheres e crianças. Cozinhas coletivas para trabalhar com os frutos das colheitas. A cozinha se amplia para a casa de farinha, para o engenho. Os sonhos alquímicos das crianças ganham proporções renovadas, pois os artefatos dessas cozinhas contêm muito mais imagens de destreza no uso das ferramentas e muito mais peculiaridades do trabalho elaborado com as substâncias e seus pontos.

Esses ‘materialismos delicados’ (BACHELARD, 2001, p.69) estão bem vivos nos trabalhos da garapa, no cenário lento do ‘boi pachorrento’ (FREYRE, 2004, p.45) a girar a moenda da cana. Aqui, os brinquedos, habitam um mundo do trabalho adulto, são literalmente brinquedos do trabalho. Muitas crianças participam dessas tarefas sazonais e vivem a festividade alimentar de toda comunidade. Realizam suas imagens da massa, da matéria mole, em diferentes níveis do fabrico. Carrinhos de duas rodas e forquilhas longas que se apoiam nos ombros são construídos para o transporte do refugo colhido na moenda da cana, de um bagaço (joborna) de cheiro forte que será alimento para os porcos. São os chamados carrinhos de joborna.



Figura 41 - Construção e imagem do carro de joborna

Esses carrinhos percorrem os caminhos do engenho para o despejo da joborna, trafegam em brincadeiras de velocidade dos transportadores das massas. Despejos atirados para ouvir o estrondo, o gemido do refugo molhado da cana, mas o mais sonhado ainda está por vir.

O puxa-puxa é o mais esperado brinquedo do engenho. Toda comunidade de engenho vê sua infância no puxa-puxa. Essa massa doce que tantas formas ganha. Que com ela, entre os lábios e as mãos, “nunca se para de sonhar” (BACHELARD, 2001, p.70). Os velhos tiram suas dentaduras para, mais uma vez, nas delícias do puxa-puxa, recuperar seus devaneios de meninos, devaneios da doçura. Um menino de engenho, imediatamente, vê as massas da cana em metáforas do doce mundo do brincar, das recompensas leves do açúcar. O açúcar, no brincar do engenho, da massa dourada e quente, da fumaça oriunda das luminuras do fogo, aira o imaginar para os refinamentos da matéria, para o mais sutil, para a gradação dos influxos mais etéreos. O puxa-puxa é um brinquedo de refinamentos. Seu tato é quente e delicado. Seu manuseio é constantemente estudado pelos dedos que se revezam delicadamente para não colar no açúcar que ainda não se definiu entre o calor e a massa.

Os dedos ganham uma personalidade diplomática neste açúcar de brincar. O puxa-puxa não é um alimento, é um brinquedo, é a ‘brinquedoteca’ degustativa do engenho. Alguns meninos, não se contentando com a sazonalidade do engenho, construíam seus próprios

engenhozinhos de brincar. Brincavam, certamente, na envolvimento das doçuras. Todo um mundo do trabalho, de tropas de burricos de pedra com cambitos de goiabeira para conduzir a cana, de lenha para o fogo, de pequeninas ferramentas e utensílios de fabrico, todo um universo era recapitulado nesta imaginação da doçura, nessas vontades de puxa-puxa.

Ainda, nesse sonho alimentar do brincar, das massas e generosidades da imaginação material, pode-se ver nas farinhadas, “nos batuques das batas de feijão, milho, samba de roda” (LODI, 2004, p. 51) de uma Bahia dos anos de 1930, assim como de um Brasil também atual, com pequenos nichos sertanejos, quilombolas, pescadores e povos da floresta, uma qualidade de inspiração lúdica que diretamente enreda suas crianças neste universo festivo e alimentar. Universo do brincar comunitário, com valores de partilha comunitária, pois aqui os adultos reconhecem e integram o brincar, integram a infância ao mundo alimentar, ao trabalho, em que as próprias crianças doam sua força, seus sonhos. Ainda há um grande Brasil que rende e perpetua fios antigos do imaginar.

Os sonhos das massas e o calor, os segredos das cozinhas, capturam muitas crianças para uma vontade da entrega, para uma generosidade sem precedentes do mundo material, para os nascimentos e transformações telúricas, para um ‘vir à luz’. Aí, encontram-se, no feitio do pão, no confeito do bolo, no ponto dos doces, instruções de generosidade, de zelo das mãos, de participação operária, de facilitação das ‘obras da natureza’. Ferreira-Santos assim nos mostra as imagens primordiais do forjador como herdeiro do ceramista e seus utensílios da vida alimentar:

É importante lembrar que o ferreiro, por sua vez, é herdeiro do oleiro primordial. Na passagem filogenética das hordas caçadoras ao advento das civilizações coletoras-agricultoras, a introdução das técnicas cerâmicas é fundamental para a coleta e armazenamento do tesouro vegetal, garantia do alimento. Na arqueologia do ferreiro encontramos o oleiro primordial. Um númen nipônico que atesta essa íntima ligação é um dos *Sete Deuses da Sorte*, *Daikoku*, protetor da saúde, da riqueza e dos agricultores, sorridente e alegre, sempre representado, precisamente, com um martelo ou malho em uma das mãos e um saco de arroz nas costas ou ao seu lado. Geralmente há ratos mordiscando o saco e deixando vazar arroz. Daí sua íntima e profunda ligação com a terra e o fogo (FERREIRA-SANTOS, 2005, p.95).

Nas brincadeiras de guisados e panelinhas (obras do oleiro) onde as meninas realmente cozinham em suas casinhas de brincar e preparam as mãos para o trabalho generoso, se ativa as imagens do calor, útero da terra, que doura os sonhos alimentares e da intimidade celebrada, partilhada. As mãos, no brincar de cozinha, se autenticam nas imagens da colheita rica na lavoura dos pais agricultores e, por isso, imagens dos ciclos ctônicos, generosos, postos a doar, a servir.



Figura 42 - Brincadeira de guisado - casinha de bambu - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski

Meninas de comunidades tradicionais, de agricultores artesanais, antes das brincadeiras de cozinha vão aos cilos (úteros da terra), às despensas de suas casas buscar os grãos. A alegria de uma menina que brinca de cozinheira está em bem servir, servir com sabor, comida quentinha, aos que vêm comer. Em minhas pesquisas pelo sertão, muitas vezes, fui convidado pelas meninas para comer de seus guisados, de fava e arroz descascado no pilão. Muito me chamava a atenção, quando eu próprio me convidava para um próximo almoço, deixando-as em festa, em tantos preparativos e imaginações de servir-me bem no próximo dia de guisado. Esses sonhos da cozinha vêm, quase sempre, integrando o simbolismo dos quatro elementos. São sonhos de têmpera, tem o fogo íntimo no centro. Na cozinha brinca-se com terra, fogo, água e ar ao mesmo tempo, mas o fogo é o regente transformador.



Figura 43 - Preparo das comidinhas com o fogo – Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski



Figura 44 - O fogão à lenha é o centro do brincar das casinhas - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski

Para além da cozinha e dos alimentos, nas matérias moles, quando a criança se inicia na amassadura, antes da modelagem, quando ela trabalha com a lentidão da vida material, podemos verificar com maior clareza uma relação de sonho com a matéria. Há aqui, muito mais, um estado de imaginação experimental do que propriamente as pretensões da mão hábil do escultor. Há, especialmente, um estado de entrega onírica ao mundo material. Não há uma intenção prolixa em esculpir, ou reproduzir uma cópia de algum modelo. Por isso, constatamos que aqui existe um limiar entre o sonho e a realidade sempre presente nas práticas do brincar. E este é o objetivo que perseguimos constantemente neste estudo [...]

“tentando surpreender antes os sonhos de modelagem do que o sucesso de uma mão sábia e destra” (BACHELARD, 2001, p.76). Buscando a viva dimensão do sonho que organiza o brincar.

Assim também, em seu trajeto oposto, a matéria do brincar se agrega aos ‘cachos’ de imagens. Desse modo, as massas interiorizam a matéria lenta, o tempo elástico, os valores da maleabilidade e da espera, integrando ao ser imagens do aguardo sem cisões, fluídico que, aos poucos, encontra sua forma, seu tempo de secagem, suas figuras de brincar. No brincar das massas não há interdição abrupta, lições do rigor e da força. Há sim, intenções de concavidades, de receptividade, de utensílios recipientes. Há o tempo do calor lento que coze, une, germina e funde as propriedades.

Há maior animismo, vida nos animais de brincar. A criança nas matérias moles doa mais alma, fogo, a seus bichos do que na matéria dura. Sente-se mais criador, mais demiurgo, mais intimamente doador de vida do que nos materiais duros. A personalidade de seus bichos é sempre mais visceral, réptil, de pele mais viva e primitiva do que a de um cavalinho de pedra.

Esse amassamento do brincar, que nem sempre gera formas, é também uma lição de refinamentos perceptivos, de misturas em medidas certas, de dosagens e trabalho do sistema sensório-motor mais fino. Trabalho este que traz virtudes de delicadeza à personalidade dos dedos, e tonificação das camadas musculares mais fundas. Um *chi kung* imaginário acontecendo nas camadas imagéticas mais íntimas ao “núcleo de infância [...] o reino do si-mesmo, do Selbst evocado por Jung” (BACHELARD, 2008, p. 102).



Figura 45 - Os dedos e a modelagem do barro - Oiticas - CE
Figura: Gandhi Piorski

Os dedos que aprendem a delicadeza do brinquedo mole esculpem na alma uma solidão de memórias anteriores ao ser, de bichos e utensílios arcaicos. Facilmente, podemos comparar os brinquedos de barro das crianças com sítios arqueológicos de povos ribeirinhos, ou produções de grafismos pré-colombianos. Comparar no nível imagético, não de uma equiparação de qualidade e domínio da técnica. Aproximando-se mais das forças ativas da imaginação quando comparamos. Das formas animais primitivas como os répteis, animais monstruosos ou fantásticos, bonecos e bonecas feitos do pó da terra, o proto-humano.



Figura 46 - Casal de mãos dadas - barro e adornos vegetais - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski

Meninos e meninas aperfeiçoam a criação, continuam o trabalho do criador, como Ogum, que espalhou homens feitos do barro por sobre a terra. Esse sonho primordial da criação, do fogo gerador, da forma humana oriunda do pó da terra revive-se no brincar. “No continente negro, pela tradição yorubá, “*Ogum* [...] encarregado pelo próprio *Obatalá* (ser supremo) de dar continuidade à criação, do barro molda os corpos humanos e os coloca no ventre ctônico do forno” (FERREIRA-SANTOS, 2005, p.97).

São temas recorrentes na modelagem das crianças de comunidades tradicionais e das civilizações antigas, denotando grandes forças ativas de sonho no brincar, pois “se o sonho produz monstros é porque traduz forças” (BACHELARD, 2001, p.187). Expressa uma grande vitalidade nas imagens do brincar mole, entre as mãos e o barro, onde a intimidade e o conforto das mãos aguçam campos oníricos da criação, do mito da origem. Assim também, o brincar com a matéria mole remete a todo um primevo mundo de utensílios maternos, recipientes, recebedores, acolhedores moldados por uma ontogênese das imagens da nutrição, da germinação, dos ciclos de nascimentos e colheitas, das culturas agrárias.



Figura 47 - Panelinhas, pratos, pequenos animais - barro queimado nas fogueiras de brincar - Lajedo e Oiticicas - CE
Figura: Gandhi Piorski



Figura 48 - Panelinhas e sementes – barro esculpido e queimado nas brincadeiras - Lajedo - CE

Figura: Gandhi Piorski



Figura 49 – Pratos, panelinhas, bules e bucha natural para lavar os utensílios – Lajedo - CE

Figura: Gandhi Piorski

As brincadeiras de comidinha e panelinhas são, muitas vezes, mitemas da grande terra que nutre e devora, de vida e morte que transitam pelo fogo da transformação. Essas forças imaginárias ganham maior brilho do espírito criador por se unirem ao fogo. As massas moles, as modelagens das panelinhas e as cozinhas de brincar, geralmente, acompanham-se do sonho do fogo e todo o seu universo simbólico da fixação, da conclusão da obra, da finalização de um processo, da materialização (o vir à luz) de um sonho. São brinquedos da conclusão, da transformação que põem fim a um drama, que cauterizam cisões.

Fogo e terra, matéria mole e temperatura, são pares de imagens que muito fortemente atualizam atividades antigas. Um brincar criacional, axial, central. Uma espécie de preparação, uma sublimação para a vida material dura e do embate. Um brincar gentil de moleza e inicial de calor, que aos poucos dá vida e personalidade às mãos, ao corpo, ainda tenro para a matéria dura. Uma gradação da substância mole para a dura é uma preparação de uma imaginação que flui do menos espesso para o mais denso. Dos valores da entrega para os valores da luta.

Assim, para os meninos marcados de começos difíceis, de partos traumáticos, filhos primogênitos, que assimilaram as culpas e cargas familiares, de imaginação embotada, que muito cedo assumiram responsabilidades, ‘queimaram’ sua primeira infância, não puderam ‘se criar’ nos mitemas da criação, superprotegidos e sufocados nos ‘eus’ de suas mães, que tiveram sua criatividade reprimida e podada, terão grandes benefícios ao se dirigirem para os centros destas pares de imagens geotérmicas, de barro e fogo, de massa e calor, de corpo e espírito. Fazer pão, assar bolo, modelar livremente e queimar suas panelinhas, vasos e bichos, conhecer os ceramistas e seus tornos, fazer tijolinhos e construir. Viver por dias seguidos como vive o oleiro, com as mãos no barro.

A mão - cérebro e razão do brincar telúrico - viverá, por algum tempo, atolada no barro. O coração - órgão do entusiasmo (*en- theos*) - viverá nesses dias de olaria, vinculado ao fogo mágico. Fogo que sintetizará, encarnará seu projeto criador. Este ciclo da razão criadora ao coração atualizará, através das imagens, os começos, os inícios, o homem moldado na olaria dos deuses. Reconstituindo os elos imaginários para o começo da vida, conduzindo a criança para as imagens de um começo mais profundo, central, de fundamento metafísico. Abrindo, assim, o sonho para um marco transcendente, anterior a dor, ao difícil começo biográfico. Imagens substanciais para uma reorganização inicial. Novas possibilidades de recomeço a partir de imagens da forja essencial.

Quantas de nossas crianças precisam viver o sonho do oleiro, do ceramista? Quantos meninos necessitam dos brinquedos do Gênesis? Quantos pequenos Demiurgos necessitam fazer-se Adão para reencontrar suas rotas iniciais e povoar – com verdadeira alegria - a terra? Quantos pedagogos saberão conhecer a vida imaginária de seus alunos para fazer esta contagem?

Fundamental é perceber cada criança, conhecer cada alma, regar com atenção cada flor. Não podemos criar fases do brincar, idades para brincar disto ou daquilo. Não propomos

um evolucionismo do brincar, nem queremos definir tabelas psíquicas. A palavra é da criança. Seus gestos, desenhos, adjetivos e verbos, suas construções e pedidos por materiais, nos indicam os percursos de sua alma.

Bachelard sugere essa perspectiva quando fala das ‘idades materiais’ (BACHELARD, 2001, p.87). Pelo estudo da imaginação da criança voltada à matéria, à sua criação livre, à sua reinvenção do mundo, podemos compreender as idades materiais que, na verdade são ‘épocas’ do ser onde se ramificam em cada criança constelações de imagens. Que não podem ser definidos como fases, sejam elas anais, ou pré-silábicas ou quaisquer que sejam, mas como o ‘tempo local’ de Paracelso (DURAND, 2008 p.86), a ideia de ‘destino’ em Durand, ou tempo individual de cada ser, de cada criança, para integrar cada matéria ao seu brincar.

“A educação deve entregar no tempo certo à criança as matérias de determinada plasticidade que convenham mais às primeiras atividades materialistas” (BACHELARD, 2001, p.87). Esta afirmação de Bachelard não contém traços classificatórios, de delimitação, de tabela organizacional, que tanto interessa às pedagogias do manual de faixa etária. Por outro lado, indica o caminho da gradação dos materiais como gradação imaginária. Para cada material dado à necessidade de tempo e ritmo de cada criança, um nível de mergulho e expansão no campo das imagens. Um estímulo e uma tonificação; uma introversão e uma extroversão.

O brinquedo tem demonstrado, ao longo dessa dissertação, que a imaginação material, na criança, invade todos os campos da matéria. A criança se interessa por tudo o que está à sua volta e aos poucos vai especificando seus materiais de maior interesse. Atualmente, já é percebido por alguns pediatras e há muito é descrito nos tratados de medicinas antigas, que se a criança pequenina gosta muito de comer determinada fruta é por que lhe faz bem ou, no mínimo, lhe fará bem, pois o gosto em comer potencializa sua eficácia. Assim também, funcionam suas funções ‘gastroimaginárias’. Quando a criança, dentro de um espectro amplo de materiais, como é o mundo natural das comunidades tradicionais, escolhe alguns para brincar sozinha ou em grupo, ela rege-se por um anseio ‘imago alimentar’, por aquilo que melhor nutrirá sua vida anímica.

Evidentemente, em determinados períodos as vontades são mais coletivas, mas dentro dessa coletividade há especialidades de interesses. Nas casinhas estão as meninas ceramistas torneando as panelinhas; tem as cozinheiras sentinelas do fogo, tem as varredeiras das piaçavas, as inventoras dos cômodos novos, as mães das bonecas, as que fazem as compras.

Podemos, então, encontrar o material dado no ‘tempo e destino’ de cada um, a partir das escolhas que nascem. Uma menina muito sensível, exposta a conflitos familiares, devotada em agradar seu pai agressivo, de espacialidade confusa, sempre enjoando no ônibus escolar quando as curvas são muitas, certamente será mais apazível o conforto das mãos numa matéria mole do que o embate material das ferramentas de martelar ou serrar ou partir. A olaria do que a bigorna. Se lhe for insistida a matéria do embate, provavelmente, sua mão enfraquecida confirmará uma fraqueza diante do mundo, a aspereza insuperável da vida material.

Mas se, aos poucos, as matérias forem sendo descobertas em gradação, do mole ao duro, um dia poderemos ver a menininha numa bigorna de carrinho de latas. Sublimando sua dor num trajeto que vai da receptividade material do barro, ao conflito telúrico da matéria desafiadora. “Mais tarde uma imaginação normal deverá endurecer, precisará conhecer tanto a madeira como a pedra, o ferro afinal, se quiser ter acesso à virilidade máxima” (BACHELARD, 2001, p. 88).

Do mesmo modo, poderemos encontrar um caminho no sentido inverso para um menino que é estimulado por seus pais com carinho egocêntrico, ansioso, vitalizado em excesso por imagens verticais da força, do fogo demasiado dos jogos eletrônicos, do consumo, das muitas atividades, dos estímulos narcísicos à sua já aguçada inteligência que agora denota feições de agressividade. A matéria dura e seu embate grosseiro poderão ser seu interesse maior, mas com pouca paciência para os detalhes, com olhar rápido que não se detém muito tempo em examinar.

Esse menino, se despertado para a investigação funda dos materiais, para as nuances demoradas dos desafios, para a construção por partes de um carrinho de latas, mais adiante poderemos vê-lo atenta e calmamente desenhando as escamas de um peixe na argila modelada, ou muito interessado nas partes da confecção de um bolo até sua cobertura final. Poderemos vê-lo pedindo ajuda à menininha tímida que não suportava seus barulhos e gritos de super-herói estabanado.

Assim, a menina o verá como artesão de gestos mais conscientes e ele - que a via como a menina sem vida e cansada - agora a verá como uma arquiteta observadora de boas críticas às suas investidas de martelo e prego na montagem dos flandres do carrinho.

Não há receita. Há, sim, necessidade de aprendermos do olhar, do ouvir, do sentir. A

nossa imaginação material, se quisermos conhecê-la, poderá ser uma boa guia de percepção e leitura do campo de fruição das crianças. Não negamos os tempos, as idades que regem determinados momentos da vida. As fases são margens e contornos importantes para entendermos alguns anseios fundamentais da criança, não temos dúvida. Mas elas, certamente, se inserem em campos de experiências individuais muito amplos que dizem respeito à universalidade do espírito humano. Podemos, é claro, fazer uma leitura da predominância de determinadas necessidades da criança em épocas de sua vida como, aliás, temos citado neste trabalho. Mas isto não é referência de receita pedagógica, de institucionalização de brinquedos e brincadeiras para determinadas fases.

Este trabalho vem sendo construído ao longo de anos de pesquisa do brincar em comunidades tradicionais, de brincar livre, do interesse liberto das crianças por materiais. Todas as crianças em todas as idades, de algum modo, acompanham o brincar dos outros. Se não brincam com determinado material por terem medo, como o fogo, por exemplo, mas contemplam aquele modo de brincar. Aliam-se, ao contemplar, com o onirismo inscrito nos corpos dos meninos mais velhos e nas substâncias da brincadeira.

O fogo da terra, no brincar, é um fogo dos mundos internos, das camadas subterrâneas. Um fogo que corrige e purifica, como Hefaísto coxo capaz de reordenar a vida, de corrigir a natureza. Diz Ferreira-Santos, ao citar Durand que afirma: “como Hermes, como Asclépio, Vulcanos-Medicus é um ‘Mediador’: ele coloca as coisas em ordem ainda que ele próprio venha a coxear, ele corrige, ele retifica” (FERREIRA-SANTOS, 2005, p.102).

Corrigir, retificar, salvar tem seus paralelos com as festas de renovação. Ferreira-Santos, a esse respeito nos diz: “Outra festividade em homenagem a Hefaísto é a ‘Lampadedromia’: uma corrida de fochos de fogo acesos, cuja função é a renovação do fogo no movimento cíclico da vida e da morte. No bairro de Ceramico, a Khalkeia (Calquis), festa dos metalúrgicos era também presidida por Hefaísto e Athena” (FERREIRA-SANTOS, 2005, p. 102).

Graduando, sutizando, um tanto mais as imagens do fogo da terra, poderemos encontrar um fogo menos denso, mais sutil na imaginação de uma ‘Lampadedromia’, atualizada numa noite de fogueiras no sertão.



Figura 50 - Lampadedomia do brincar - palha de aço e fogo - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski



Figura51 - Chispas da forja do brincar - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski



Figura 52 - Menino Vulcano - Lajedo - CE
Figura: Gandhi Piorski

Meninos não narram suas brincadeiras com o fogo como festejos de renovação, mas a imaginação do menino renova-se nessas forjas, que se ‘precipitam para o céu’, que unem céu e terra pelo espírito, o fogo, do brincar. Renova-se na circularidade, no cíclico desenho impresso no ar pelo ‘malho’ (palha de aço) cósmico nas mãos do menino, que jorra tempestade e inscreve profundezas na alma das crianças. Vejamos o que diz Ferreira-Santos:

As chispas que saltam das marteladas reproduzem os raios que se precipitam nos céus em dias de tempestade. O cotidiano das forjas é de tempestade. Muito antes de identificarmos na oficina do ferreiro as marcas titânicas de um trabalho diurno e solar, é preciso adentrá-la para perceber que o universo que ali gravita é o das profundezas (FERREIRA –SANTOS, 2005, 95).

Concluindo nosso estudo, apenas apresentamos mais essa forma de graduação das imagens do fogo da terra a partir das Figuras 50, 51 e 52. Até agora, seguimos um caminho investigativo que sondou primeiramente o fogo no centro, imbricado, nas matérias moles das brincadeiras do elemento terra. Em segundo lugar, num grau maior de sutileza, mais liberto dos materiais, sondamos o fogo como elemento transformador no cozimento e assadura das substâncias. E, por último, mostramos o fogo um pouco mais sutil da brincadeira telúrica, o fogo pelo fogo jorrando chispas, renovando, retificando o imaginar.

Uma terapêutica imaginária em suas possíveis formas de graduação dos elementos pode chegar a verdadeiras terapias livres do brincar, pois quando a criança se aprofunda na

busca do fogo dentro dos materiais moles de cozer, mergulha em imaginação de partilha e celebração, de serviço e doação. Nutre-se e aquece sua alma em intimidade de ninho e conforto. Quando a criança experimenta a vida do oleiro e trabalha com a suavidade do barro, com uma força branda e justa à sua medida, encontra as imagens recipientes, répteis, proto-humanas, atualiza-se nos primórdios da forja. Em contrapartida, o fogo externo, a substância do fogo, suas chispas e labaredas nas noites de fogueira têm um calor de mais imagens retificadas, pois instiga para a superação, expõe o corpo ao contato purificador das brasas, alia as imagens aos veios das iniciações e passagens para um novo estágio de consciência, queima os medos mais profundos, atualiza o onirismo do herói, identifica explosão muscular com efusão luminar.

Desde os níveis de calor dos brinquedos do cozimento, passando pelas modelagens e chegando às brasas e chispas do brincar, temos gradações de imagens ígneas do chão, que iniciam um ordenamento nas crianças. Dadas em seu devido tempo, no tempo da busca de cada criança, promovem uma ritmada fruição. Brincadeiras da cura, da cicatrização, de animismo imunológico e desinflamação. Brinquedos probióticos do convívio. Apuro das essências e douro luminoso das virtudes bem guardadas.

A alquimia do fogo no brincar é a alma em busca da maturação que, por si, não se dá sem a transformação calórica. Assim, *Comarius*, um alquimista grego, nos diz:

Ora, eu lhes digo, a vocês que são pessoas sensatas: as plantas, os elementos, as pedras, quando vocês os tiram de seus lugares [naturais], parecem estar maduros. Eles não o estão, no entanto. Quando eles terão revestido a glória que vem do fogo, e a cor radiante [que dele resulta], então se manifestará sua glória oculta, a beleza tão procurada e a transformação divina produzida pela fusão. Pois eles estão alimentados no fogo, como o embrião, no ventre da mãe, cresce pouco a pouco. Quando o mês regulamentar se aproxima, [o embrião] não é impedido de nascer. É dessa maneira que procede essa arte admirável. As vagas e as ondas sucessivas desagregam os produtos do Hades, no túmulo em que foram depositados. Mas, quando o túmulo tiver sido aberto, eles remontarão do Hades, como o embrião sai do ventre [de sua mãe] (BONARDEL, 2012, p.68).

Aqui finalizamos, paramos, fechamos a forja calórica das brincadeiras, apenas para logo adiante, num futuro trabalho reiniciar, pois entre o chão rochoso e a matéria ígnea celeste do brincar temos mais dois elementos frutuosos de brincadeiras. Para chegar às últimas gradações do fogo telúrico, teríamos que nos deter nas águas calóricas que evaporam ar quente e sobem, sobem ao mais sutil fogo, fogo aéreo dos combates de pipas no ar, da bigorna e martelo do menino bravio que prepara o cerol e os sonhos indômitos de si próprio alçar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento bachelardiano, em especial, alçou-me a percursos profícuos das práticas das crianças. Por ele pude trilhar com menos ilusões de hierarquias epistemológicas. Recebendo as virtudes libertadoras de sua filosofia, a coragem poética se fazia gramínea – muito pequenina ainda, mas viçosa - nas beiras dos montes altos, onde é possível sentir o halo boreal de um devir vívido, do verbo, um devir sem medidas. Gotejado deste halo intemporal, nasceram percepções madrugais, orvalhadas do consolo Heraclítico de que nada mais há se não o próprio devir. Não há chão seguro. Não há objeto nomeável que sustente uma substância na eternidade. Não há razão que, de pé, firme-se às intuições do primordial silêncio. Como afirma Roger Caillois:

“...se não existem casos em que a lucidez custa demasiado. Eu me nego a imaginá-lo. Para falar a verdade, a ideia continua me parecendo algo quase sacrílego. Mas me persuado cada vez mais de que é preciso aprender a conciliar a lucidez com outra coisa, que ela não inclui necessariamente e que até a contradiz. Tenho consciência desta estranha e nova exigência como de uma apostasia principiante, e ignoro se é resignação ou conquista” (CAILLOIS, 1980, p.11).

Nosso trajeto de estudo, que caminhou pela alma infantil, insistiu, com incidência, no decorrer de todo o trabalho dissertativo, a esgueirar-se para esta *outra coisa* com a qual a lucidez necessita aprender a se conciliar. Mostrou diversas vezes as feições do imponderável e daquilo que encontra-se com as reminiscências do esquecimento de Ricoeur, ou do silêncio primordial de Santiago Kovadloff, ou mesmo com a contrição que Kant encontrou na imaginação. Contrição capaz de captar, intuir o suprassensível para instruir a todo pensar as feições do inefável, do totalmente outro.

Flagrantes contínuos, sustos reflexivos, surgiam como que da linhagem das caiporas e sasis, galhofeiros e castigadores das vagas do texto dissertativo que desprendia-se inadvertidamente para uma gnose da criança inspirada em Corbin, ou uma vacuidade budista, ou mesmo a essência íntima da beleza atualizada, como conceito, por Schopenhauer. Tais sustos exigiam cada vez mais esforço conciliador entre poética livre e trabalho dissertativo. Exigiam cada vez mais novelos de linhas que atassem a ponta do fio conceitual bachelardiano (de vertiginosa potência poética) à lavra de alegrias do brincar, que ininterruptamente insufla asas às palavras.

Mas só nesse esforço foi possível - confesso que não de todo - permanecer no rastro fenomênico da imaginação do brincar. Pois imaginação é de tantas portas que o fenômeno nos escapa e ainda prepara nosso escorrego para dentro do imaginar. Quando vemos, os devaneios, os sonhos, já assaltaram nossa análise. Mas como é do sonho e da imaginação que tratamos, restou-nos nessas horas, ao menos, ajustar o substantivo à sua substância e atirá-lo – como um dote - delicadamente para o verbo dinâmico da imagem da qual somos refém. É como o resgate de um sequestro. Precisa ser na medida da exigência do sequestrador. Entretanto, na maioria das vezes, nos vemos *animus* (reflexivo), apaixonado pela ladra imaginação exigindo de nós resgates poéticos, lúdicos e estéticos.

Contudo, no encalço das imagens do brincar, foi possível refratar um ordenamento que a brincadeira trás às crianças. Potenciais guardados na imaginação possíveis de acessar pela brincadeira livre. Possíveis de ganhar maior energia criadora, transformadora, se reconhecidos pelos educadores, pelas pedagogias, pelos pais. O suporte teórico por nós utilizado, foi apenas o que consideramos mais adequado para expressar. Mas pelos estudos da interdisciplinaridade outros caminhos podem levar a uma ressonância do dizer das crianças.

Na intimidade do brincar pudemos demonstrar brinquedos enraizadores, que na medida do encontro de cada criança, valoram o silêncio, a introversão, o ouvir de si. Equanimizam extremos, tonificam o medo, acordam a vontade. Por outro lado, na extroversão do brincar, descortinamos a luta criadora com a matéria e o que isso ressona de autoinstrução para a criança. Mostramos que as imagens da integridade, do senso de justiça, do direito, da resposta à altura, aportam proliferando percursos para um aprendizado generoso, do idealismo, da transformação.

Foi possível, com as ferramentas da hermenêutica simbólica, encontrar na imaginação da brincadeira a capacidade instaurativa de universos diversos no cosmos social. Universos imaginais capazes de organizar uma terapêutica dita pelo fazer da criança. Mas que, reconhecemos, ainda não foi possível apreender a anatomia dessa regência curativa, pois dependemos de um estudo ainda mais amplo que diz respeito à interação dos 4 elementos no brincar.

Somente pela interação dos elementos, quando um permeia o outro na fruição imaginária da criança, é que poderemos ter aportes mínimos, iniciais para permitir com maior consciência (no trabalho de uma pedagogia das imagens) a fluência da criança com ela própria. A facilitação através do encontro com seu ritmo. A possibilidade de vinculá-la a seus

próprios anseios de similitude e autoinstrução. A mais potencializada autoinstrução na infância é quando se facilita a sintonia com seu ritmo, com sua confiança, com sua corporeidade. Quando há esse aporte, as grandes imagens plantam-se dinâmicas para toda a vida da criança.

Por esse motivo fizemos um ensaio inicial de examinar, no último capítulo, a imaginação do fogo intimada à terra do brincar. Encontramos essencialmente poder restaurador, emendas de fraturas, superação. Mas temos convicção de que isso não basta para encontrar uma proposição terapêutica a partir desses hormônios do imaginário. Há ainda pela frente uma larga tarefa que busca vertebrar as principais e organizadoras imagens de uma terapêutica social do brincar.

Mas já aqui, nessa dissertação, há um começo. Um estudo, até certo ponto, detalhado deste primeiro terreno do brincar, os brinquedos que vinculam a criança ao chão. Com ele já temos os primeiros e vivíssimos indícios de que o dizer da criança é um dizer do ‘si mesmo’ de si. Suspenso da moralidade, e por esse mesmo motivo, pronto, ativo, entranhado às transformações, capilarizado de ressurreições.

Esses indícios nasceram das proposições usadas, em cada capítulo, para reconhecer os modos da criança de se vincular ao mundo. Por isso inicialmente estudamos os brinquedos da intimidade, pois esse é um dos primeiros movimentos da criança que imagina o brincar. Ter intimidade com o mundo. Também nessa mesma compreensão, apontamos como caminho para encontrar os fármacos da brincadeira, uma segunda proposição de referência: o jogo de introversão e extroversão, o desejo de intimidade para fora, para o dentro do mundo; e o desejo de intimar o mundo em si próprio, para o dentro de si. Pudemos ver que nessa complementariedade de movimentos existem inúmeros brinquedos e brincadeiras capazes de criar percursos de confiança e equilíbrio para a entrega do viver.

No último capítulo encontramos respostas significativas de mais uma referência propositiva, mais uma vértebra, para uma terapêutica das imagens do brincar: a resistência. Essa outra forma de vinculação da criança com o mundo, nos trouxe feições da vontade que habita a infância e seus modos de brincar. Brinquedos da vontade que podem extirpar invisibilidades corporais, conscientizar os músculos, soldar virilidade e desejo de luta, moderar o dissenso de eixo, abrandar a fúria instintiva. Brinquedos que convocam o fogo, como no último subitem do capítulo 3, para a imaginação da terra e atualizam a demiurgia, a

criação genésica, as qualidades do fogo manso e generoso dos fogõezinhos e cozinhas das casinhas.

Brinquedos de um imaginar rente à terra, agudos de suposições do chão, perfazem um tráfego essencial e substancial da alma: encarnar. Viver a própria carne e reconhecê-la. Viver a carne da terra e nela fincar-se. Meninos e meninas, no chão, sonham como Julio Verne em busca de uma alma do mundo, no interior do mundo, no centro da terra. Uma alma entranhada nas substâncias.

Esse cosmos das substâncias do brincar é, na verdade, uma terapêutica onde a imaginação aporta, vinda de longe, de um longínquo navegar. Aporta, calmamente, por vezes exaurida e desforme de tantas intempéries das eras do confabular humano. Outras vezes, fragilizada pela descrença, ou inflada pela contaminação fanática. Também chegam, nesse porto das matérias do brincar, canoas de imagens vivíssimas, sãs, silenciosamente dotadas de grande poder e, aos poucos, cada uma delas, em seus cachos, vão destilando um óleo morno, uma gordura, um balsamo, um tipo de tônico, ou um estímulo, um acolhimento, uma retificação. Novas rotas de navegação são traçadas em cada porto, no devir de cada criança em sua brincadeira.

Cada brinquedo nascido não é inocente de substâncias. Há, para cada material do brincar, um estímulo ou uma apatia, uma mineralização ferrosa ou uma anemia do imaginar. Uma terapêutica de imagens é uma valoração do mundo, uma lição sobre o outro, um construto de abertura, onde as crianças instruem a si próprias.

Mas, não basta uma autoinstrução, principalmente se esta não for reconhecida, pois ficará à margem, sujeita a contínuos sabotamentos, reprimendas, punições, ordenamentos adultos, esquecimentos geracionais, seculares, milenares. A consciência de que o brincar é volição do espírito, é o sopro germinal da alma no mundo, é sacralidade natural da psique, nascerá num vagaroso despertar. Nascerá, muito além destes tempos em que o homem se abarrota toscamente, lutando pelas migalhas de uma ideologia da autorrealização, da autoestima, da eficiência e da praticidade.

Os brinquedos da criança são perenes e dinâmicos fundamentos da alma. Nesse primeiro estudo, apontamentos levam-nos a novos trabalhos futuros. Seguiremos mapeando os brinquedos que revivem na criança o trabalho de substancializar o espírito. As ramificações de imagens que habitam essa síntese são inúmeras, são ferramentas de uma

ampla terapêutica encontrada no fazer desses pequenos irrequietos, trabalhadores, polinizadores da alegria.

REFERÊNCIAS

- AMADO, João. **Universo dos brinquedos populares**. Coimbra: Quarteto, 2002.
- ANDRADE, Rosane de. **Figuragrafia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade; São Paulo: Educ, 2002.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da família**. 2. ed. Reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- BACHELARD, Gastón. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: 1998. (Coleção Tópicos).
- _____. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- _____. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço: seleção de textos de José Américo Motta Pessanha**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).
- _____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Coleção Tópicos).
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Tópicos).
- _____. **A psicanálise do fogo**. Lisboa: Litoral Edições, 1989.
- _____. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Tópicos).
- _____. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Tópicos).
- _____. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Tópicos).
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006..
- BONARDEL, Farançoise. **Filosofar Pelo Fogo: antologia de textos alquímicos**. São Paulo: Madras, 2012..
- CARVALHO, Renata Meirelles Dias de. **Águas infantis: o encontro com os brinquedos e brincadeiras da Amazônia**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____. **Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Superstição no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Global, 2002.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas: a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Tópicos).

_____. **A filosofia das formas simbólicas: o pensamento mítico**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologias da violência: pesquisas de antropologia política**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

DURAND, Gilbert. **A fé do sapateiro**. Brasília: UNB, 1995.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Ciência do homem e tradição: o novo espírito antropológico**. São Paulo: Triom, 2008.

_____. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004. (Coleção Enfoques Filosofia).

ELIADE, Mircea. **Mefistófeles e o Andrógino: comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).

_____. **O sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Tópicos).

_____. **Tratado de história das religiões**. 3. ed. Lisboa: ASA, 1997.

FELÍCIO, Vera Lúcia G. **A imaginação simbólica nos quatro elementos Bachelardianos**. São Paulo: Edusp, 1994. (Ensaio de Cultura, 5).

FERNANDES, Rogério; LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (orgs.). **Para a compreensão histórica da infância**. Porto: Campo das letras, 2006. (Campo da Educação, 13).

FERREIRA, Martha Pires (org.). **Senhora das imagens internas: escritos dispersos de Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2005. (Cadernos da Biblioteca Nacional, 5).

FERREIRA-SANTOS, Marcos. **Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica e educação em Euskadi**. 2. ed. São Paulo: Zouk, 2005.

_____. Cultura imaterial e processos simbólicos. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 14, p. 139-151, 2004.

_____. Respeito pela necessária solidão da criança: a forja da poesia. **Livro do Selo OMO/ UNILEVER**. Programa pelo direito de ser criança. 2012. No prelo.

FERREIRA-SANTOS, Marcos; GOMES, Eunice Simões Lins (orgs.). **Educação & Religiosidade: imaginários da diferença**. João Pessoa: Universitária UFPB, 2010.

GOMES, Eunice Simões Lins. **A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes**: quando a imaginação molda o social. 2. ed. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2011.

GUYAU, Jean-Marie. **A gênese da ideia de tempo e outros escritos**. São Paulo: São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção Tópicos Martins).

HOCK, Klaus. **Introdução à ciência da religião**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
JAMBERTH, Christian. **A lógica dos orientais**: Henry Corbin e a ciência das formas. São Paulo: Globo, 2006.

JUNG, C.G. **Seminários sobre sonhos de crianças**: sobre o método da interpretação dos sonhos; interpretação psicológica de sonhos de crianças. Petrópolis: Vozes, 2001.

JUNG, C. G; KERÉNYI, Karl. **A criança divina**: uma introdução à essência da Mitologia. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Reflexões Junguianas).

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade de julgar**. São Paulo: Ícone, 2009. (Coleção Fundamentos do Direito).

KOVADLOFF, Santiago. **O silêncio primordial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

NIETZSCHE, Frederick. **Os Pensadores: obras incompletas**. 1. ed. Abril Cultural, 1974.

NIETZSCHE, Frederick. **A filosofia na idade trágica dos gregos**. Rio de Janeiro: Elfos; Lisboa: Edições 70, 1995.

O GRANDE tratado de **Alquimia ou a natureza desvendada**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Coleção Arcanum).

OTTO, Walter Friedrich. **Os deuses da Grécia**. São Paulo: Odysseus, 2005.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005. (Coleção Filosofia).

PRIORE, Del Mary (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SILVESTER, Hans. **Natural Fashion**: tribal decoration from Africa. London: Thames & Hudson, 2009.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

STEARNS, Peter N. **A Infância**. São Paulo: Contexto, 2006.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez(Org.).**Imaginário cultura e educação**. São Paulo: Plêiade, 1999.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.